**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**
**CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO**
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO**
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE (PROFLETRAS)**
**UNIDADE DE ITABAIANA - SE**

**EMELSON JOSÉ SILVA DOS SANTOS**

# GÊNERO DE TEXTO CRÔNICA DE HUMOR: ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DE LEITURA EM SALA DE AULA

**ITABAIANA – SE**

**2020**

**EMELSON JOSÉ SILVA DOS SANTOS**

# GÊNERO DE TEXTO CRÔNICA DE HUMOR: ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DE LEITURA EM SALA DE AULA

Projeto de pesquisa apresentado à Universidade Federal de Sergipe, câmpus Itabaiana/SE, ao Exame de Defesa, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras no Programa de Mestrado Profissional em Rede – PROFLETRAS.

Orientador: Profº Drº José Ricardo Carvalho

**ITABAIANA – SE**
**2020**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA PROFESSOR ALBERTO CARVALHO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

237g

Santos, Emelson José Silva dos

Gênero de texto crônica de humor : estratégias didático metodológicas para o ensino de leitura em sala de aula / Emelson José Silva dos Santos; orientação: José Ricardo Carvalho. – Itabaiana, 2020.

100 f.; il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2020.

Material adicional: Caderno de leitura: crônicas humorísticas; reflexão de uma pitada de humor.

1. Língua portuguesa. 2. Crônicas brasileiras 3. Educação - Estudo e ensino. I. Carvalho, José Ricardo (org.). II. Título.

CDU 81’42

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**
**CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO**
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO**
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE (PROFLETRAS)**
**UNIDADE DE ITABAIANA - SE**

EMELSON JOSÉ SILVA DOS SANTOS

# GÊNERO DE TEXTO CRÔNICA DE HUMOR: ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DE LEITURA EM SALA DE AULA

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre no Mestrado Profissional de Letras da Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho.

Aprovado em ____de _____ de 2020.

**BANCA EXAMINADORA**

_____
Prof. Dr. José Ricardo Carvalho -(UFS/Presidente)

_____
Professora Dra. Flávia Ferreira da Silva Rocha (UFS) - Membro interno

_____
Professora Dra. Paula Francineti de Araujo Tavares (IFMA)- Membro externo

**Itabaiana/SE**
**2020**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela dádiva da vida.

À minha família pelo apoio, esposa e filho. Aos meus pais (*in memoriam*). Aos meus irmãos pelo incentivo.

Ao meu orientador, o professor doutor José Ricardo Carvalho, por ter acreditado em mim. Agradeço por toda a orientação e todo o apoio recebido ao longo dos dois anos de curso.

Aos demais professores do curso- PROFLETRAS.

Às professoras doutoras Paula Francineti Ribeiro de Araujo, da Universidade Federal do Maranhão e Flávia Ferreira da Silva Rocha, da Universidade Federal de Sergipe, câmpus São Cristóvão, pelas contribuições oferecidas por ocasião do Exame de Qualificação e da Banca Examinadora.

À Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pelo apoio financeiro.

Aos amigos do PROFLETRAS, pela parceria e companheirismo nesses dois anos.

Aos alunos do nono ano do ensino fundamental, pais, equipe pedagógica e administrativa do estabelecimento onde o estudo foi realizado.

Ao amigo José Batista de Souza, por ter sido amigo, irmão e parceiro durante os dois anos, compartilhando a sua experiência acadêmica para que chegássemos ao término dessa pesquisa com sucesso.

Aos meus outros amigos que ajudaram com palavras de apoio e incentivo. E, especialmente, ao meu grande amigo, José Israel Pereira Leandro, (*in memoriam*), aluno egresso do PROFLETRAS Itabaiana, que infelizmente partiu durante essa jornada, deixando um imenso vazio.

## RESUMO

As diferenças e semelhanças do universo masculino e feminino é um tema de diversas crônicas que, muitas vezes, assume a forma humorística. Nos seus enredos, é possível acompanhar pequenas situações inusitadas que exploram o ridículo humano quando o autor, narrador e personagens refletem sobre o papel de ser homem e mulher na sociedade contemporânea. Para isso, levamos à sala de aula a experiência de leitura das crônicas *A verdade, O encontro, O Trapezista e A aliança,* todas provenientes do livro *As mentiras que os homens contam* de Luís Fernando Veríssimo. As crônicas escolhidas são configuradas como formas linguageiras de organizações distintas, apresentando diferentes modos de produção reflexiva que exploram o humor diante dos temas tratados. Nesse contexto, analisamos estratégias de leitura do gênero crônica humorística à luz do interacionismo sociodiscursivo, doravante, ISD. Concentramo-nos na infraestrutura do texto a partir da sistematização das coordenadas gerais desenvolvidas por Bronckart (2007), todavia, delimitamos o processo analítico aos efeitos das sequências textuais de Adam (2019) e das demais formas de planificação (esquemas e *scripts*) também originado dos postulados de Bronckart. Destacamos a função das sequências na orientação da leitura para a geração de humor, explorando o aspecto heterogêneo do texto, geralmente formado por uma sequência dominante e outras encaixadas. A estratégia de leitura proposta leva em conta o funcionamento dessas estruturas como instrumento de orientação à compreensão leitora. Para isso, levamos em conta a colocação da prática de ensino em um cenário de pesquisa-ação conforme Thiollent (2002). A aplicação da pesquisa aconteceu em uma escola da rede municipal do município de Coronel João Sá – Bahia, em uma turma de nono ano. As conclusões provenientes dessa experiência culminaram na elaboração de um produto em formato de caderno pedagógico, visando à extensão do êxito dessa experiência.



**Palavras-chave**: Interacionismo sociodiscursivo. Crônicas de humor. Sequências textuais.

## ABSTRACT

The differences and similarities of the male and female universe is a theme of several chronicles that, often, takes a humorous form. In its plots, it is possible to follow the unusual hypotheses that explore human ridicule when the author, narrator and characters reflect on the role of being a man and a woman in contemporary society. For this, we took to the classroom the experience of reading the chronicles The Truth, The Encounter, The Trapeze Artist and The Alliance, all from the book The Lies that Men Tell by Luís Fernando Veríssimo. The chosen chronicles are configured as linguistic forms of different organizations, presenting different modes of reflective production that explore humor in the face of the treated themes. In this context, we analyze reading strategies of the chronic humorous genre in the light of sociodiscursive interactionism, henceforth, ISD. We focus on the text infrastructure based on the systematization of general coordinates developed by Bronckart (2007), however, we delimit the analytical process to the effects of Adam's textual sequences (2019) and other forms of planning (schemes and scripts) also originated from Bronckart's postulates. We highlight the function of the sequences in the orientation of reading for the generation of humor, exploring the heterogeneous aspect of the text, usually formed by a dominant sequence and other embedded ones. The proposed reading strategy takes into account the functioning of these structures as an instrument to guide reading comprehension. For this, we take into account the placement of teaching practice in a scenario of action research according to Thaollent (2002). The application of the research took place in a school in the municipal district of the city of Coronel João Sá - Bahia, in a class of ninth grade. The conclusions from this experience culminated in the elaboration of a product in the format of a pedagogical notebook, aiming at extending the success of this experience.



**KEYWORDS**: Sociodiscursive interactionism. Chronicles of humor. Textual sequences.

# LISTA DE ILUSTRAÇÕES

## Lista de quadros

Quadro 01- Contexto físico e socio subjetivo da produção de gênero.....18
Quadro 02- Coordenadas Gerais do mundo.....22
Quadro 03- Fragmento da Crônica “O Encontro”.....23
Quadro 04- Quadro das Sequências.....27
Quadro 05- Macronível N5 da organização composicional.....34
Quadro 06- Quadro representativo da Sequência Narrativa.....39
Quadro 07- Representação do Esquema Inferencial.....41
Quadro 08- Representação do Esquema Inferencial.....42
Quadro 09- Representação esquemática da Sequência Explicativa.....45
Quadro 10- Sequência Explicativa Prototípica.....46
Quadro 11- Esquema da Sequência Explicativa Grifada.....47
Quadro 12- Definição das Crônicas dadas pelos alunos.....58
Quadro 13- Crônica “A Verdade”.....65
Quadro 14- Esquema da Crônica “A Verdade”.....71
Quadro 15- Crônica “O Trapezista”.....72
Quadro 16- Representativo do movimento Argumentativo.....76
Quadro 17- Crônica “O Encontro”.....77
Quadro 18- Fragmento da Crônica “A Aliança”.....83

## Lista de figuras

Figura 01- Folhado Textual.....19
Figura 02- Níveis da análise do discurso e níveis de análise textual.....30
Figura 03- Representação do Protótipo da sequência Narrativa .....40
Figura 04- Protótipo da sequência Argumentativa .....43

**SUMÁRIO**

**INTRODUÇÃO.....11**

**1 QUADRO TEÓRICO.....15**

1.1 Gênero de texto.....15

1.2 O gênero crônica.....16

1.3 O gênero crônica de humor.....17

**2 NÍVEIS OU PLANOS DA ANÁLISE DO DISCURSO.....18**

2.1 Breve noção acerca da linguística de texto.....18

2.2 Sobre a infraestrutura do texto.....19

2.3 Os mundos discursivos.....20

2.4 Tipos de discurso e planificação.....22

2.5 A noção de sequência.....25

2.6 As outras formas de planificação.....28

2.7. As sequências textuais.....29

2.8 A formação das sequências.....32

2.9 Estrutura composicional.....33

2.10 Protótipos das sequências, segundo Adam.....35

2.10.1 O protótipo da sequência descritiva.....36

2.10.2 O protótipo da sequência narrativa.....38

2.10.3 O protótipo da sequência argumentativa.....40

2.10.4 O protótipo da sequência explicativa.....44

2.10.5 O protótipo da sequência dialogal.....47

2.10.6 Discurso procedural e outros gêneros de incitação à ação.....48

2.10.7. As características linguísticas comuns.....51

**3. PERCURSO METODOLÓGICO.....56**

3.1 Sobre a natureza da pesquisa.....56

3.2 Os sujeitos da pesquisa.....57

3.3 O itinerário pedagógico percorrido ..... 57
3.4 Os critérios para a análise das crônicas lidas ..... 62
**4. ANÁLISE DAS CRÔNICAS ESCOLHIDAS ..... 64**
4.1 Crônica *A Verdade* ..... 64
4.2 O trapezista ..... 71
4.3 Análise da crônica o encontro ..... 75
4.4 A aliança ..... 82
**5 A LEITURA DAS CRÔNICAS ..... 87**
5.1 Leitura da crônica “A verdade” ..... 87
5.2 Leitura da crônica “O trapezista” ..... 92
5.3 Leitura da crônica *O Encontro* ..... 95
5.4 Leitura da crônica “A aliança” ..... 98
**CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 103**
**REFERÊNCIAS ..... 105**

## INTRODUÇÃO

Os baixos índices de desempenho dos alunos do ensino fundamental nas escolas[1] por si só justificam maior preocupação quanto ao ensino de leitura em sala de aula. Nesse sentido, para a inserção de mudanças que realmente sejam pertinentes, discutimos, como escopo deste trabalho, a problematização dessa realidade no âmbito da sala de aula, trazendo uma experiência prática de ensino.

Para isso, buscamos compreender qual a contribuição da infraestrutura do texto constituída pelos tipos de texto e outras formas de planificação, com enfoque nas sequências textuais, como estratégia para o ensino de leitura de crônicas de humor em uma turma de nono ano do ensino fundamental.

Diante do desafio de ensinar a ler, ao assumirmos uma perspectiva linguístico-discursiva, estamos reforçando o que orientam os PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais -, publicados em 1998 e, mais recentemente, a BNCC – Base Nacional Comum Curricular - ,que agrega a essa prática o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC)às atividades de ensino, visando a uma atualização das propostas. Observamos quea BNCC contextualiza práticas significativas ao adequá-las ao contexto de cada época.

> Tal proposta assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses (BRASIL,2019, p. 75).

Com base nesse princípio discursivo e contemporâneo, partimos de uma ação pedagógica que vise à leitura e à compreensão do gênero crônica humorística ao propor uma análise das sequências, enfatizando tanto a importância das estruturas constituídas por proposições e macroproposições, conforme Adam (2019), quanto pela relevância do conhecimento prévio do aluno para desencadear humor durante a leitura, parte importante para dar sentido ao texto humorístico, como aponta Possenti (2002):

> Ora, a análise de textos humorísticos mostra que os aspectos explorados são os mais diversos, talvez todos, mais ou menos como são mobilizados, direta ou indiretamente, todos os recursos para falar quotidianamente, para fazer literatura ou para a escrita em geral etc. Evidentemente, alguns saltam mais aos olhos, mas isso

[1] O último IDEB em que houve participação da escola, campo da pesquisa, foi o de 2015 com a nota 2.0 no que concerne ao desempenho dos alunos em todas as áreas.

> não significa que sejam os únicos fatores envolvidos. Em suma, não existe uma linguística do humor. No máximo existem liguísticas que trabalham eventualmente sobre ou a partir de dados colhidos em textos humorísticos.

Nessa perspectiva, fazemos uso de um conjunto de atividades pedagógicas, pelas quais investigamos a eficácia do processo de ensino de leitura, vislumbrando uma abordagem alicerçada na mediação.

Ante o desafio proposto, fizemos uma averiguação mais criteriosa do livro didático[2] adotado pela escola onde a pesquisa foi realizada e analisamos a ocorrência de alguns textos de humor, principalmente tirinhas e também questões que exploram as marcas linguísticas do texto em uma abordagem discursiva, apesar de ainda dependermos de uma formação melhor para a exploração desses recursos. Nesse sentido, justifica-se o foco na crônica de humor pelo caráter discursivo dinâmico e pela heterogeneidade estrutural. Além disso, escolhemos a crônica por ser um texto curto e de linguagem acessível, que geralmente é lida no espaço escolar, além de ser trabalhada nas Olimpíadas de Língua Portuguesa e também por permitir o tratamento de assuntos do cotidiano (FERREIRA, 2008).

Tornamos a crônica o nosso objeto de ensino-aprendizagem de leitura, situando a análise nas coordenadas gerais do texto, nos moldes de Bronckart (2007) e das sequências conforme Adam (2019).Outro ponto que justifica a escolha da crônica de humor é a necessidade de motivar os alunos por meio da inserção de temáticas do seu campo de interesse, neste caso específico, assuntos relacionados ao universo masculino e feminino decorrentes da vida cotidiana.

Pelo exposto, recorremos novamente à BNCC, que destaca a importância da motivação para o ensino de leitura.

> O interesse por um tema pode ser tão grande que mobiliza para leituras mais desafiadoras, que, por mais que possam não contar com uma compreensão mais fina do texto, podem, emfunção de relações estabelecidas com conhecimentos ou leituras anteriores, possibilitar entendimentos parciais que respondam aos interesses/objetivos em pauta (BRASIL, 2019, 74).

Diante do desafio de motivar o aluno, levamos ao espaço de aula um mestre da ironia, do sarcasmo e do humor em assuntos relativos ao cotidiano – o cronista Luís Fernando Veríssimo. Para isso, escolhemos o livro *"As mentiras que os homens contam"*, uma compilação produzida no ano 2000, com crônicas voltadas às temáticas de interesse do universo masculino e feminino em que o autor brinca com mentiras que parecem banais, mas

[2]Para viver juntos SM editora Português Ensino Fundamental anos Finais nono ano.

que, sob um olhar reflexivo, despertam a crítica social. Para o alcance desse objetivo, escolhemos as Crônicas *A Verdade; O encontro; O trapezista e a Aliança.*

Perante essa proposta de ensino de leitura de crônicas de humor, objeto de análise da nossa pesquisa, fundamentamos e analisamos as crônicas, tendo por base duas categorias teóricas: a da leitura do texto de humor, desenvolvida por Possenti (2002), visto que o autor entende que elementos linguísticos como a ambiguidade, a polissemia e os jogos linguísticos em consonância com os conhecimentos prévios podem desencadear o riso e também a das coordenadas gerais do gênero desenvolvido como parte de uma das três camadas sistematizadas por Bronckart (2007). A escolha pela primeira se dá pelo fato de Possenti (2002) trazer uma discussão acerca da produção do riso, a partir da ênfase na reflexão decorrente da relação texto e contexto. Para ele, o humor em um texto como uma crônica, torna-se somente possível caso haja sentido para o leitor; desse modo, a ênfase para alcançar esse objetivo está no resgate de conhecimentos de mundo, a partir da inserção do contexto.

Já com referência às unidades linguísticas, no dizer de Bronckart (2007) e Adam (2019), a ênfase está nos estudos dessas unidades como um dos elementos de estratégias deensino das crônicas de humor apresentadas.

Com ênfase na estrutura profunda, nossa análise organiza a crônica por meio de coordenadas com enfoque nos tipos discursivos e no plano de texto, conforme Adam (2009), constituído pelas sequências textuais, estas, demarcadas pelo aspecto da heterogeneidade.

As sequências textuais são classificadas por Bronckart (2007) e Adam (2019) como narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa, dialogal e injuntiva. No caso da última, Adam (2019) a classifica como procedural e de incitação à ação, por não ser compreendida pelo autor como uma estrutura estável e hierarquicamente definida. Além de nos debruçarmos sobre as diferentes sequências, também lançamos mão das outras formas de planificação representada pelo esquema e pelo *Script.* Este último, segundo BROCKART (2007), demarca o grau zero de narrativização por causa da inexistência de intriga, a principal característica do esquema narrativo.

Complementando as ideias aqui dispostas, Chaves (2009) justifica a importância do pré-conhecimento acerca da infraestrutura como estratégia de ensino de leitura e compreensão textual. É o que podemos conferir no fragmento a seguir:

> [...]o conhecimento das estruturas textuais tipificadas, como narrativas, argumentativas, descritivas, permite prefigurar o desenvolvimento do texto de uma forma mais previsível, além de facilitar a compreensão de ideias fundamentais organizadas no esquema do texto. A falta desse domínio é caracterizada como uma das causas da dificuldade da compreensão, uma vez que impede o leitor de usar esquemas para ordenar e relacionar a informação recebida, bem como planejar sua

> recordação posterior. A importância de se conhecer a estrutura de um texto para melhor compreendê-lo é então ressaltada, aspecto ainda pouco presente nas diretrizes escolares vigentes (CHAVES, 2009, p. 93).

O autor entende como de grande relevância para o alcance da competência leitora, o conhecimento das estruturas "tipificadoras do texto". O domínio dessas estruturas apontadas pelo pesquisador tem relevante importância, justificando plenamente o uso como estratégia para o desenvolvimento da compreensão. Por conseguinte, seu posicionamento corrobora a nossa posição favorável à inserção desses elementos no processo de ensino-aprendizagem de leitura.

Frente ao exposto, buscamos, no contexto da sala de aula, informações importantes que nos dão suporte para a compreensão do ensino de leitura, bem como da produção de um produto a ser utilizado na sala de aula que fortaleça a formação do aluno/leitor. Centramos nossa reflexão na hipótese de que, expondo aos alunos a compreensão do papel dos tipos de discursos, é possível compreender melhor as formas de planificação para interpretar as crônicas, observando melhor as ações linguageiras responsáveis pela construção de sentido das crônicas de humor.

Para isso, alicerçamos a pesquisa em uma base teórica organizada em seções e subseções que a sustentam teoricamente e o produto que dela deriva. No quadro teórico apresentamos uma discussão profícua sobre o gênero, o gênero humorístico e sobre a geração de humor em uma perspectiva linguístico-discursiva. Na seção seguinte (destacamos os níveis ou planos com destaque às subseções que tratam dos mundos discursivos e dos tipos psicológicos de acordo com que discorre Bronckart (2007). Trouxemos também uma discussão acerca das sequências textuais conforme Adam (2007), destacando o caráter linear e a orientação argumentativa dessas estruturas. Por fim, segundo o aporte teórico exposto, dedicamos uma seção à análise das crônicas, ao percurso metodológico e pedagógico percorrido e as análises das leituras das crônicas *A verdade*, *O trapezista*, *O encontro* e a *Aliança*.

# 1 QUADRO TEÓRICO

## 1.1 Gênero de texto

Os estudos de Bakhtin (2010), que foram muito além da visão estruturalista, ganharam projeção nos estudos linguísticos contemporâneos. O autor define os gêneros como "enunciados relativamente estáveis" presentes nas mais diversas esferas sociais. Historicamente construídos, os gêneros se fazem no interdiscurso e são estruturas provenientes do ato comunicativo definidas por uma regularidade temática, de um estilo de linguagem e de uma função discursiva bem definida.

A estabilidade configuracional dos gêneros, decorrente do propósito discursivo, validada em situações comunicativas concretas, ao longo do tempo, leva-os a serem classificados como gêneros primários e secundários. Os gêneros primários seriam mais simples por serem elaborados no ato de fala, como em uma conversa. Por outro lado, os gêneros secundários são representados por estruturas mais complexas, como um romance, uma tese e congêneres. Esse conceito sofre alguns problemas, uma vez que nem sempre é tão fácil delimitar o que seria primário ou secundário, mas, no geral, há uma definição clara do que é cada gênero se levarmos em conta o contexto de uso e a finalidade.

A noção de gênero discursivo de Bakhtin (2010) serve de subsídio para a noção de gênero de texto adotada por Bronckart (2007), que vai além do discurso e foca nas unidades linguísticas no nível verbal, enquanto unidades psicológicas e textuais. Nesse sentido, os textos são exemplares empíricos que podem ser compreendidos como entidades linguísticas que, por um lado, correspondem a unidades psicológicas constituídas na ação linguageira e, por outro, são configurados no processo de interação verbal por modelos de gêneros que estão disponíveis no repertório social sobre os modos de se expressar em cada situação enunciativa.

Os gêneros, nessa perspectiva, são vistos como "construtos históricos" em que indivíduos se apropriam quando envolvidos em uma determinada ação de linguagem materializada no texto para, assim, alcançar o objetivo de comunicação presente nos atos discursivos concretizados no ato comunicativo.

Bronckart (2007), em sua análise, valoriza o texto, as marcas linguísticas aparentes na estrutura, apontando como ganha forma a atividade de interação de maneira concreta no texto, a partir da presença de diferentes tipos de discursos, sequências, elementos de coesão e coerência e de possíveis vozes presentes na superfície do texto.

Em suma, partindo da premissa difundida por Bronckart (2007), o gênero, em sala de aula, parte do cruzamento entre o contexto de produção da obra, das ações do agente produtor e do mundo social presente nas diferentes interpretações entre os envolvidos no ato comunicativo.

### 1.2 O gênero crônica

A origem da palavra crônica é proveniente de *chronos*, expressão que designa tempo. A crônica passou por transformações ao longo do tempo, figurando como um texto representacional de acontecimentos e fatos relativos ao cotidiano. A crônica também apresenta um estilo coloquial e uma linguagem simples próxima à oralidade. É um texto que, segundo Ferreira (2008), imbuído de uma dinamicidade quanto à forma, mostra-se ser imprevisível do ponto de vista textual e discursivo e a sua estrutura reflete essa instabilidade.

Esse aspecto dinâmico permite endossar as palavras de Bronckart (2007, p.149) que discute acerca da concepção de gênero de fronteira, no qual poderíamos situar a crônica, entre o jornalismo e a literatura, pois apresenta marcas linguísticas não tão estáveis como em outros gêneros.

Os textos, como formas comunicativas globais e "finitas", constituem os produtos concretos das ações de linguagem, que se distribuem em gêneros adaptados às necessidades das formações sociodiscursivas, permanecendo à disposição como modelos, nesse construto sócio histórico que é o intertexto.

Amparado na motivação do agente do discurso, a crônica pode transitar entre um e outro, uma vez que, tratando de assuntos do cotidiano - temática comum ao gênero, as estruturas cognitivas e psicológicas atreladas aos objetivos do agente é que vão definir o formato, sendo então, segundo Bronckart (2007), linguisticamente marcadas de formas diferentes, mas, não deixando de ser crônica por atender ao propósito comunicativo.

É notório que essa instabilidade conceitual dificulta e muito a superação desses problemas de definição, mas o que nos leva a lançar mão desse gênero é justamente o fato de que é comum a discussão nesses textos de representações do cotidiano das pessoas, o que vai ao encontro de um dos nossos propósitos - ampliar a compreensão leitora a partir de temáticas relativas ao universo masculino e feminino presentes nas crônicas de Luís Fernando Veríssimo

### 1.3 O gênero crônica de humor

Ferreira (2008) conceitua a crônica como imprevisível do ponto de vista textual e discursivo, por sua característica heterogênea. Centramos, desse modo, a nossa pesquisa no gênero crônica humorística, tendo como enfoque as crônicas de Luís Fernando Veríssimo. Diante disso, foi possível conhecer a diversidade estrutural das crônicas do autor.

Marchuschi (2002) trata do gênero como uma estrutura tipicamente híbrida, uma vez que várias tipologias podem ser parte de um determinado gênero. Por outro lado, a crônica apresenta-se como um gênero ainda mais plástico a ponto de Ferreira (2005) classificá-la em mais 23 subtipos. Temos a crônica descritiva, narrativa, narrativo-descritiva, metalinguística, lírica, reflexiva, humorística, teatral, mundana, visual, metafísica, poema em prosa, crônica comentário, crônica de informação, filosófica, esportiva, policial, jornalística, conto, ensaio e poema.

Nesse emaranhado de formatos diferenciados que marcam a diversidade discursiva, o que a caracteriza como um gênero de fronteira, embasamo-nos em Carvalho, Santana (2017), acerca da característica da crônica de humor para fundamentara pertinência de levar a experiência de leitura de crônicas de humor à sala de aula, dando legitimidade a nossa escolha.

> Definimos a crônica de humor como uma ação de linguagem de crítica social organizada por meio de um relato episódico que se ocupa de fatos políticos ou de costumes da vida cotidiana com abordagem estético-literária. As crônicas de humor, especificamente promovem uma crítica bem-humorada aos padrões de comportamento social e às concepções de mundo estabelecidas em um determinado período histórico de maneira polifônica, polissêmica, levantando questões polêmicas que se encontram presentes no universo social (CARVALHO; SANTANA, 2017, p.41).

Uma vez que os textos escolhidos versam sobre temas relativos ao universo masculino e feminino, no *locus* dessa pesquisa, temos a oportunidade de desenvolver uma prática de leitura de crônica que aborde a crítica social e assuntos que estão diretamente correlacionados ao campo de interesse dos alunos, como destaca a autora. Por isso, atentamos à crônica de humor por ter essa característica tão peculiar.

# 2 NÍVEIS OU PLANOS DA ANÁLISE DO DISCURSO

## 2.1Breve noção acerca da linguística de texto

Bronckart (2007, p.108) adere aos princípios da linguística de texto, cuja ênfase está voltada para a materialidade linguística no corpo do gênero, como instrumento da linguagem articulada às necessidades, interesses e às condições sociais. Para ele, a realização de uma ação de linguagem correlacionada a uma determinada formação social depende do uso empírico da língua em uma situação comunicativa, tendo como base a materialidade linguística do texto. Ou seja, requer, para a efetivação desse uso, que se lance mão dos gêneros na perspectiva das marcas presentes do texto.

O gênero é um construto histórico baseado nas práticas comunicativas e, diante disso, as relações de condição de produção são primordiais para o processo analítico, porentender a situação comunicativa de um ponto de vista contextualizado de como se dá a relação enunciador/coenunciador nas mais diferentes esferas da comunicação.

De acordo com Bronckart (1999), os textos apresentam-se como produtos decorrentes das atividades comunicativas correspondentes aos interesses e às condições advindas do ambiente social onde foi produzido. Sendo assim, para Bronckart (2007, p.93), o contexto de produção pode ser definido por dois conjuntos de parâmetros: o do mundo físico e o do mundo social e subjetivo visível no Quadro 1.

Quadro1: Contexto físico e sociossubjetivo da produção de gênero.

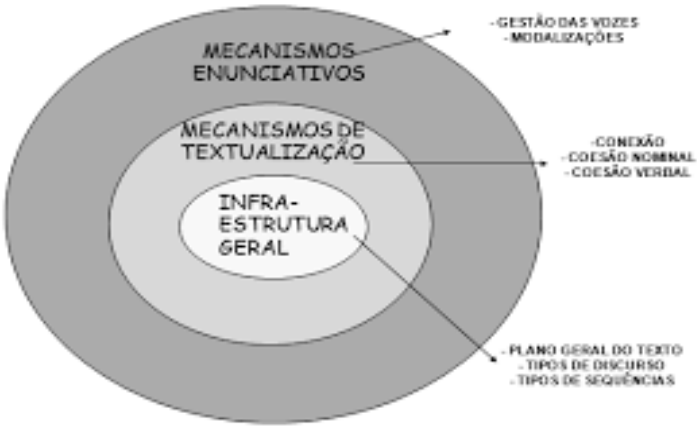
| | |
|---|---|
| Contexto físico: coordenadas espaço-temporais onde a ação de linguagem é materializada a partir da implicação do agente do discurso. | Contexto sociossubjetivo: estabelecimento de normas, regras e valores sociais, além de outros. Como também a imagem que o agente tem do destinatário, como também de si, implicados em uma prática de interação. |
| O lugar físico de produção | O lugar social onde o texto é produzido (escola, mídia, família etc.) |
| O momento de produção | Os objetivos de interação |
| O emissor: pessoa que produz fisicamente o texto | A posição social do emissor: ou enunciador |
| O receptor: pessoa que recebe concretamente o texto. | A posição social do receptor: ou destinatário |

Fonte: Adaptado de Bronckart (1999)

## 2.2 Sobre a infraestrutura do texto

A base do interacionismo sociodiscursivo é o processo interacional, estabelecido entre agentes do discurso em uma prática de linguagem historicamente situada. Para sistematizar essa relação no interior de um gênero, Bronckart (2007, p.119) apresenta o que denomina de folhado textual, composto por três níveis superpostos, como vemos na Figura 1.

Figura 1: Folhado textual




Fonte: Santos (2016, p.44 a*pud* BARRETO, CORREA, 2013, p.09).

A sobreposição no interior desse folhado obedece, de acordo com Bronckart (2007), a um caráter hierárquico da organização textual, que compreende a infraestrutura profunda, os mecanismos de textualização e os enunciativos. A estrutura profunda, foco de nossa pesquisa, é formada por um plano geral, que combina os tipos de discursos e as sequências. **"Oplano geral** refere-se à organização do **conjunto do conteúdo temático**; mostra-se **visível no processo de leitura** e pode ser codificado em um **resumo** (BRONCKART, 2017, p.120, grifos do autor). Atribuímos atenção especial, ao longo dos estudos aqui apreendidos, a essa camada do folhado, sobretudo a noção de sequência, dando ênfase à compreensão dos aspectos linguísticos e estruturais como estratégias de leitura e interpretação.

A segunda camada do folhado compreende os mecanismos de textualização. Estes são vistos como elementos importantes para a progressão temática do texto. Desse modo, distinguem-se como parte constituinte três mecanismos de textualização: conexão, coesão nominal e coesão verbal.

Os mecanismos de conexão, de acordo com Bronckart (2007), são realizados por organizadores textuais e aplicados ao plano geral como elemento articulador das sequências.

São considerados organizadores: conjunções, advérbios ou locuções adverbiais, grupos nominais e segmentos de frase. Os mecanismos de textualização também comportam a coesão nominal, responsável pelo processo de retomada, garantindo a progressão do texto, e a coesão verbal, responsável pelo estabelecimento de marcas que asseguram a coesão temporal. As marcas linguísticas destacadas na estrutura textual concernente à coesão verbal são os tempos verbais.

Os mecanismos enunciativos compõem a terceira camada, que aparece como a mais superficial das três pela pouca dependência da linearidade do texto. Bronckart (2007) a destaca como independente da progressão do plano de texto. Por outro lado, tais mecanismos estabelecem estreita relação com elementos externos, caracterizados, principalmente, pelas vozes sociais e institucionais presentes no texto.

O nível da enunciação contribui efetivamente para a manutenção da coerência pragmática no texto. Ou seja, a compreensão das posições enunciativas empreendidas pelas vozes que se expressam no corpo do texto e que traduzem julgamentos, opiniões e sentimentos sobre aspectos relativos ao tema em voga, marcados linguisticamente pelos modalizadores. A modalização pode ser lógica, deôntica, apreciativa e pragmática.

### 2.3Os mundos discursivos

Quanto aos mundos discursivos, Bronckart (2007, p.150) aponta a contribuição de Weinrich (1973) como importante no estabelecimento dessa teoria. Os estudos dele estabelecem distinção entre o tempo do comentário e o tempo da narração, fundando dois mundos díspares entre si, denominados oportunamente de “mundo comentado e mundo narrado”.

Tal abordagem, pilar da teoria de Bronckart (2007, p.151), fundamenta-se na descrição dos “mundos ou planos da enunciação, assim como operações psicológicas em consonância com as unidades linguísticas que se materializam na interação e na existência desses mundos, demarcados por expressões de cunho verbal e nominal”.

Desse modo, os estudos de Bronckart (2007, p.153) caracterizaram-se como uma reformulação dos estudos de Weinrinch acerca do “mundo narrado e mundo comentado” e de Both-Diez (1985), referente ao conceito de mundo atual e não atual. O autor simplifica a terminologia dividindo os mundos entre os da ordem do EXPOR e do NARRAR, e por isso

evita ambiguidades terminológicas, que possibilitam maior praticidade no processo analítico das estruturas.

Diante do exposto, pode haver ou não relação do mundo discursivo com o mundo ordinário dos agentes. Entre ambos, a ordem do narrar é que apresenta distanciamento, por outro lado, não há homogeneidade, podendo ser maior ou menor. Situados a distância e parecidos, podem, por isso, apresentar graus diversos de desvios em relação às regras em vigor no mundo ordinário (BRONCKART, 2007, p.153).

> Quando nos situamos na ordem do EXPOR, a situação parece se apresentar de modo diferente, sendo o conteúdo temático dos mundos discursivos conjuntos, em princípio, interpretados sempre à luz dos critérios de validade do mundo ordinário. Isso parece ser confirmado pelo fato de que a ficção que funciona nos mundos da ordem do NARRAR será considerada como uma característica normal do gênero adotado, enquanto a ficção nos mundos da ordem do EXPOR será geralmente objeto de uma avaliação baseada exclusivamente nos critérios de elaboração e de validação dos conhecimentos no mundo ordinário, podendo os elementos ficcionais expostos serem considerados, conforme o caso, como falsos, delirantes, ou ainda, como hipóteses heurísticas mais ou menos criativas e mais ou menos credíveis (BRONCKART, 2007, p.153).

Podemos, a partir dos apontamentos da citação, confirmar que, enquanto a ordem do expor é dependente de validação no mundo ordinário, a ordem do narrar prescinde dessa validação.

As instâncias de agentividade, que atua na ordem do EXPOR e do NARRAR, podem estabelecer diferentes relações com o que é dito, ou seja, pode haver implicação ou não. Quando há implicação, de acordo com Bronckart (2007), não há autonomia quanto ao que é dito no texto e os agentes implicados podem ser identificado por unidades linguisticas como pronomes pessoais, além de outras unidades e demarcações que atestam a presença dos agentes do discurso. Quando há autonomia, a opção pela terceira pessoa pode ser uma marca, dentre tantas outras possíveis, a apontar o distanciamento. Além do mais, no caso da ordem do EXPOR, Bronckart (2007) aponta para a necessidade do acesso às condições de produção, já em caso de não implicação, adentrar a essas características contextuais são dispensáveis.

As distinções provindas desses dois polos permitem a definição de quatro mundos possíveis quando obedecidos o grau de proximidade entre o agente produtor e a ação de linguagem:

mundo do EXPOR implicado;
mundo do EXPOR autônomo;
mundo do NARRAR implicado;
mundo do NARRAR autônomo.

Essas quatro coordenadas traçam um panorama da relação entre o agente produtor, interlocutor e o texto nos dois mundos citados. Assim sendo, o Quadro 2 permite-nos melhor visualizar o que foi discutido até o momento acerca das coordenadas que regem os mundos.

Quadro 2: Coordenadas gerais do mundo

| | | |
|---|---|---|
| | Conjunção | Disjunção |
| | EXPOR | NARRAR |
| Relação ao ato de produção : | | |
| | Implicação : Discurso interativo e | Relato interativo |
| | Autonomia : Discurso teórico e | Narração |

Fonte: Bronckart (2007, p.57)

Essa sistematização do conteúdo temático do gênero, organizado por meio das coordenadas gerais, oferece ao leitor uma visão geral da estrutura do texto. A partir da demarcação desses parâmetros, baseada na identificação das unidades linguísticas presentes, o professor tem como mediar a atividade de produção e leitura, estabelecendo o grau de vinculação do agente do discurso com o que está sendo posto, seja quando opera na ordem do EXPOR ou do NARRAR, seja agindo com distanciamento ou aproximação, implicação ou autonomia acerca do que está sendo dito,

É a partir dessas coordenadas estabelecidas por Bronckart (2007), que se adquire instrumentos para a organização do ensino, proporcionando subsídios para o ensino de aprendizagem de escrita e leitura por meio das atividades desenvolvidas no espaço escolar.

### 2.4Tipos de discurso e planificação

O trabalho de análise empreendido nessa pesquisa atenta-se aos meandros da infraestrutura do texto representado “pelo plano geral” que, de acordo com Bronckart (2007, p.140), é constituído pelos tipos de discursos, pelas sequências e outras formas de planificação (esquematização e *script*).

Bronckart (2007) defende a tese de que os tipos de discursos constituem, na camada profunda, o mais importante dos elementos constituintes, classificando-os de quatro formas. Para o autor, a compreensão dos mundos discursivos é alicerçada em coordenadas de caráter binário, a partir do critério de conjunção ao mundo ordinário do agente do discurso ou disjunção quando há distanciamento; com implicação do agente produtor ou não. Diante desses critérios e por meio da identificação das unidades linguísticas caracterizadoras de cada

tipo, Bronckart (2007) define os tipos discursivos como discurso interativo, discurso teórico, relato interativo e narração.

O discurso interativo ocorre diante da ação de linguagem entre dois agentes, em uma relação comunicativa, uma vez que atuam diretamente implicados quanto ao que expressa, situação comum em uma conversa. Todavia, quando a interação sai do âmbito da conversação e passa a ser parte da interação encaixada em um gênero narrativo recebe o nome de discurso interativo relatado. Os actantes, nesse tipo de discurso, estão implicados na interação verbal e estabelecem relação direta com o mundo físico do qual são originários, no entanto, ganham aspecto de relato quando são parte de um mundo fictício. Para melhor ilustração do que apresentamos, disponibilizamos os exemplos a seguir:

Quadro 3: Fragmento da crônica *O Encontro*

- Meu estoque de bebidas não dura muito. Tem sempre gente lá em casa – disse ele.
- Lá em casa também é uma festa atrás da outra.
- Você sempre gostou de festas.
- E você, não.
- A gente muda, né? Muda de hábitos...
- Tou vendo.
- Você não me reconheceria se viesse viver comigo outra vez.

Ela, ainda sorrindo:

- Que Deus me livre. (VERÍSSIMO, 2000, p.89)

Observamos que no fragmento da crônica o discurso interativo é perceptível pelo grau de implicação dos agentes demarcado pelos prenomes inseridos nos segmentos que identificam os interlocutores: “-A gente muda, né?”. “-Tou vendo”. Por outro lado, no discurso teórico, parte constituinte da ordem do EXPOR, o presente discurso é conjunto ao mundo ordinário do agente produtor e o enfoque está concentrado na apresentação do conteúdo temático. Bronckart (2007), por exemplo, identifica no gênero verbete de dicionário um exemplo de autonomia em relação às instâncias de agentividade que caracteriza de forma plena o discurso teórico.

Bronckart (2007) atesta que no discurso teórico o distanciamento do agente produtor, mesmo imbricado na apresentação de um conteúdo temático conjunto ao seu mundo ordinário, não é referido no texto com marcas linguísticas de primeira pessoa e dêiticos que se

remetem à situação de interação. Encontra-se no discurso teórico a ênfase *no que se fala* e não para *quem se fala, quando se fala* ou *de onde se fala*. É o que Bronckart (2007) esclarece:

> No quadro desse mundo conjunto situado na ordem do expor, nenhuma unidade linguística acusa a presença do agente-produtor, as instancias de agentividade mencionadas no segmento estão numa relação de independência ou de indiferença total em relação a esse agente e nenhuma unidade linguística refere-se ao espaço-tempo da produção (BRONCKART, 2007, p.160).

Para ilustrar, trazemos o exemplo de discurso teórico proveniente de mais um trecho extraído das crônicas de Veríssimo (2000).

"Um casamento deve se... se... como é mesmo a palavra?... se alicerçar na confiança mútua.O casamento é como um número de trapézio, um precisa confiar no outro até de olhos fechados".(VERÍSSIMO, 2000, p.20)

O terceiro tipo psicológico é o relato interativo. Esse se apresenta disjunto em relação ao mundo ordinário do agente produtor e está correlacionado ao mundo do narrar implicado, ou seja, não há correlação espaço temporal entre o que está sendo relatado e o tempo real da interação; por outro lado, há implicação do agente produtor com o que está sendo dito. As unidades linguísticas no segmento relato atestam para a presença do agente do discurso como, por exemplo, o pronome em primeira pessoa "eu", os possessivos "meu ou minha" podem ser indicadores da implicação direta do agente. No fragmento da crônica, a seguir, há um exemplo de relato interativo onde é possível depreender do contexto a implicação do agente produtor. **"Mas como era um homem honrado"** (Grifo nosso). A inserção desse segmento no relato interativo permite a conclusão de que por meio da voz do narrador há implicação quanto ao que está sendo narrado quando se emite uma opinião.

O homem contou que estava sentado à beira do riacho, pescando, quando a donzela se aproximou dele e pediu um beijo. Ele deu o beijo. Depois a donzela tirara a roupa e pedira que ele a possuísse, pois queria saber o que era o amor. **Mas como era um homem honrado, ele resistira**, e dissera que a donzela devia ter paciência, pois conheceria o amor do marido no seu leito de núpcias. Então a donzela lhe oferecera o anel, dizendo "Já que meus encantos não o seduzem, este anel comprará o seu amor". E ele sucumbira, pois **era pobre**, e a necessidade é o algoz da honra. (VERÍSSIMO, 2000, p.82)

Além do relato interativo, cuja característica marcante está na implicação do agente produtor com o que é relatado, temos o tipo narrativo.

Na narração, a disjunção é completa e há distanciamento entre o agente produtor e o universo onde estão inseridos os personagens, sendo possível pô-los em um plano que cuja ficção é o fator predominante. Observamos, a seguir, um exemplo de tipo narrativo de acordo com a proposta de Bronckart.

> Uma donzela estava um dia sentada à beira de um riacho, deixando a água do riacho passar por entre os seus dedos muito brancos, quando sentiu o seu anel de diamante ser levado pelas águas. Temendo o castigo do pai, a donzela contou em casa que fora assaltada por um homem no bosque e que ele arrancara o anel de diamante do seu dedo e a deixara desfalecida sobre um canteiro de margaridas. O pai e os irmãos da donzela foram atrás do assaltante e encontraram um homem dormindo no bosque, e o mataram, mas não encontraram o anel de diamante. (VERÍSSIMO, 2000, p.82)

Há no segmento destacado marcas linguísticas caracterizadoras do tipo narração, uma vez que apresenta um mundo disjunto do mundo ordinário do agente produtor por causa da não correlação temporal entre o agente produtor e o mundo discursivo posto em cena. Nesse segmento, diferentemente do relato interativo, não aparece agentes implicados quanto ao conteúdo temático expresso, passado, desse modo, a percepção de autonomia. Além da ausência de implicação marcas de temporalidade como em "Uma donzela estava um dia sentada à beira de um riacho" mostram a não correlação entre esses mundos discursivos.

### 2.5A noção de sequência

Os estudos de Adam (1992) servem de base para as análises de Bronckart (2007) acerca das sequências. Para o autor, as sequências constituem uma parte importante de uma estrutura proveniente da teoria alicerçada em uma compreensão binária dos mundos (mundo do EXPOR e do NARRAR), estruturados em quatro tipos psicológicos: discurso interativo, discurso teórico, relato interativo e narração.

A inserção da noção de sequência no quadro dos tipos amplia as possibilidades de análise, uma vez que o gênero quase sempre é organizado por arranjos plurissequenciais com

orientações argumentativas diferentes em sua estrutura, contudo, organizado do ponto de vista global a partir de uma sequência predominante.

Estando a teorização de Adam solidamente sustentada e sendo sua descrição técnica das sequências uma referência pouco contestável, propomos, inicialmente, uma versão resumida de ambas. Com base nisto, discutimos o estatuto dessas sequências e das operações em que se baseiam. Em seguida, abordamos o problema de seu espaço de validade, o que nos permitirá mostrar outras formas de organização sequencial, menos convencionais, que denominaremos de *scripts* e esquematizações. Finalmente, o conjunto desses elementos permitiu-nos abordar, sucessivamente, a questão das formas de planificação utilizadas nos diferentes tipos de discurso e a questão, mais geral, do estatuto dos planos de texto.

A combinação das sequências, por meio de encaixamento hierárquico, mescla e outras formas de planificação, são a base composicional dos gêneros. Com isso, o autor aponta a existência de uma base para a composição dos inúmeros textos que se inserem na prática discursiva, base presente na memória do agente produtor.

Para tanto, Bronckart, conforme Machado (2005), reformula criticamente o conceito de sequência apresentado por Adam. De acordo com o autor, as sequências, além dos esquemas e dos *scripts*, seriam formas de planificação do conteúdo, ampliando dessa maneira, as formas de planificar o texto. Partindo dessa premissa, Machado (2005, p. 246) caracteriza as sequências por meio de diferentes níveis.

> - No Nível semântico pragmático, elas se constituem como as formas mais canônicas de o produtor (re)construir, no mundo discursivo, os elementos do mundo ordinário, narrando-os, descrevendo-os etc., de acordo com suas representações sobre o (s) destinatário (s) e sobre os efeitos que nele (s)quer produzir. É nesse sentido que se pode dizer que seu estatuto é fundamentalmente dialógico.
> - No nível morfossintático, as sequências caracterizam-se por apresentar um plano constituído por um número *n* de fases, frequentemente marcados por unidades linguísticas típicas de cada uma delas, o que permite sua identificação.
> - No nível psicológico elas implicam operações discursivas desenvolvidas pelo produtor para organizar os conteúdos, operações que provêm de uma competência textual inata, mas "[...] da experiência do intertexto. Em suas dimensões práticas e "históricas" (Bronckart, 1996a, p. 236).
> - No nível teórico –é só nele- elas se constituem como protótipos, i.e, construtos teóricos derivados de análise. Nesse sentido, não podem ser tomadas como "modelos" imutáveis aos quais o produtor estaria sujeito.
> - No nível de sua relação com os tipos de discurso, í.e, há uma tendência ao predomínio de determinadas sequências em cada tipo de discurso, por exemplo, os segmentos de diálogo só aparecem no nível de discurso interativo e são em geral organizados em sequência dialógica.
> - Finalmente, no nível da relação com os textos, não haveria uma relação qualquer obrigatória entre os tipos de sequência e os textos: pode haver textos sem nenhum tipo de sequência, textos globalmente organizados em

> uma única sequência e textos organizados por meio de vários tipos de sequência. (MACHADO, 2005, p. 246-247)

A organização por níveis dá-nos uma ideia do potencial linguístico-discursivo e pragmático dessas estruturas. Essa análise pormenorizada, organizada por Machado (2005), traz um indicativo desse potencial.

Bronckart (2007) nutre-se dos estudos de Adam (2019) acerca das sequências para desenvolver suas análises. O autor reconhece a existência das sequências narrativa, descritiva, argumentativa, expositiva e dialogal. Além dessas cinco, Adam (2019), ao reformular as próprias posições, não considera a sequência injuntiva uma estrutura estável, passando a considerá-la como "discurso procedural e de incitação à ação".

> Nos trabalhos em que nos inspiramos Adam sustenta que os segmentos às vezes chamados de injuntivos, de programáticos ou de instrucionais, observáveis nas receitas de cozinha, nas instruções de uso, nos regulamentos, etc., são organizados de acordo com as mesmas fases, mesmo quando essa organização recai sobre ações e não sobre objetos. O autor considera consequentemente, que esses segmentos constituem descrições de ações (BRONCKART, 2007, p. 223).

Considerando as diferentes sequências e as diversas formas de organização, Bronckart (2007) norteia-se em Adam e aponta para a orientação argumentativa presente nas sequências.

A orientação argumentativa desses segmentos está correlacionada à intenção do agente produtor a partir de marcas linguísticas presentes em cada uma dessas estruturas que orientam um "fazer agir", um "fazer ver", uma orientação, explicação ou mesmo buscar o convencimento como expõe o Quadro 7.

Quadro 4: Quadro das sequências

| Sequências | Finalidade | Marcas linguísticas | Gêneros com predominância | Aspecto dialógico |
|---|---|---|---|---|
| Narrativa | Narrar fatos reais e fictícios | Verbos de ação empregados no pretérito | Romance, conto, crônica, notícia, lenda, fábula, | Operações criadoras de tensão |
| Descritiva | Descrever seres, paisagens, notícias | Verbos de estado: ser, estar, parecer no presente do indicativo e no pretérito imperfeito. | Anúncio, classificado, cardápio, laudo técnico e como apoio em diversificados gêneros | Fazer ver |
| Argumentativa | Defender um ponto de vista e argumentar | Conectivos e operadores argumentativos que estabelecem | Debate, editorial,artigo de opinião, manifesto. | Convencer |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| | | causa e efeito e verbos no presente | | |
| Explicativa | Expor informações e explicar assuntos | Linguagem objetiva, verbos no presente e predomínio de terceira pessoa | Seminário, enciclopédia, reportagem | Resolver um problema |
| Dialogal | Interagir com outro | Verbos no presente do indicativo | Telefonema, bate-papo, entrevista | Regular a interação |
| Injuntiva | Emitir ordem e prescrever | Verbos no imperativo | Receita, manual deinstrução,anúncio publicitário. | Fazer agir |

Fonte: Adaptado de Bronckart (2007)

### 2.6As outras formas de planificação

A sequência narrativa é caracterizada pela estrutura linear e apresenta como elemento central a intriga, geradora de uma tensão. Em vista disso, conforme Bronckart (2007, p. 238), essa segmentação pode obedecer a outra forma de organização, rompendo com o modelo rígido apresentado pela sequência narrativa. Assim "dispostos em ordem cronológica; sem que essa organização linear registre qualquer processo de tensão recebe a denominação de *Script"*.

> Em numerosos segmentos pertencentes à ordem do NARRAR, podemos observar que os **acontecimentos e/ou ações** constitutivas da **história são simplesmente dispostas em ordem cronológica,** sem que essa organização linear registre qualquer processo de tensão. Essa forma de **organização linear** é geralmente chamada de **script** (cf. Fayol, 1985) e podemos considerar que constitui o **grau zero da planificação** dos segmentos da ordem do NARRAR (BRONCKART, 2007, p. 238, (grifo nosso).

Em vista disso, diversas sequências podem ser combinadas para alcançar o objetivo do discurso, isto é, em um plano duas ou mais sequências podem ser combinadas a um esquema ou *script*.

> Para os relatos interativos e as narrações, a planificação do conteúdo temático pode ser efetuada em três modalidades, que podem ser alternadas e combinadas de múltiplas maneiras: o script, a sequência narrativa e a sequência descritiva. O *script* organiza o conteúdo temático em uma ordem que, presumidamente, reflete a cronologia efetiva dos acontecimentos narrados; a sequência narrativa e a descritiva, ao contrário, constituem formas de planificação mais convencionais, por meio das quais os acontecimentos são organizados em fases e sustentados por uma operação de caráter dialógico (respectivamente, criar uma tensão e fazer ver, guiando o olhar do destinatário) (BRONCKART, p.240-241).

Além de Bronckart (2007) apresentar o *script* como uma forma de planificação da ordem do NARRAR, que constitui grau zero em sua estrutura, fenômeno semelhante ocorre em textos integrantes da ordem do EXPOR.

> Prosseguindo essa analise, é necessário admitir, então, que um objeto de discurso pode não ser considerado contestável, ou problemático; nesse caso, esse objeto apresenta-se como neutro ou neutralizado e o desenvolvimento de suas propriedades efetua-se em um segmento de texto chamado às vezes de simplesmente informativo, ou ainda de puramente expositivo (BRONCKART, 2009, p. 239).

O que o autor afirma é que, diferentemente do grau dialógico que teria, por exemplo, uma argumentação, por ser contestável no ato comunicativo, um texto da ordem do EXPOR, que não apresenta essas características, tem caráter apenas informativo ou expositivo, configura-se como grau zero, sendo organizado da seguinte maneira: "realiza-se em uma das (outras) formas de esquematizações constitutivas da lógica natural (definição, enumeração, enunciado de regras, cadeia causal etc.) (BRONCKART, 2009, p. 239)".

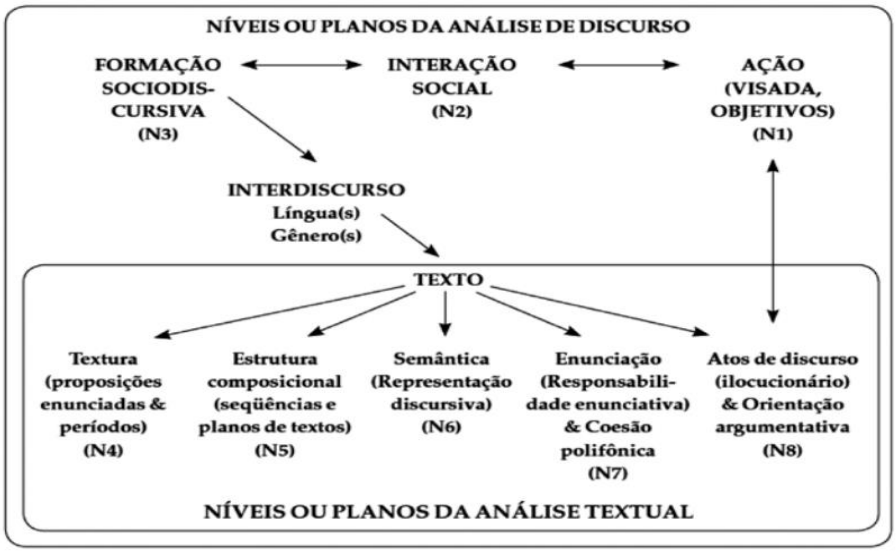
Com isso, seus preceitos teóricos, deixam claro, no momento que apresenta essas formas tão diversificadas de se planificar o texto, que as organizações estruturais são configuradas das formas mais diversas e que esses recursos podem ser instrumento de apoio ao ensino de leitura, como propomos nesse projeto.

Assim, as sequências acontecem de forma mais simples ou mais complexa. É na concretude do texto que essas estruturas podem ser perfeitamente base para a construção do discurso organizado em plano de texto.

### 2.7. As sequências textuais

O leitor e o produtor de texto não partem do caos, mas de uma característica de regularidade da língua para compreendê-la e para reproduzi-la nas mais diferentes situações de uso. A categorização desses traços de regularidade apresenta-se como subsídio para análise das crônicas que formam o *corpus* desse trabalho. Para isso, Adam (2019) apresenta o esquema (Figura 2) como exemplo desse caráter de estabilidade que, para além de Bakhtin, insere os elementos presentes no nível do texto nas atividades de estudo do gênero. Conforme Bonini (2005, p.208), Adam (1992) permite uma aproximação entre a linguística textual e análise do discurso, "apontando o texto como um objeto circundado e determinado pelo discurso". Na Figura 2 é apresentado o gênero nessa perspectiva:

Figura 2: Níveis da análise do discurso e níveis de análise textual




Fonte: Adam (2019, p. 35)

No esquema acima, o autor analisa os planos discursivo e textual**,** subdivididos em oito níveis. Na percepção de Adam (2019), o caráter heterogêneo observado no esquema mostra como há diferentes camadas a serem exploradas no texto.

> As teses defendidas aqui se inscrevem na perspectiva global de uma teoria de planos de organização da textualidade e da discursividade, que também são planos de análise.Distinguindo-se esses planos de organização e de análise não hierárquicos, trata-se de dar conta do caráter complexo e profundamente heterogêneo de um objeto irredutível a um único modo de organização; objeto complexo, cujo estudo é muito necessário que se separe em diferentes componentes (ADAM,2019, p.34).

O autor analisa o caráter heterogêneo como um exemplo da complexidade do texto. Essa possibilidade direcionou-nos aos meandros da estrutura composicional presente no nível (N5) concernente à estrutura profunda do texto. O referido esquema dispõe o texto como uma estrutura discursiva e textual com plena inter-relação entre os níveis, formando uma estrutura global materializada na interação.

Diante do exposto, focaremos o olhar analítico sobre o funcionamento, no âmbito do texto, de uma estrutura composicional dotada de segmentos encadeados e formadores de um plano textual geralmente composto por sequências heterogêneas, apesar de tantoAdam (2019) quanto Bronckart (2007) atestarem a existência de um plano textual unissequencial.

Conforme Adam (2019), as sequências podem ser classificadas em dois tipos: os monogeridos narrativos, descritivos, argumentativos e explicativos e o tipo poligerido dialogal, que obrigatoriamente depende da participação de outro agente. Adam (2019) não inclui o tipo injuntivo presente nos estudos de Bronckart (2007) como uma sequência, mas o

considera como textos de caráter procedural e de incitação à ação, como apontamos na seção anterior.

Diante disso, Bonini (2005) explica que Adam (1992) reformula o seu posicionamento porque não considera a injunção uma estrutura hierárquica e ordenada de proposições. Com isso, Adam (1992) reduziu os tipos para apenas cinco: narrativo, descritivo, argumentativo explicativo e dialogal.

Ante o exposto, tanto Adam quanto Bronckart apontam para a orientação argumentativa dessas sequências (narrar, descrever, convencer, explicar, interagir, fazer agir) como elementos importantes para o ato de ler e escrever, dado que a disposição dos níveis em seu aspecto global tem como objetivo concretizar uma intenção do agente produtor. Assim sendo, direcionamos o foco, no que está exposto na figura 2, sobre o papel de N5 para a apreensão do todo em nossas análises.

> A visada ilocutória global define todo texto como tendo por objetivo (explícito ou não) agir sobre representações, crenças e ou comportamentos de um destinatário (individual ou coletivo). A esses comportamentos dialogicamente orientado para a produção dirigida ao outro responde, simetricamente, o fato de que compreender um texto sempre consiste em saber a intenção que se exprime sobre forma de macro ato explícito ou a derivar (ADAM, 2009, p. 38).

À vista disso, concentramo-nos no funcionamento das sequências, diante dos textos que compõem o *corpus* dessa pesquisa, ao fazer uma análise acerca do funcionamento dessas estruturas como estratégia para a compreensão leitorado aluno no âmbito da sala de aula, é o que reitera Adam, a seguir:

> Além disso, narrar, descrever, argumentar e explicar são quatro formas de ação verbal muito correntes e dominadas muito cedo pelas crianças, que as teorias clássicas dos atos de fala não permitem, todavia, descrever. Todo texto visa explicitamente ou não atuar sobre representações, crenças ou comportamentos de destinatários (individual ou coletivo). Se considerarmos que o objetivo interativo dos enunciados assertivos é compartilhar uma crença, convencer um destinatário da consciência de uma representação discursiva, as asserções narrativas, descritivas, argumentativas e explicativas factuais ou ficcionais constroem representações esquemáticas do mundo com objetivo final, como nas diretivas de um objetivo de ação: compartilhar uma crença com a finalidade de induzir um certo comportamento (sonhar, rir, chorar, indignar-se, agir etc.). Convencer um destinatário (individual ou coletivo) (ADAM, 2009, p. 39).

A presente explanação do autor corrobora a premissa de que a infraestrutura textual presente no nível (N5- estrutura composicional)do plano de texto exerce papel singular para a construção de sentido, uma vez que o verbo é a base dos segmentos que conduzem os agentes do discurso imbuídos de ações, atitudes para agir, narrar, descrever, argumentar, explicar ou dialogar com o propósito de gerar alguma reação no destinatário. Cada uma dessas estruturas pode ser reconhecida no texto e ser parte da estratégia de leitura, levando-o a uma

compreensão do sentido global a partir da colocação dessas operações em um contexto de interação.

### 2.8A formação das sequências

As sequências, conforme Adam (2019), são unidades compostas por um conjunto de proposições responsáveis pela constituição de macroproposições. Segundo Bonini (2005), Adam discorre sobre o texto a partir de dois processos composicionais: o do plano de texto, que contempla uma visão do todo, e o da estruturação, centrado no encadeamento de proposições para a obtenção de um plano de texto local.

Diante da intencionalidade do agente do discurso, essas macroproposições, segundo Adam (2019), "ocupam posições precisas" importantes para a compreensão do todo textual. É o que reforça Bonini (2005) replicando Adam (1992) que diz compreender o ato interpretativo como uma ação de esquematização e de coesquematização, por permitir uma interação no nível do texto entre o agente produtor e o leitor, pois são, segundo Adam (2019, p.22),

> uma rede relacional decomponível em partes interligadas entre si (as macroproposições) e conectadas ao todo que elas constituem (uma sequência); uma entidade relativamente autônoma, dotada de uma organização interna pré-formatada que lhe é própria e que, portanto, está em relação de dependência-independência com o conjunto mais amplo do qual é parte constitutiva: o texto (ADAM, 2019, p. 22).

De acordo com Adam, (2019, p.22) estas "são unidades ligadas às outras macroproposições do mesmo tipo e ocupam posições dentro de um todo ordenado das sequências". Ao refletir sobre o excerto, é possível concluir que as sequências são constituídas por um conjunto de macroproposições.

> A sequência é uma estrutura relacional pré-formatada que se sobrepõe às unidades sintáticas estritas (frases) e as amplas (períodos) é um esquema de texto situado entre a estrutura frástica e periódica microtextual das proposições e a macrotextual dos planos de texto (ADAM, 2019, p. 22).

As sequências são estruturadas por um encadeamento de proposições formadoras de macroproposições. Os elementos de formação de um plano de texto nesta perspectiva visam, no todo, a uma ação pragmática: relatar algo, convencer, explicar, descrever ou mesmo estabelecer uma interação. Essas diferentes estruturações incorrem, de acordo com Adam (2019) em "diferentes arranjos" (narrativo, argumentativo, explicativo, descritivo e dialogal) apreendidas por meio de "impregnação cultural" de forma involuntária pela leitura, escuta e produção "transformadas em esquemas de reconhecimento e de estruturação da informação

textual". Bonini (2005) destaca que na esquematização, pontos como a mobilização dos saberes enciclopédicos e familiaridade com o gênero e intencionalidade são indispensáveis nesse processo.

### 2.9 Estrutura composicional

O encadeamento das sequências compõe um plano de texto e este é visto por Adam (2019) como "fator unificador" das estruturas composicionais. A conclusão proveniente dessa afirmação destaca a importância do conhecimento acerca da estrutura do texto como um recurso para a apreensão do que se tem intenção de estabelecer no processo comunicativo. Diante disso, o autor traz como exemplo a planificação de uma carta: "esquema global de uma carta": abertura (vocativo e indicações de tempo e lugar), exórdio, corpo da carta (zona de forte variação), peroração, fechamento (despedida e assinatura).

A existência de um pré-conhecimento do leitor acerca dessa estrutura o ajuda a depreender o que o texto intenciona. O mesmo aplica-se ao campo da escrita. A produção de um texto não é uma construção aleatória. Por isso, é necessário que o agente produtor esteja consciente do que deve planejar para produzir. Não é sempre simples como uma receita de bolo, dependendo do gênero, pode haver variações, mas conhecimento prévio, voluntário ou involuntário desse tipo de conhecimento mostra-se essencial.

A análise dos textos dispostos no capítulo direcionado a esse fim terá, como já vem sendo elencado, um foco direcionado ao macronível N5 do esquema 1, apresentado no início desse capítulo. Por isso, é importante apresentar a disposição detalhada de seu funcionamento.

> O nível N5 possibilita considerar como as sequências de proposições elementares são empacotadas sintática e/ou semanticamente em unidades textuais de nível superior de complexidade. O estudo dessas configurações de unidade é o próprio objeto da linguística textual. É necessário considerar três grandes tipos principais de agrupamento de proposições elementares: em *períodos* e *em parágrafos*, unidades textuais fragilmente tipificadas, e em *sequências*, unidades mais complexas e tipificadas (ADAM, 2019, p.26).

Posto isto, mostramos no Quadro 8 a estrutura dessa unidade complexa representada por Adam no esquema como N5:

Quadro 5: macronível N5 da organização composicional

| |
|---|
| **A**. PLANOS DE TEXTO (Segmentação em parágrafos em partes) |
| Planos pré-formatados por um gênero |

Planos não pré-formatados, exclusivos de um único texto

B. ESTRUTURAÇÃO SEQUENCIAL

B 1: Tipos de sequências na base dos arranjos

Arranjo unissequencial (a mais simples e a mais rara)

Arranjo plurissequencial

Homogênea (único tipo de sequência combinada, caso raro)

Heterogênea (mistura de diferentes sequências, caso mais frequente)

B2: Arranjos de sequências de base (combinações)

Sequências coordenadas (sucessão)

Sequências alternadas (montagem em paralelo)

Sequências inseridas (encaixamento)

B3: Dominância (efeito de tipificação global)

Pela sequência encaixante (que abre e fecha o texto)

Na sequência resumidora (que permite resumir o texto)

Fonte Adam (2019, p.59)

Esse esquema representativo do macronível reafirma o caráter heterogêneo desde a estruturação do plano até a disposição dos arranjos sequenciais que compõem um texto como um todo, identificado pelo autor como sequências de base. Essa disposição detalha como um plano de texto pré-formatado por um gênero dispõe dos arranjos para a concretização de sua estrutura. A organização dos arranjos no corpo do texto é fundamental para a compreensão do que declara o agente produtor. É o que reafirma Adam (2019, p. 39).

> As asserções narrativas, descritivas, argumentativas e explicativas factuais ou ficcionais constroem representações esquemáticas do mundo com objetivo final, como nas diretivas de um objetivo de ação: compartilhar uma crença. Com a finalidade de induzir certo comportamento (sonhar, rir, chorar, indignar-se, agir etc.)[...] Narrar, descrever, argumentar e explicar podem ser definidos como quatro atos de discurso não primitivos, mas intermediários entre o objetivo ilocutório primário da asserção (partilhar uma crença ou conhecimento) e o propósito final do ato assertivo (convencer para fazer agir). Uma asserção pode ser especificada em força narrativa, descritiva, argumentativa ou explicativa complementar, de especificação e de reforço (ADAM, 2019, p.39).

Em suma, a importância dos arranjos dispostos no macronível N5, para o alcance do objetivo do agente do discurso, é um elemento importante a ser trabalhado para a construção de sentido e não menos para compreensão, dado que o ato comunicativo não é um agir

aleatório, mas dotado de uma estrutura estável proveniente de práticas comunicativas ocorridas nas diferentes esferas sociais.

A estruturação em planos mostrada por Adam (2019) permite observar que cada gênero pode ter um plano, uma vez que as finalidades comunicativas são diferentes e a análise desse nível da infraestrutura mostra-se importante, tanto para a produção de texto quanto para a compreensão leitora.

### 2.10Protótipos das sequências, segundo Adam

O ato comunicacional é concretizado na interação e o gênero do discurso é o resultado desse ato interacional presente nas mais diversas esferas sociais. A configuração composicional de cada um dos gêneros em circulação na sociedade pode ser estruturada por uma única sequência (possibilidade rara) ou por várias (possibilidade majoritária). Diante disso, Adam (2019) considera em suas análises as seguintes sequências: narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal.

Nas discussões empreendidas no escopo desse trabalho, enquanto Bronckart (2007) trata as sequências como estruturas constituídas de fases, Adam (2019) lança mão de maior detalhamento quanto aos estudos do que se observa em N5. Para o autor, as sequências são protótipos constituídos por proposições encadeadas e, consequentemente, formadoras de macroproposições. Seria então esse conjunto de macroproposições provavelmente encadeados ou encaixados em um plano de texto à estrutura global de um determinado gênero, este, atrelado a um contexto para fazer sentido.

> A proposição, então, está em relação pragmática de dependência com uma sequência textual. A sequência textual, por sua vez, está em relação pragmática com o gênero (enunciado). Neste sentido é que Adam concebe uma pragmática textual, pois as marcas formais (gramática textual) interagem com uma exterioridade (condições da enunciação) (BONINI, 2005, p.218).

Assim sendo, a escolha por uma análise com base nos estudos de Adam decorre de uma maior atenção do pesquisador a essa camada da infraestrutura textual, resvalando em maior detalhamento das suas análises, porém levando em conta o entendimento do todo e a relação desse com a realidade presente no contexto de produção. Adam (2019) produz um estudo detalhado da infraestrutura do texto levando em conta os aspectos discursivo como é visto no esquema da Figura 2, ou seja, o processo de leitura, levando-se em conta a posição de

Bonini (2005) sobre Adam (1992) que é concebida pelo autor a partir da interação das marcas formais (gramática textual) com os fatos extralinguísticos provenientes das condições de produção e da enunciação.

### 2.10.1 O protótipo da sequência descritiva

O protótipo da sequência descritiva, de acordo com Adam (2019), é diferente dos outros quatro tipos. A descrição é estruturada de forma mais flexível e não comporta um modelo rígido estabelecido pelo reagrupamento pré-formatado de proposições em encadeamentos ordenados de macroproposições. Uma descrição pode ser feita por meio de uma enumeração de elementos com palavras justapostas ou até mesmo, como exemplifica Adam (2019), ser textualizada por meio da inserção entre as proposições de marcadores temporais, aproximando-a de uma estrutura de texto narrativo.

> Um dos planos mais frequentemente utilizados nas sequencias descritivas fundamenta-se em uma série do tipo: PRIMEIRO, DEPOIS, A SEGUIR, ENFIM. Essa série de marcadores na medida em que se vale de um sistema temporal, geralmente está integrada na classe dos organizadores temporais e alguns analistas não hesitam em falar de "narrativização" da descrição (ADAM, 2019, p.79).

Em síntese, marcadores temporais e organizadores espaciais podem fazer parte da estrutura de uma sequência narrativa, mas também de uma descritiva, mesmo não sendo uma narração, constata-se que uma sequência descritiva pode ser formatada de diferentes maneiras e essas configurações heterogêneas são moldadas de acordo com o objetivo que se tem acerca do texto.

O trabalho de análise é feito a partir da categorização de quatro macro-operações descritivas de base. São elas: operações de tematização, aspectualização, relação e operação de expansão por subtematização. Para a operação de tematização proposta por Adam (2019, p.85) o foco está no "TEMA TÍTULO"**.** Para o autor, esse tema título "atua como um nome próprio ou nome comum que serve de base a uma predicação (Tema-Rema). A macro-operação de tematização, conforme o autor, ocorre no texto de três maneiras: por pré-tematização ou ancoragem (antecipação do que será descrito); por meio da pós-tematização ou afetação (antecipam-se as característica do que será revelado somente no final) e também por uma operação de retematização ou reformulação (reformulação de uma propriedade).

A segunda operação base é a de **aspectualização**, pois apoia a tematização e é constituída por uma operação de fragmentação ou partição que opera na divisão em partes de

um todo. Essa macro-operação é a responsável pela qualificação ou atribuição de propriedades. A aspectualização qualifica e atribui propriedades dando ênfase a detalhes como cor, dimensão, tamanho, número etc.).

A operação de aspectualização, a segunda das quatro elencadas, é operacionalizada por meio de fragmentação ou partição (Centra-se na decomposição do todo em partes); operação de qualificação ou atribuição de propriedades (a consideração de qualidades ou propriedades do todo).

A operação de relação: essa macro-operação tem como princípio se fazer uma analogia. Para Adam (2019, p.93), "a relação de analogia é uma forma de assimilação comparativa ou metafórica". O autor traz o seguinte exemplo: "um rosto rosado, um pouco flácido, o nariz redondo e uma testa imensa. Algo de uma virgem flamenga que tivesse esquecido seu chapéu". Fazendo uma análise do exemplo, além de outras operações como de tematização e de propriedade, apresenta-se na última proposição um exemplo de relação por comparação "algo de uma virgem flamenga que estivesse perdido o seu chapéu". Observa-se a existência, neste caso, de uma analogia entre as propriedades apresentadas com de uma "virgem flamenga" (ADAM, 2019).

Operação de expansão por subtematização. Essa operação ocorre a partir do surgimento de um novo tema dentro de uma descrição. A partir desse ponto, por meio de um processo de ancoragem, o presente tema (subtema) dá continuidade à descrição. É o que detalha Adam (2019, p. 95): "uma subparte pode ser considerada em sua propriedade e suas partes, e isso, teoricamente, de modo infinito".

Enfim, as possibilidades de uso da descrição na geração de imagens ao leitor, processo importante para a leitura e também como estratégia de escritas são imensas. Além de todas as operações de descrição já citadas aqui, Adam (2019) destaca o descrever em paralelo. Essa descrição trata do desdobramento do ponto de vista sobre o objeto. Há também a descrição procedural e descrição passeio em que as proposições são demarcadas por verbos de ação como indicadores do que deve ser feito. A seguir apresentamos um exemplo de sequência descritiva extraído de uma das crônicas de Veríssimo.

> Tanto Dozinho quanto Rodopião tinham morrido por vaidade. Dozinho, apesar de magro ("esquálido", como o descrevia carinhosamente dona Judite, professora, sua única mulher legítima), se convencera de que estava ficando barrigudo e dera para usar um espartilho. Para não fazer má figura no Dança Brasil, onde passava as noites. (VERÍSSIMO, 2000, p.81)

### 2.10.2O protótipo da sequência narrativa

A narrativa remonta à Grécia antiga com a poética de Aristóteles. Ao longo do tempo, figuras como Bataut (1776), Bropp (1928), Fayol (1985) e Eco 1985 contribuem para o estudo do tema.

> O modelo da sequência narrativa de base tem por objetivo explicitar essa observação essencial, definindo o que assegura a ligação entre as proposições, assim como o seu empacotamento sob a forma de macroproposições "constitutivas de uma sequência, e a própria sequência como parte de um texto. Como unidade textual, toda narrativa corresponde certamente e de forma ideal a definição mínima que se pode atribuir à textualidade: conjunto de proposições articuladas progredindo em direção a um fim. Mas como definir o que faz a especificidade desse tipo de textualização (ADAM, 2019, p.114).

Em vista disso, a citação aponta a progressão como elemento caracterizador do texto narrativo. Mas além de um conjunto de proposições articuladas por marcadores temporais, Adam (2019) busca definir o texto narrativo a partir da visão de Bremond, de que não só a sucessão de acontecimentos caracteriza o texto narrativo, mas, sobretudo, a implicação. De acordo com o que é posto por Adam (2019), Bremond (1966) destaca que se não há implicação não passa de uma sucessão de acontecimentos cuja ênfase é o aspecto cronológico. Por conseguinte, o que caracteriza o texto narrativo é a sucessão de acontecimentos desencadeados por uma intriga. Essa definição dialoga com a concepção também defendida por Bronckart (2007). Para ele, se não há intriga, a sucessão de acontecimentos apenas centrados no eixo cronológico é considerada um *script*.

Logo, o texto narrativo é definido como um texto estruturado por uma sucessão de acontecimentos t e depois t+n, sucessão temporal problematizada em uma relação de início, meio e fim. Também há a unidade temática a partir da presença de pelo menos um ator individual ou coletivo, paciente ou operador.

A estrutura é também constituída pelos predicados transformados que são, na verdade, ações provenientes do sujeito. Adam (2019) exemplifica que "[...] é possível contentar-se simplesmente com a ideia de predicados de estar, ter ou fazer, definindo o sujeito do estado S no instante t – depois no instante t + n".

Constitui também a estrutura da narrativa a unidade de um processo. A unidade seria o fato de a história, que é a imitação da imitação, ser parte de um todo. A supressão ou o deslocamento de uma dessas partes pode prejudicar a unidade da narrativa. O embasamento de Adam para essa conclusão parte da concepção aristotélica de que o todo não é concebível sem uma das partes. A ausência de qualquer uma das partes prejudicaria a constituição desse todo.

Para discutir acerca da importância da unidade do texto, Adam (2019) reformula as concepções dos estudos de Aristóteles em *A poética* e *Ricoer* e chega à conclusão de que para haver narrativa é necessária a "transformação de predicados ao longo do processo" (ADAM, 2019, p.14). Ou seja, ele enxerga que cada etapa constitutiva do processo é importante para o que vem depois, sendo a geração de tensão o elemento desencadeador mais importante. É o que Adam (2019) mostra no Quadro 10.

Quadro 6: Quadro representativo da sequência narrativa

| Situação inicial | Transformações (realizada ou sofrida) | Situação final |
|---|---|---|
| Antes<br><br>"começo" | Processo<br><br>"meio" | Depois<br><br>"fim" |

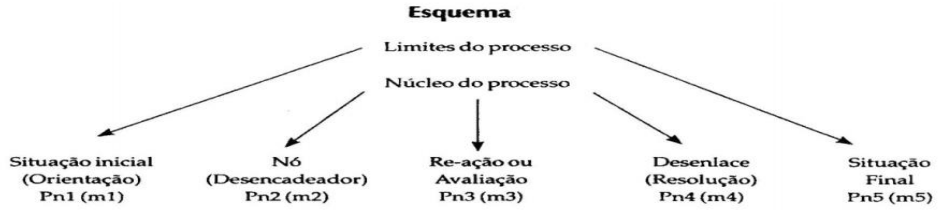
Fonte: Adam (2019, p. 118).

O processo é a parte central da narrativa, o miolo da narrativa como um todo. De acordo com cada etapa do processo, este é representado pela letra M. Isso quer dizer que toda narrativa pode ser constituída basicamente de MP. Neste caso, MPn1 seria correspondente a t (situação inicial). –m2. m3 e m4 seria correspondente ao processo, e, por fim, Mpn5 com o fechamento da narrativa, seria a situação final t+n.

> Para passar do simples encadeamento linear e temporal dos momentos (m1, m2 etc,) à narração propriamente dita, é necessário estabelecer uma intriga, passar de uma sucessão cronológica a lógica singular da narrativa, que introduz uma problematização pelo viés de duas macroproposições narrativas- o nó MPn2 e o desfecho (resolução) MPn4) (ADAM, 2019,p. 118).

Essas etapas da narrativa são importantes na constituição do texto como um todo. Para isso, as macroproposições são formadas por proposições que nas análises aqui feitas serão representadas pelas letras do alfabeto em caixa baixa de "A a Z". A união dessas proposições formará as macroproposições importantes para a construção do sentido da narrativa, como mostra a Figura 3:

Figura 3: Representação do protótipo da sequência narrativa




Fonte: Adam (2019, p.124)

É nessa construção do sentido que a narrativa está inserida, sendo então a disposição dos componentes linguísticos, como neste caso as proposições e as macroproposições, uma estrutura organizada para um fim centrado na pragmática, por ser eminentemente dialógica. Ou seja, engajar o interlocutor na prática comunicativa. Tal característica ganha respaldo em Bakhtin (1981), Volochinov (2010) e nos estudos de Labov e Waletsky, sobre a capacidade avaliativa do destinatário de um discurso.

Em síntese, a sequência narrativa como qualquer outra não é neutra, mas inserida em um contexto e o seu caráter argumentativo são elementos fundamentais para envolver o leitor, uma vez que essa relação não é passiva porque interage com o leitor.

O processo interativo da narrativa desencadeado pelo nó a ser desatado ao longo da história permeia grande parte dos gêneros ficcionais. Isto posto, analisamos o seguinte exemplo proveniente do fragmento da crônica "*A verdade"* de Luís Fernando Veríssimo.

> Uma donzela estava sentada à beira de um riacho deixando a água do riacho passar por entre os seus dedos muito brancos, quando sentiu o seu anel de diamante ser levado pelas águas. Temendo o castigo do pai, a donzela contou em casa que fora assaltada por um homem no bosque e que ele arrancara o anel de diamante do seu dedo e a deixara desfalecida sobre um canteiro de margarida. (VERÍSSIMO, 2000, p.82)

Como é possível constar a perda do anel de imediato provoca o medo da donzela, permitindo que haja, a partir desse ponto, o conjunto de ações em direção a um desfecho, característica essa determinante para compreender que se trata de parte de uma sequência narrativa.

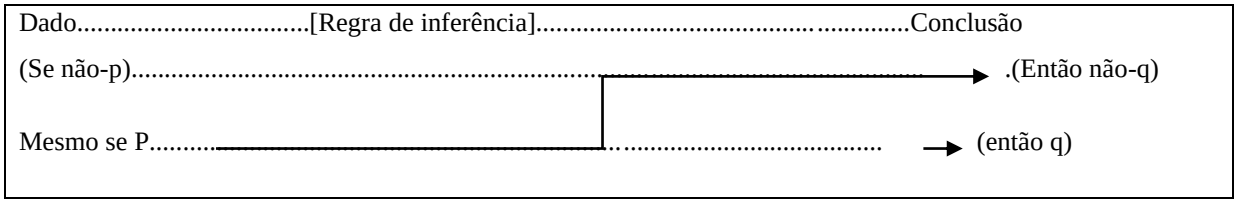
### 2.10.3 O protótipo da sequência argumentativa

De início, Michel Adam (2019) faz uma advertência. Para ele, não se deve confundir o termo sequência argumentativa com argumentação no sentido amplo do termo. Desse modo, o autor apresenta a argumentação no âmbito da linguística a partir dos parâmetros apresentados no esquema da Figura 2exposto no início desse capítulo. Para ele, a argumentação pode ser a construção de uma representação discursiva por parte do enunciador (n6) com o objetivo de alcançar a adesão do interlocutor (visada ilocutória) (n8). Todavia, apesar de na compreensão do texto, segundo Adam (2019), todos os níveis serem imprescindíveis na composição do todo, as análises aqui empreendidas focarão no nível n5,

dando destaque “as formas de composição e da organização sequencial provedoras da textualidade”.

O objetivo do discurso argumentativo visa à adesão do interlocutor e, para o alcance desse intento, o texto argumentativo tem como base um esquema inferencial “silogismo e entimema”. O silogismo acontece no movimento – dado/conclusão, ou seja, expõe-se uma premissa, toma-se como direção uma conclusão que seria neste caso uma nova proposição. Para explicar o silogismo, Adam (2019) traz a concepção aristotélica do termo. “O silogismo é um raciocínio no qual, certas premissas, sendo postas, delas resultam necessariamente uma proposição nova, pelo simples fato dos seus dados”. Adam enxerga as premissas como dados para a origem de uma nova conclusão, como é mostradono Quadro 07.

Quadro 07:Representação do esquema inferencial




Fonte: Adam (2019)

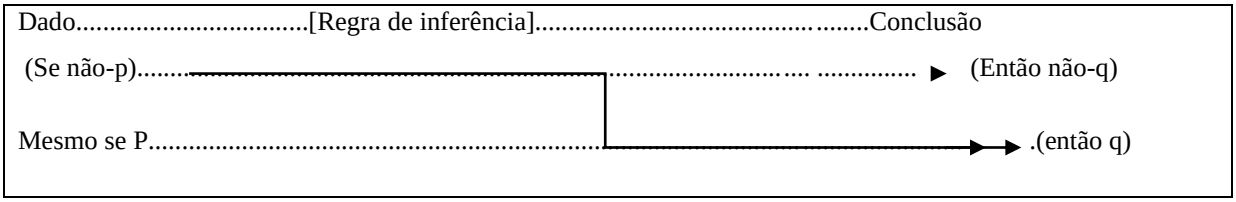
Pelo que mostra a regra básica de inferência, expõem-se os dados e, em seguida, aplica-se a regra de inferência para o alcance do resultado final - a conclusão. Esse é o movimento relativo ao segmento de sequência argumentativa.

As premissas são, na verdade, o ponto de partida para o surgimento de uma nova proposição, em síntese, a conclusão do que foi constatado no dado exposto. Ainda sobre o silogismo, Adam (2019, p.147) sinaliza que ele “[...] tem a particularidade de conduzir à conclusão sem recurso exterior, pelo simples fato dos seus dados”. O que o autor explana parte da seguinte lógica: a limitação da premissa ao espaço único do período sem levar em conta o contexto, leva a conclusões muitas vezes absurdas, que chegam a ser engraçadas. Seria como se compreendesse como verdade absoluta sem contextualizar o fato de serem de origem islâmica os terroristas que atacaram as torres gêmeas em 11 de setembro de 2001 a seguinte conclusão: “terroristas islâmicos atacaram as torres gêmeas. Assim, conclui-se que todo islâmico seja terrorista”. Algo desse tipo seria justificar um absurdo com uma premissa realmente verdadeira, uma vez que houve realmente o ataque e estes eram islâmicos. Mas o que se colocaria paralelo a isso é que, para asseverar tal conclusão, é necessário conhecer o contexto de vivência do povo de origem islâmica. Não levar em conta tais nuances seria, por conseguinte, incorrer em uma acusação falsa por meio de uma análise abstrata dos fatos.

O entimema, também explicado por Adam (2019), é um tipo de silogismo cuja parte da informação de uma premissa pode ser implícita, uma vez que a depreensão por parte do leitor é fácil. Para Adam (2019), “de fato se alguns desses termos são conhecidos, não se deve enunciá-lo, o próprio ouvinte o supre”. Essa estruturação é, dessa maneira, uma forma de interpretação inferencial com mais participação do leitor.

As análises de Adam (2019) acerca da estrutura da argumentação mostram que o silogismo e o entimema obedecem a duas ordens de organização, podendo ser progressiva ou regressiva, como é explicitado no Quadro 08.

Quadro 08:Representação do esquema inferencial




Fonte: Adam (2019)

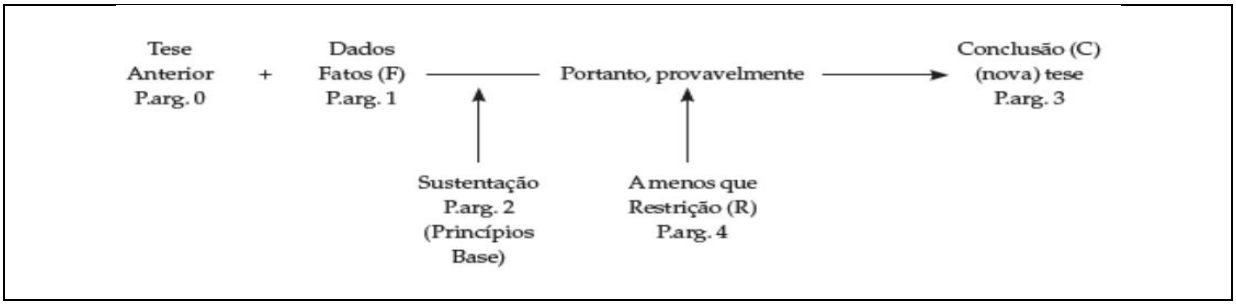
A presente demonstração esquemática mostra agora a seta em uma perspectiva inversa à do esquema do Quadro 29. Adam (2019, p. 150) parte dessa constatação para admitir que “devemos, portanto, admitir a existência de um modo particular de composição ligando enunciados segundo uma ordem progressiva: [dados > [inferência >] conclusão], ou segundo uma ordem regressiva [conclusão >[inferência>] dados].” Com a explicação desse movimento, o estudioso chega à seguinte conclusão: a ordem progressiva tem como objetivo concluir e a ordem regressiva, a explicação.

Todavia, como complementação a esse pensamento, Adam traz a conclusão de Perelman (1993) sobre esse movimento, uma vez que a adesão acerca do que é posto em um movimento argumentativo depende do auditório, do nível de conhecimento e de capacidade de adesão desses interlocutores.

Desse modo, Michel Adam (2019) apoia-se em Moeschler (1985) para concluir que um discurso argumentativo tem como base o aspecto da controvérsia, dos conflitos de ideias. A propriedade da refutação é a característica básica da argumentação que a distingue tacitamente da demonstração ou da dedução.

Toda essa reflexão acerca da estrutura da argumentação levou Adam (2019) a propor o seguinte esquema para explicitar a sua visão:

Figura 4:Protótipo da sequência argumentativa




Fonte: Adam (2019)

O esquema de base apresentado acima é como Adam (2019) esquematiza a estrutura da sequência argumentativa. Ou seja, o processo de refutação apoia-se na tese anterior e é representado no esquema pela Mp arg. 0 + as macroproposições de 1 a 4, com cada uma exercendo uma função importante no movimento de argumentação e de contra argumentação comum nessas sequências.

Para isso, Adam (2019, p. 164) trata da existência de dois níveis: o primeiro é o da justificativa assim formatado: (Mp.arg.1 + Mp.arg.2 + Mp.arg.3), neste caso, a interação com o interlocutor é quase nula, é uma forma de domínio do enunciador no processo argumentativo. Já no segundo, o processo é inverso, por isso, dialógico ou contra argumentativo, levando-se em conta a presença do contra argumentador, o locutor "auditório real ou potencial" e é representado de acordo com o que é visto no esquema anterior por (Mp.arg.0 + Mp.arg.4).

Enfim, diante disso, é perceptível que o valor da forma, da estrutura sequencial, seja diante do domínio do enunciador, seja na interação, a importância da estrutura na perspectiva da proposição e da macroproposição é crucial quando bem articuladas para o sucesso da argumentação. Sejam as premissas falsas ou verdadeiras, refutáveis ou não, a estruturação da argumentação em um plano de texto é relevante na defesa das ideias.

Como forma de ilustrar o que fez parte do debate, mostraremos a seguir um exemplo de crônica argumentativa *Blefe* de Luís Fernando Veríssimo, cuja estrutura argumentativa mostra-se predominante:

Ou ultrapassando a fachada e mergulhando na alma do outro. Não se trata de adivinhar o caráter. Não é uma questão de caráter. O blefe é um lance tão legítimo quanto qualquer outro no pôquer.Os puros são até melhores blefadores, pois só quem não tem culpa pode sustentar um poker face perfeito sob o escrutínio hostil da mesa. Há quem diga que ganhar com um blefe supõe ganhar com boas cartas e

> que é no blefe que o pôquer deixa de ser um jogo de azar, e, portanto, de acaso, e se torna um jogo de talento. Já fora do pôquer o blefe perde sua respeitabilidade. (VERÍSSIMO, 2000, p.15)

Observa-se que a premissa em destaque “um blefe é um lance tão legítimo quanto qualquer outro no pôquer” orienta o movimento argumentativo seguinte em busca da defesa das ideias, ou seja, apresentação de tese P.arg 0 + P. arg 1 + sustentação (P.arg 2) + conclusão (p.arg3) formando uma macroproposição que assim norteia a compreensão leitora em um determinado gênero.

### 2.10.4O protótipo da sequência explicativa

Os primeiros estudos sobre o texto explicativo foram marcados por certa imprecisão tipológica acerca do que seria um texto explicativo, informativo e expositivo. Com o intuito de esclarecer qualquer confusão concernente ao que se caracterizaria como texto explicativo, Adam (2019) lança mão de estudos desenvolvidos por Cobettes e Tomassone (1988) que explicam a importância da base informativa para a composição da explicação, todavia, o texto explicativo, do ponto de vista da pragmática do discurso tem como intenção a compreensão dos fenômenos. Indo além de apenas informar ou expor, mas estabelecer uma relação dialógica de elucidação de um problema.

Ao se fazer um paralelo entre o texto argumentativo e o explicativo, observa-se que ambos se diferenciam porque, enquanto o primeira busca a mudança de posição, o segundo busca apenas esclarecer o interlocutor de forma inteligível. Assim sendo, quem explica pode passar pela exposição de fatos, mas a explicação é um caminho que nasce seguramente dessas bases.

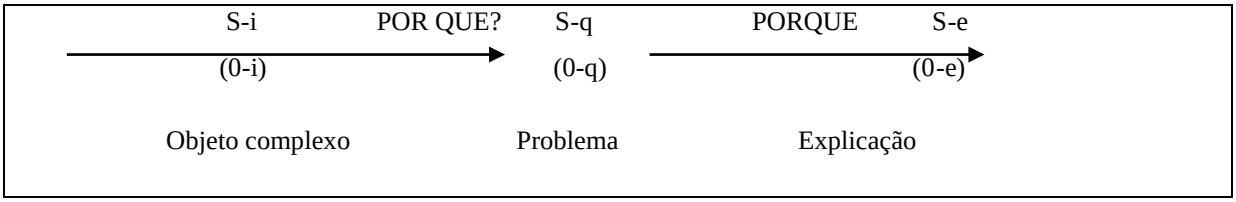
Diante disso, Adam (2019, p.179) afirma que “a distinção a ser feita entre exposição e explicação passa pela diferença entre POR QUE? E COMO. A maioria das sequências em COMO não são explicativas”. A partir dessa constatação, o autor reformula o seu pensamento, uma vez que, se antes considerava os textos em COMO textos explicativos, desautoriza a si e o próprio Werlinch na medida em que estudos anteriores consideram o texto expositivo como uma variante do explicativo. Além disso, Adam (2019) ancora-se em Grize (1981) para diferenciar o que denomina de justificação de uma explicação. A sua análise leva-o a compreender a justificação como uma resposta a uma pergunta “por que afirmar isso”? Enquanto a explicação trabalha com o “porque” na perspectiva da reposta. Para Adam (2019,

p 180), “a explicação propriamente dita deve ser considerada como uma resposta” por que algo é / se torna assim, ou faz isso?

Ainda amparado em Grize (1981), Adam (2019) define o movimento explicativo como uma estrutura de segmentos curtos. É desse modo que a explicação é um segmento de linguagem claro e dinâmico. Adam (2019, p.189) exemplifica que “assim é a forma de frase periódica exclusivamente no presente que se combina com É QUE. É PORQUE ou É POR ISSO (QUE)”.

A estruturação de segmentos curtos encadeados pelos conectores explicativos até aqui mostrados é explicado por Grize (1981), a partir do esquema, no Quadro 15, que mostra o movimento da estrutura geral de uma sequência explicativa. Para o autor, o movimento se dá a partir de uma tripla operação de três objetos: o complexo (O-i), o problematizador (O-q) e o explicativo (o-e) formando então um esquema, cujo objetivo é apresentar, problematizar e explicar.

Quadro 09:Representação esquemática da sequência explicativa




Fonte: Adam (2019)

O presente esquema de Grize (1981) é núcleo para o acréscimo de uma teoria sobre as sequências conversacionais explicativas desenvolvidas na interação social e organizadas em três fases por Gulich e Gaulmyn: a fase 1 trata da constituição de um objeto a ser explicado a partir da atuação do sujeito que explica e o que recebe; a fase 2 trata do núcleo explicativo e a 3, da ratificação caracterizada pelo fechamento da sequência diante do consenso da explicação.

Diante do exposto e da contribuição dos estudos de Grize e de Gulich e Gaulmyn, Adam (2019) organiza o quadro da sequência explicativa da seguinte forma:

Quadro 10: Sequência explicativa prototípica

| | | |
|---|---|---|
| 0 | Macroproposição explicativa 0 | Esquematização inicial |
| 1. Por que X? (ou como?) | Macroproposição explicativa 1 | Problema (pergunta) |

| | | |
|---|---|---|
| 2. Porque | Macroproposição explicativa 2 | Explicação (resposta) |
| 3. | Macroproposição explicativa 3 | Ratificação-avaliação |

Fonte: Adam (2019, p. 193)

Adam (2019) expõe no presente quadro o aspecto linear dessas sequências em que o movimento explicativo acontece de forma explícita ou elíptica em alguns casos.

A sequência explicativa está presente em diversos gêneros, principalmente os que têm como objetivo comunicacional a explicação objetiva dos fenômenos. Entretanto, uma sequência explicativa pode exercer importante função em um gênero, mesmo que no aspecto global do texto, essa não seja a orientação argumentativa principal. Como o próprio Adam (2019) destaca, a infraestrutura de um texto é geralmente diversificada e diversas sequências textuais podem ser parte de um plano de texto em um determinado gênero.

Por isso é possível apontar estruturas explicativas dentro de um plano de texto em combinação com diversas outras sequências, todavia, sequências explicativas encaixadas como apoio a estruturas argumentativas podem ser comuns em um plano de texto cuja orientação argumentativa é predominante.

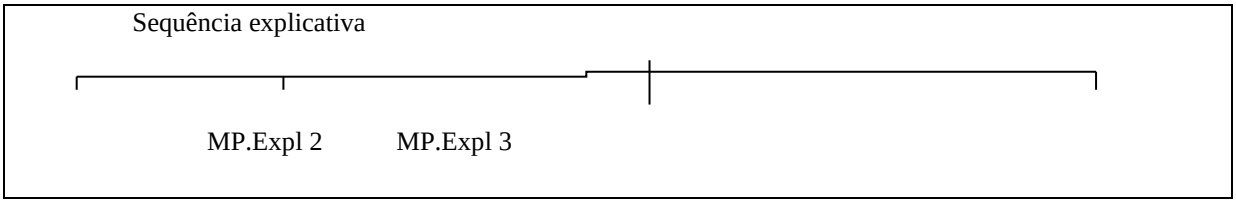
Para ilustrar o que está em debate, é interessante retornar a um fragmento da crônica *A verdade*, de Luís Fernando Veríssimo, exposta no tópico anterior:

> Ninguém conhece a alma humana melhor do que um jogador de pôquer. A sua e a do próximo.
>
> Numa mesa de pôquer o homem chega ao pior e ao melhor de si mesmo, e vai da euforia ao ódio numa rodada. Mas sempre como se nada estivesse acontecendo. Os americanos falam do poker face, a cara de quem consegue apostar tendo um Royal Straight Flush ou nada na mão com a mesma impassividade, embora a lava esteja turbilhonando dentro. **Porque sabe que está rodeado de fingidos, o jogador de pôquer deve tentar distinguir quem tem jogo de quem não tem e está blefando por um tremor na pálpebra, por um tique na orelha.** (Grifo nosso) (VERÍSSIMO, 2000, p.15).

A parte em destaque, (grifo nosso) está encaixada na sequência argumentativa e é introduzida pela conjunção PORQUE, a partir da macroproposição responsável pela ação verbal norteadora de uma justificativa. Com essa ação macroproposicional encaixada na

estrutura argumentativa, agrega-se confiabilidade ao que está sendo apresentado pelo indivíduo que, na estrutura global do texto argumentativo, espera convencer o alocutor.

Quadro 11:Esquema da sequência explicativa grifada




Fonte: Adam (2019)

Como já fora exposto aqui, um gênero textual pode, em sua composição geral (plano de texto), ser estruturado com uma única sequência. Entretanto, o mais comum é que determinadas sequências ocupem dentro de outras uma função complementar, com objetivo de enriquecer o caráter comunicativo do texto. É o fenômeno que acontece no exemplo apresentado, extraído da crônica *Blefe*, de Luís Fernando Veríssimo. Daí a importância do conhecimento acerca dessa estrutura para a produção e compreensão dos gêneros do discurso.

### 2.10.5 O protótipo da sequência dialogal

A descrição é, como exposto na seção dedicada a este protótipo, uma sequência de apoio, podendo, transversalmente, ser parte de qualquer uma das sequências, mesmo não sendo a dominante. Para Adam (2019, p. 240), "as operações descritivas são metodicamente aplicadas. Contudo, como essas operações descritivas são distribuídas em diversas réplicas e são coavaliadas pelos interlocutores, o diálogo às supera [...]". Esse movimento é comum na constituição das sequências, uma vez que Adam (2019) tem essa noção como parte do princípio da dominância sequencial.

Caminho semelhante ao das operações descritivas no diálogo é também percorrido pela argumentação. Como diz Adam (2019, p. 241), "assim como é impossível não descrever, é impossível não argumentar (no sentido amplo da ação operada por outrem)". Todavia, há uma diferença, pois enquanto a sequência descritiva é importante para a progressão do conjunto do diálogo, a estrutura argumentativa faz movimento diferente e, por meio dos conectores, estrutura o diálogo. É o que mostra o diálogo a seguir:

> Querida, eu juro que não era eu. Que coisa ridícula! Se você estivesse aqui - Alô? Alô? - olha, se você estivesse aqui ia ver a minha cara, inocente como o Diabo. O quê?
>
> Mas como, ironia? "Como o Diabo" é força de expressão, que diabo. Você acha que eu ia brincar numa hora desta? Alô! Eu juro, pelo que há de mais sagrado, pelo túmulo de minha mãe, pela nossa conta no banco, pela cabeça dos nossos filhos que não era eu naquela foto de carnaval no Cascalho que saiu na Folha da Manhã. O quê? Alô! Alô! (VERÍSSIMO, 2000, p.11)

É perceptível na sequência dialogal apresentada no excerto trocas fáticas e transacionais que sustentam a argumentação de um dos agentes implicados na crônica. Desse modo, há no diálogo, conforme apresentado por Adam, um discurso alicerçado na finalidade de convencer o outro.

### 2.10.6Discurso procedural e outros gêneros de incitação à ação

Ao reformular as próprias conclusões, Adam (2019) não mais considera a estrutura linguística de receita culinária, a instrução de montagem, as ordens, os regulamentos, as regras do jogo, os guias de viagem, o horóscopo e congêneres, como parte de um tipo textual de estrutura hierárquica “estável”, como os cinco anteriormente apresentados. Ele visualiza a “listagem dos ingredientes das receitas ou elementos dispersos das instruções de montagem” como descrição das ações que orientam ações futuras.

Desse modo, Adam abandona um provável tipo injuntivo e o enxerga como tipos instáveis de caráter flutuante, atrelados às diferentes intenções de cada um desses gêneros que, em comum, visam ao ordenamento de ações para que se alcance objetivos específicos.

Adam (2019) ilustra o seu texto com os diferentes entendimentos acerca do discurso procedural na visão de diferentes estudiosos: Werlich (1975) faz a distinção entre os arranjos próprios da narrativa, responsáveis pela representação de ações que acontecem em uma perspectiva da ficção ou real dos arranjos que visam uma instrução, prescrição ou ação direcionada para um fazer agir.

Greimas (1983) observa o discurso procedural como um fazer agir que programa o agente (leitor) a agir segundo as expectativas do agente do discurso. Já Isemberg (1984) denomina “ergotrope” as instruções de montagem. O autor insere nesse bojo a carta comercial, a reportagem e a lição. O autor enfatiza o caráter objetivo em busca da eficácia desses gêneros discursivos.

Garavelli (1988) classifica-o como textos reguladores, uma vez que visa padronizar as ações do destinatário. E por último, Luger (1995) aproxima as instruções de uso dos textos dão conselhos, comum nas famosas colunas de aconselhamento da imprensa escrita direcionadas ao público feminino.

Tanta flutuação é a justificativa apontada por Adam (2019) para a impossibilidade de estabelecer mais um protótipo, uma vez que um conjunto de gêneros que transitam entre o procedural (regulamento, regras do jogo e manuais) e o injuntivo (horóscopo, conselho de beleza) só para dar alguns exemplos.

Assim sendo, diante de uma categorização instável, Adam (2019, p.225) chega à conclusão de que os textos de conselho tanto quanto os de instrução visam a uma finalidade prática e objetiva.

Para o cumprimento da finalidade prática, a relação entre o agente produtor e o destinatário torna-se possível por um conjunto de fatores de caráter discursivo e, sobretudo, linguístico que parte do imprescindível compartilhamento de uma referência e de um léxico em comum importante para a compreensão.

Nesse processo, cada texto, com a sua finalidade específica, incorrerá em uma estrutura linguística adequada à finalidade do agente do discurso, como bem discorre Adam (2019, p. 255) "a grande característica" desses textos é a presença massiva de predicados de ação: da proibição da ação ("proibir de fumar") à injunção para agir de forma procedural ("toque na companhia e entre)". Enfim, os textos procedurais e injuntivos do ponto de vista linguístico são ricos em "predicados de ação, organizadores e advérbios temporais, especificando a sucessão e/ou a duração das operações e sub-operações". Acrescentam-se a esse também os organizadores e advérbios locativos. Por outro lado, nos textos procedurais e de incitação à ação, há a quase ausência de conectores argumentativos. Assim sendo, Adam (2019, p. 255) destaca o quão variável é o grau de imperatividade, uma vez que sofrerá mudanças de acordo com o gênero.

O caráter obrigatório e o grau de restrição de atos de discurso imperativos variam de um gênero a outro: a liberdade de não seguir a injunção-recomendação é muito baixa para todos os gêneros reguladores (instrução e regulamentos), muito alta para os conselhos e outros horóscopos, média para os gêneros procedurais (receitas, guias, instruções de montagem).

Constata-se que o estilo linguístico varia bastante, tanto que Adam (2019) apresenta acima a existência de três níveis de imperatividade que pode ser baixo ou alto dependendo do gênero. Diante disso, um texto com essas características deixa um espaço a ser preenchido por um agente (o leitor), que irá agir de acordo com a característica do gênero. Ou seja, se é um

manual de instrução, o nível de independência do agente é muita baixa, sob risco de não alcançar o objetivo esperado, se é um aconselhamento de beleza, o agente ocupante desse espaço tem muito mais liberdade para atuar, como confirma o autor, na sequência.

> O aspecto enunciativo mais importante é certamente este lugar deixado livre, esperando uma ocupação implicada pelo imperativo, apagada pelo emprego do infinitivo em que a ação fica à espera de um tempo e de um sujeito, isto é, de uma atualização (ADAM, 2019, p. 256).

Enfim, essa característica de apagamento do sujeito como também a não demarcação de um tempo, apontada por Adam (2019), pela presença de verbos no infinitivo, torna o argumento mais forte para fundamentar a tese do autor de que é mais lógico optar pela não consideração do discurso procedural e os gêneros de incitação à ação como uma sequência em si, uma vez que apresenta características voltadas, de acordo com Adam (2019), ao aspecto pragmático-semântico.

Para o autor, tendo como base a Figura 2, no início desse capítulo, tais gêneros estão relacionados à "parte superior" do esquema da Figura 2 e os níveis N6, N7 e N8. Não em N4 e, principalmente N5, cuja estrutura interna é o foco. O que faz levar o autor a não a considerar uma sequência.

Essa conclusão de Adam não aparece em sua teoria como inquestionável, mas que, por certo, a maioria dos gêneros procedurais que incitam ação, se enquadram em níveis mais altos do que o da sequência.

Mas, isso não quer dizer que um desses gêneros não aponte para a existência da narração, por exemplo. Acerca disso, Adam destaca o que aborda Greimas (1983) e Bouchard (1981), que enxergam uma receita de cozinha como "uma espécie de narrativa, todavia, marcada por um funcionamento específico, prático e objetivo."

De acordo com Adam (2019, p.267),"essa confusão é engendrada pela presença de predicados de ação e de uma temporalidade presente nesses textos. Contudo, a presença de ação e temporalidade não é suficiente para o enquadramento de um texto no escopo da narrativa. Um protótipo essencialmente narrativo trata de refletir sobre as ações de um sujeito estabelecendo um movimento marcado por sucessões transformadoras, o que não acontece com os textos procedurais e programadores, uma vez que não reflete sobre o agir.

Em síntese, Adam (2019, p. 248) coloca um traço de distinção entre ambos: "enquanto as narrativas produzem um sentido a ser interpretado, os textos de incitação à ação devem somente ser entendidos e se destacam por sua natureza prática, e nem tanto pelo seu grau de argumentação", tão presente nas sequências quando se leva em conta a interação com o leitor.

Outro fator importante no estabelecimento dessa diferença trata do caráter factual do texto procedural, bem diferente do ficcional relativo ao texto narrativo.

Outras diferenças também marcam linguisticamente os textos procedurais e os que incitam uma ação. Adam traz uma reflexão sobre isso:

> Os gêneros dominados pelo conselho comportam, geralmente, encadeamentos de atos menos numerosos que nos gêneros mais puramente procedurais[...]. Nos gêneros procedurais, os conselhos são os mais difundidos, e a estrutura em Se ou PARA é claramente menos frequente. (ADAM, 2019, p. 266).

Adam destaca o fato de haver uma mudança linguística marcante entre essas duas formas de estabelecer uma interação cuja ordem norteia o discurso. Ele aponta maior frequência de verbos com procedimentos mais práticos e objetivos e uma frequência bem menor dos conectivos *Se* ou *Para*, mais voltados a justificar uma ação, uma vez que o sujeito ocupante dessa lacuna terá mais autonomia para a adesão ou não, mostrando uma diferença grande entre a injunção de procedimentos e o aconselhamento para se fazer algo.

Portanto, enquanto o texto procedural é muito focado no imperativo, o de incitação à ação mescla ambos e fica entre a ordem e o conselho. Para Adam (2019, p.275) "são práticas discursivas bem diferentes, mas que apresentam "regularidades linguísticas comuns".

### 2.10.7. As características linguísticas comuns

**Características enunciativas (C1)**

A presença do enunciador é apagada em quase todas as situações com presença pontual em algumas situações. "eu aconselho", "quero te dizer", " o lugar do sujeito-agente (destinatário) é deixado predominantemente aberto (você). Ele pode assim ser ocupado por cada leitor usuário" (ADAM, 2019, p. 275).

**Contrato de verdade e promessa de sucesso (C2)**

Há relação de confiança entre o agente produtor (*expert*) e o leitor. Denominado por Adam (2019) de "contrato de verdade".

**Léxico especializado (C3)**

O léxico sempre estará atrelado ao gênero, dado que esse tem a relação com um domínio de especialidade.

**Representação de ações e força ilocutória (C4)**

Presença de verbos imperativos, sucessão de ações, verbos empregados no infinitivo e outros e a presença de partes descritivas de valor "referencial (informativo) e instrucional (ordem)".

**Marcas de conexão (C5)**

Conectores como para/ como+infinitivo e se/em caso de+imperativo e se/em caso de imperativo ou infinitivo jussivo são apontados por Adam (2019, p 278) como "conectivos cuja presença é importante nos textos procedurais e de incitação à ação, mas variam muito, sendo mais presentes nos que incitam à ação". Nesses textos são bem amplamente perceptíveis os marcadores temporais em detrimento de conectores argumentativos, por exemplo.

**Macrossegmentação tipográfica (C6)**

Os textos procedurais se mostram cada vez mais icônicos com uma organização textual cada vez mais variada. Para isso, desenhos infográficos e outros recursos são cada vez mais perceptíveis no plano desses gêneros. Visam tornar mais claro como fazer.

Desse modo, o plano de texto tem relevante importância na eficiência da comunicação almejada. Assim sendo, diante da diversidade de possibilidades, o plano de texto mais elaborado terá mais importância ou não, dependendo do gênero, uma vez que um infográfico pode não ser tão relevante em um gênero do que em outro.

**Cadeia de ações: complexidade dos arranjos de proposições**

Os textos podem comportar diversos arranjos das proposições. Isso acontece mesmo quando o intuito é orientar procedimentos. Diante disso, Adam (2019, p.283) apresenta a diferença entre as receitas que comportam "predicados acionais no imperativo ou com verbos no infinito", em a estrutura de um guia de alpinismo.

Diante das possibilidades aqui expostas, Adam (2019, p 294) tem uma compreensão geral dos textos procedurais e de incitação à ação: "podemos ficar tentados a considerar os textos procedurais e injuntivos-instrucionais como um tipo textual bastante individualizado, situado dentro de um continuum, entre a narrativa e a descrição[...]. Adam (2019)", assim, compreende como algo dispensável considerá-lo um sexto protótipo.

Desse modo, não é o caso de se propor um protótipo sequencial, mas uma família de gêneros discursivos fortemente determinados por componentes semântico-pragmáticos comuns: visada ilocutória injuntiva, lugar enunciativo vazio destinado a ser ocupado pelo leitor, mundo representado não funcional (ADAM, 2019, p.294).

É possível depreender que, ao enxergar traços comuns, Adam (2019) resiste, dado que o caráter utilitário se sobressai ao dialógico visto nas outras, sem contar a sua instabilidade estrutural em que, ao mesmo tempo que se observam traços, constituem-se simultaneamente estruturas imbuídas de grande diversidade linguística.

Adam (2019) dá ênfase à diversidade das formas de textualização, porque esse caráter heterogêneo das formas abre esse caminho. Ele também destaca, de modo geral, a predominância argumentativa dessas estruturas. Conforme aponta Adam (2019, p. 300), "a hipótese do todo argumentativo é justa do ponto de vista da teoria pragmática geral: uma narrativa, uma descrição, uma explicação, possuem uma orientação argumentativa". E para o pesquisador, esse discurso argumentativo nasce da finalidade do agente produtor.

Adam conclui que o texto é caracterizado a partir de uma perspectiva global de compreensão diante da sua estrutura diversa e resulta de um "efeito de dominância". O texto é, sob forma de resumo, caracterizado como mais ou menos descritivo, narrativo, explicativo, argumentativo ou dialogal. Ainda no dizer do pesquisador (2019, p. 301), "o efeito de dominância é determinado, seja pelo maior número de um tipo de sequência, seja pelo tipo da sequência encaixante".

> Um texto heterogêneo é geralmente classificado em função do tipo enquadrante. Vimos que uma fábula como "O lobo e o cordeiro" é definida como narrativa, em primeiro lugar, porque se trata do gênero fábula e, depois, porque a narrativa orienta o longo diálogo entre os dois protagonistas. Quantitativamente o diálogo a supera, mas o tipo enquadrante narrativo decorre do pertencimento do texto ao gênero fábula. Quanto à "moral" que perpassa argumentativamente o texto, ela se acrescenta à complexidade dessa heterogeneidade constitutiva. A estrutura composicional é organizada pelo plano de texto, que, no século XVII, compreendia também a vinheta situada entre o título e o texto propriamente dito, fazendo da fábula clássica um iconotexto (ADAM, 2019, p. 301).

A citação mostra que Adam (2019) conclui que não necessariamente um texto pode ser correlacionado a um tipo. O autor enxerga a construção de sentido em um texto desse como o resultado de um plano que envolve o encadeamento de sequências na construção do sentido desejado pelo agente produtor. Há então uma confluência que vai muito além do que historicamente levou-se a entendê-lo como narrativo de forma fechada e acabada. É o que reitera Adam na citação a seguir:

> Vimos que um texto de dominância narrativa é geralmente composto de relações de ações, de acontecimentos, de palavras e de pensamentos representados, mas que

> comporta também momentos descritivos mais ou menos desenvolvidos. Falar, nesse caso, de modo redutor de "texto de tipo narrativo" remete a apagar a complexidade específica do texto em questão. Efetivamente é na dosagem das relações entre diversos constituintes composicionais que cada texto constrói seus efeitos de sentido e às vezes até suas intenções estéticas. (ADAM, 2019, p. 302).

Adam (2019) conclui que não há uma receita, um tipo imutável, mas um protótipo dominante. Um conjunto de segmentos encadeados que compreendem um plano. A análise dos gêneros, sob o prisma das sequências, mostra uma composição bem mais rica de detalhes, abrindo a possibilidade de se trabalhar esse conhecimento para a aprendizagem de leitura e de escrita na sala de aula.

E tudo se dá pela aplicação do conhecimento acerca dessa teoria da composição das sequências, tão profundamente estudada por Adam ao longo de sua trajetória (1992, 2011, 2019). "A teoria composicional das sequências tem por tarefa enfatizar tais dosagens (de descritivo no narrativo, de narrativo no dialogal, de narrativo no explicativo etc.) e as novas soluções inventadas para cada texto" (ADAM, 2019, p. 302).

Um texto não é apenas uma sucessão linear de partes (parágrafos correspondendo a um simples período, a uma macroproposição ou a uma sequência)**;** ele é, ao mesmo tempo, um todo de sentido semântico-pragmático, um conjunto reticular e uma unidade configuracional quase sempre resumível por um título (dado ou a deduzir) é a sua primeira maneira de fazer sentido para alguém: nome do prato para a receita da cozinha, nome da cidade ou do monumento a visitar para os guias de viagem e as descrições, designação do problema.

Como é possível observar, o texto é compreendido como uma estrutura planificada e organizada em um encadeamento de proposições, macroproposições e sequências, permite ao leitor uma compreensão global e mostra, desse modo, que a compreensão de um texto "[...] sempre poder responder a uma pergunta pragmática: por que, para realizar qual objetivo, qual visada argumentativa  esse texto foi produzido?" O que Adam expõe neste caso é que a compreensão advém da apreensão do que o autor denomina de "ação linguareira engajada (macroato do discurso)" seja ele implícito ou não (ADAM, 2019, p. 302).

Esse foco na apreensão do sentido para a compreensão advém da capacidade do leitor de seguir dois caminhos para dar a percepção de um todo às diversas partes articuladas em um plano de texto.

> Uma forte unificação configuracional pelo tema-tópico e pelo ato de discurso vem compensar a fragmentação dos componentes do plano de texto e explicar a homogeneidade escrito-visual e pragmático-semântica dos diferentes gêneros. (ADAM, 2019, p.303).

Deduz-se, das análises dos capítulos precedentes, que não se deve minimizar a heterogeneidade constitutiva dos textos e dos enunciadores. A reflexão tipológica não tem por objetivo reduzir o complexo ao simples. Ela deve, ao contrário, permitir que se reflita sobre a complexidade composicional dos discursos.

> A hipótese sequencial é uma resposta a uma fuga, sempre possível em matéria de análise de discurso. Sendo todo texto tomado num jogo de remissões intertextuais infinitas, podemos nos perguntar quais são, efetivamente, os limites de nossa unidade de análise. Catherine Kerbrat-Orescchioni descreveu bem essa vertigem a respeito da análise das interações verbais (ADAM, 2019, p. 303).

Apoiado em Kerbrat-Orescchioni, Adam (2019) entende que a análise do discurso só é verdadeiramente possível, quando feito recorte desse fenômeno e o foco seja direcionado a esse recorte. Seria muito complexo analisar de uma forma mais generalizada. Para o autor, a hipótese sequencial é apenas uma parte da textualidade. É o que confere mais uma vez Adam (2019): "minha concepção da sequencialidade parte do fato de que um leitor confere certa coesão a um encadeamento textual, apoiando-se parcialmente em operações de classificação". Em outros termos, é uma operação de leitura-interpretação que confere a um texto certa estrutura composicional.

Adam (2019, p. 303) destaca que "antes de se abrir para o espaço interpretativo de todas as leituras possíveis, a natureza sequencial dos fatos da língua e a existência de esquemas prototípicos guiam e materializam o processo interpretativo do próprio produtor". O fato a ser observado, nesse processo, é que esse percurso seguido pelo agente produtor é importante no processo de interpretação. As marcas deixadas na condução da escrita, diante da intenção do agente, podem servir de elemento de análise para a condução da leitura por parte do leitor, dado que o agente produtor, na atividade produtiva, guia o seu próprio processo de interpretação por meio de um plano de texto. É o que constata Adam (2019, p.303) que demonstra *in loco*: "a natureza sequencial dos fatos da língua e a existência de esquemas prototípicos que guiam e materializam o processo interpretativo do próprio produtor". Conforme Santana (2016), ao ler um texto ou produzi-lo, o aluno mobiliza uma série de aspectos estruturais que o norteiam quanto ao que tem a dizer, possibilitando ao leitor construções de sentido, desse modo, as pistas deixadas no texto revelam a intenção do autor.

# 3. PERCURSO METODOLÓGICO

## 3.1 Sobre a natureza da pesquisa

A perspectiva colaborativa da pesquisa levou-nos a dois caminhos. O primeiro é que a visão analítica adotada sobre os dados devia ser qualitativa para que a amplitude do olhar do pesquisador alcançasse com maior abrangência uma visão do todo pesquisado, dado que a pesquisa acontece no contexto da sala de aula. O segundo ponto é que esse caráter colaborativo nos levou à opção pela pesquisa-ação porque esse método busca a transformação do ambiente de pesquisa para o alcance das respostas aos questionamentos apresentados na problemática, dado que, conforme Thiollent (2002), a pesquisa-ação está comprometida com a transformação do ambiente investigado.

O caráter de intervenção da pesquisa-ação, segundo Severino (2016, p. 127), é centrado no objetivo de compreender e agir *in loco* para o aprimoramento da pesquisa e essas ações estão atreladas à participação dos sujeitos da pesquisa. É o que confirma o autor: “A pesquisa-ação é aquela que, além de compreender, visa intervir na situação com vistas a modificá-la”.

Constatamos, desse modo, que a pesquisa-ação se torna crucial para ação pedagógica, mostrando-se o método mais adequado à análise da realidade, uma vez que estamos voltados a analisar a compreensão leitora, lançando mão da interação com o texto como estratégia de aprendizagem. Nesse caso, a pesquisa-ação estabelece um papel para todos os sujeitos e essas ações ganham relevância no âmbito da pesquisa.

Nesse cenário, o professor-pesquisador orienta as ações, coordena as atividades e conduz a pesquisa de forma a construir um cenário adequado para análise significativa. Diante disso, apontamos, em síntese, a posição do pesquisador como ator do processo, é o que destaca Barros, (2009, p. 35): “Como se observa, o pesquisador, nessa tipologia de pesquisa, não permanece só em nível de levantamento de problemas, mas procura desenvolver ações e avaliá-las em conjunto com a população envolvida”

Em suma, a escolha pela pesquisa-ação diante do tratamento qualitativo dos dados mostrou-se o mais adequado e mais eficaz diante do contexto da sala de aula em que o professor não é somente um observador, mas um ator do processo; torna a pesquisa um cenário de observação de novas práticas.

### 3.2Os sujeitos da pesquisa

A pesquisa contou com a participação de 36 alunos de uma turma de nono ano de escola municipal da rede municipal de coronel João Sá, Bahia. Trata-se de uma turma de com público diversificado, isto é, há alunos matriculados provenientes da zona urbana e rural e de classes sociais diferentes. Esse panorama também pode ser relacionado ao desempenho escolar da turma. Quanto à faixa etária, os alunos têm entre 13 e 14 anos. O índice de distorção idade série é quase inexistente, mas mesmo assim há uma notável fragilidade quanto à proficiência de leitura e escrita pela maior parte dos alunos.

### 3.3O itinerário pedagógico percorrido

O alunado participante da pesquisa, por causa das aulas de leitura e produção de crônicas desenvolvidas em virtude da participação da escola nas Olimpíadas de Língua Portuguesa, já tinha algum conhecimento acerca do gênero crônica. Nesse quadro, a nossa preocupação estava em resgatar esse conhecimento e ampliá-lo. Diante dessa realidade, além da discussão geral, focamos na crônica de humor por ser objeto da nossa pesquisa.

Antes mesmo de dar início às oficinas de leitura, solicitamos aos alunos uma pesquisa sobre o gênero crônica. A opção por iniciar dessa maneira é pela importância de enriquecer os conhecimentos prévios sobre o assunto.

A partir da reativação e do aprimoramento do conhecimento acerca da crônica, abrimos um debate. Pelas discussões, construímos um quadro em que dispusemos as principais características da crônica. Foram estas as nossas conclusões acerca do gênero.

Quadro 12: Definições de crônicas dadas pelos alunos

- um texto curto com poucos personagens que aborda um determinado assunto por meio de um olhar crítico;
- é um texto reflexivo;
- os assuntos abordados remetem ao cotidiano;
- aopção é por uma linguagem simples, muitas vezes, coloquial;
- trata-se de um gênero muito flexível quanto à forma.

Fonte: Dados da pesquisa

Esse dinamismo da crônica, já abordado no escopo desse trabalho, levou-nos a optar por discutir acerca desse caráter de diversidade da crônica, abordando os diferentes tons. A necessidade de trazer essa discussão para a sala de aula tornou-se imprescindível pelo fato de que, entre os tons, optamos pelo humorístico. Daí a necessidade de entendermos melhor essa variação discursiva, que se desenvolve atrelada à finalidade do agente produtor. Tanto que um mesmo autor pode transitar por várias dessas variações tranquilamente, basta que reposicione o que espera do leitor.

À Vista disso, trabalhamos com três crônicas diferentes. O nosso objetivo foi permitir que o aluno compreendesse, a partir da experiência de leitura, os diferentes tons. A aula foi bem proveitosa, visto que antes da leitura das crônicas-alvo da pesquisa, eles puderam compreender essa diferença sutil entre um estilo e outro, no que concerne às nuances linguísticas e discursivas. Já nesse momento, aproveitamos para dar destaque aos aspectos linguísticos que marcam essa variação.

Na aula seguinte, apresentamos o autor Luís Fernando Veríssimo aos alunos por meio do *Power point*, discorrendo sobre a sua trajetória, sua proximidade com a literatura, esta potencializada pelo laço familiar e a sua predisposição por textos críticos e pelo uso do humor para endossar seu texto crítico. Essa imersão permitiu-nos uma viagem sobre o universo desse agente produtor de literatura, sobretudo, de crônicas. A sua trajetória pelo jornalismo permitiu que os alunos compreendessem o porquê da relação da intimidade desse consagrado autor pelas crônicas. Essa aula não foi a que mais despertou a atenção da turma, mas contribuiu bastante para a imersão no universo do autor, principalmente por compreender o contexto vivenciado por ele.

Após apresentar o autor Luís Fernando Veríssimo aos alunos, debruçamo-nos sobre o suporte, neste caso, o livro *As Mentiras que os homens contam*. A turma pôde, nesse momento, conhecer melhor a obra com informações acerca da data de publicação, o *status* da obra no mundo literário, considerada um *best seller*.

Os alunos, nessa aula, imergiram na obra. Para isso, expomos à turma as informações sobre o livro. Para tornar a aula mais leve, mesclamos explicações escritas com imagens. Utilizamos para este momento apenas uma aula, mas foi importante para apresentar a obra aos alunos.

Um dos chamarizes, de início, foi o próprio título da obra: *A mentira que os homens contam*. Instigamos já pelo título, chamando a atenção do leitor sobre o ato de mentir, atitude que em muitos momentos fazem parte do cotidiano dos mais diversos relacionamentos. Apesar de o livro receber esse título e de haver outra obra também de Luís Fernando

Veríssimo com o título semelhante, porém direcionado às mulheres, a presente obra recebe a denominação de *A mentira que as mulheres contam.*

Optamos pela versão que trata do ambiente masculino por dois motivos: um deles é o fato de que é difícil falar da mentira dos homens sem que desperte o interesse da mulher, o outro é porque avaliamos que o mais famoso entre os dois apresenta crônicas mais instigantes para o nosso público-alvo.

A preocupação com a motivação para ler foi uma das nossas preocupações e por isso tivemos o cuidado de escolher textos mais eficazes nesse sentido. A nossa preocupação com a boa receptividade da leitura, levou-nos às crônicas de Veríssimo, publicadas no livro *A mentira que os homens contam*, por justamente tratar de temáticas do universo masculino e feminino de forma leve e com o uso de uma linguagem simples e de fácil diálogo com o dia a dia do próprio alunado. Essa publicação do ano 2000 partiu de um projeto da editora *Objetiva*, que organizou por temas, crônicas publicadas durante toda a carreira do autor.

Nesse momento de contato prévio com as crônicas desse famoso autor e jornalista, uma das aulas mais interessantes ocorreu no momento que apresentamos temáticas de interesse do universo masculino e feminino. Ou seja, buscamos ativar o máximo de informações sobre os possíveis assuntos debatidos nas aulas seguintes durante as leituras.

Por isso, a nossa experiência com as oficinas foi bem proveitosa. Os alunos participaram ativamente, apesar da ocorrência de conversa paralela por parte de alguns, porém sem impacto significativo no andamento da aula.

Esse era o nosso propósito - atrair a atenção dos alunos e, nesse caso, o uso de recurso de multimídia, como *datashow* e da *smart TV* com acesso à internet, contribuiu bastante para o enriquecimento das aulas.

Para a nossa percepção, essa etapa inicial foi substancialmente importante e ocorreu com sucesso. Diante do que projetamos, organizamos uma aula para trabalhar assuntos de interesse do universo masculino e feminino, dado que as crônicas escolhidas, em sua maioria, versam sobre assuntos do interesse de ambos.

A reação da turma a essa aula mostra que, neste ponto, fomos felizes na escolha. Essa sempre foi uma preocupação, uma vez que trabalhamos com aspectos da infraestrutura do texto como elemento de estratégia de ensino. Diante do desafio de trabalhar com a materialidade linguística no texto e não correr o risco de ter como objeção o desinteresse do aluno, precisávamos caprichar no cartão de visitas e, por isso, entendemos ser mais produtivo tratar do que chama a atenção do nosso público-alvo, o aluno, aquilo que desperta o seu interesse.

Consideramos que, quanto a isso, o sucesso foi absoluto. Organizamos um material em *slide* com exploração de imagens relacionadas aos diversos assuntos relativos a esse tema. Cada imagem exposta mexia com a imaginação dos alunos e a partir desse estímulo abrimos um debate com a participação ativa de todos. Eles responderam às perguntas, opinaram, interrogaram. Tanto sucesso levou-nos a uma conclusão: o sucesso de uma aula de leitura depende muito do quesito motivacional e isso também passa por uma feliz escolha quanto à abordagem da temática. Não que assuntos mais áridos não possam estar na sala de aula, mas, pelo que observamos o ato da conquista é fator preponderante para o engajamento do leitor, sempre mais aberto a participar quando se discute algo do seu interesse.

Neste sentido, não podíamos falhar, uma vez que o nosso propósito era tornar a nossa aula a mais descontraída possível, para assim apontarmos, durante a leitura, os traços linguísticos capazes de ampliar a visibilidade do texto e o consequente aumento da percepção compreensiva do educando. Ou seja, usamos o conhecimento presente nos níveis N4 e N5 para dar foco a essa capacidade de engajamento como forma de ampliar a compreensão. Como mostramos no marco teórico, dar ênfase ao aspecto dialógico desse nível é o recurso estratégico alvo do nosso estudo para melhor ensinar a ler.

Utilizamos duas aulas para o proveitoso debate em que a relação homem e mulher esteve em destaque. A opção por uma abordagem mais ampla desses assuntos, abarcando questões diversas como machismo, feminismo, conflito homem e mulher, falsidade, infidelidade, entre outros, foram importantes, uma vez que trabalhamos com diversas crônicas e o aluno resgataria com facilidade cada uma desses assuntos no ato da leitura.

Desde o início, por meio de leituras prévias, já buscamos acentuar a presença de marcas linguísticas presentes na composição do texto, dando ênfase à composição linguística de cada sequência, como forma de chamar a atenção do aluno para esse aspecto estrutural mais marcante no texto.

Entretanto, com o intuito de munir o aluno de um conhecimento mais estruturado acerca da composição linguístico-textual de cada sequência, dedicamo-nos à apresentação de um quadro demonstrativo, deixando claro, do ponto de vista do aspecto linguístico, a diferença básica entre uma sequência, além de destacarmos o aspecto argumentativo de cada uma dessas sequências.

Como Bakhtin (2010) salienta em sua teoria do discurso, o alocutor tem uma postura responsiva no processo interpretativo do texto. Em nosso estudo, essa atitude responsiva depende diretamente das marcas de dialogismo, materialmente postos do ponto de vista linguístico como bem frisa Bronckart (2007) e Adam (2019) ao tratarem da capacidade da

orientação argumentativa demarcada por unidades linguísticas na estrutura dessas sequências que forma uma estrutura linear.

Diante do nosso propósito, mostramos um quadro que, de forma geral, há alguns aspectos das sequências para os alunos, todavia, dado que o nosso enfoque foi tratar dessas características ao longo da leitura, aos poucos os alunos foram assimilando.

O fato de ser uma aula mais conceitual abriu espaço para a dispersão de alguns alunos, mas a forma de apresentação por meio de um quadro facilitou o entendimento e deu agilidade. Com isso, ganhamos tempo.

Demos ênfase às marcas linguísticas mais marcantes de uma das sequências, para que os alunos pudessem identificar com mais facilidade. Como, por exemplo, o fato de notar o verbo no pretérito perfeito como um arranjo linguístico que dá mais agilidade ao texto, comum em uma sequência narrativa, e que o imperfeito permite o inverso, certa diminuição no ritmo do texto, além de contribuir muitas vezes para a descrição de algo geralmente em movimento.

Também demos ênfase nessa aula à característica linguística de cada sequência sem imposição, mas de forma livre. Centramos a nossa preocupação na noção geral do aluno sobre esses aspectos linguísticos e confiamos que a cada leitura esse olhar para a estrutura estaria cada vez mais aguçada e, consequentemente, contribuindo ainda mais para a compreensão.

Concluímos com sucesso essa etapa, apesar de ser uma aula mais teórica. A participação da turma foi positiva e contribuiu para o sucesso da pesquisa, uma vez que precisávamos orientar a turma nesse sentido, já que o nosso trabalho de leitura e compreensão foca nesses aspectos.

As aulas seguintes foram dedicadas à leitura das crônicas escolhidas: *O Encontro*, *A Verdade, O Trapezista e A Aliança*. Todas são de Luís Fernando Veríssimo. O tom humorístico predomina, por outro lado, a diversidade composicional é um ponto marcante do gênero crônica que ora pode apresentar predominância de sequência narrativa, ora pode apresentar uma estrutura hibrida com sequências encaixadas. Ou seja, a crônica como já tínhamos destacado em nosso marco teórico é um texto rebelde quanto à forma e, para atender ao objetivo da reflexão, se transfigura em formas variadas e em planos de textos estruturados de forma diferente. Com isso, tivemos planificações diversificadas, mas que atendem bem ao propósito de fazer refletir para rir.

Antes de relatarmos sobre a experiência de leitura das crônicas, destacamos a importância do trabalho com o modelo interativo de leitura de Leurquin (2014). Como no nosso caso a mediação docente durante a aula de leitura é fundamental, alicerçamos as nossas

atividades em uma leitura conjunta, cuja interação com o aluno tornou-se constante e é basicamente esse traço o responsável por entendermos o caráter de pesquisa qualitativa que se desenhou ao longo da nossa trajetória de análise. Podemos afirmar que a escolha foi acertada e deu conta das nossas expectativas, uma vez que percorremos juntos os pontos de dialogismo presentes no texto que orientam a compreensão.

A nossa questão foi ampliar a visão do aluno sobre esse arcabouço linguístico, que ele já usa no dia a dia, seja na fala, na escrita ou na leitura e usá-lo para ensiná-lo a ler e melhorar o desempenho durante o ato de leitura.

### 3.4Os critérios para a análise das crônicas lidas

A ação do leitor sobre o texto está vinculada à compreensão global, reconhecendo a infraestrutura interna e sua base linguístico-discursiva das atividades de linguagem realizadas em um texto. No caso das crônicas de humor, é necessário reconhecer os procedimentos linguístico-discursivos que desencadeiam humor. A compreensão desses fenômenos é importante para o professor planejar situações didáticas de leitura. Neste contexto, observam-se os saberes vinculados à situação de produção de sentido que apontam para a capacidade da ação contextualizadora dos enunciados de acordo com conhecimentos socialmente compartilhados. No nível intermediário, os saberes vinculados ao domínio estrutural que configuram a estrutura global voltada para o reconhecimento da macroestrutura do texto, os segmentos textuais e tipos de discurso que levam à compreensão de como o agente produtor se coloca enunciativamente de forma séria ou cômica, delimitando saberes voltados para as capacidades discursivas. Ademais, reconhece-se a capacidade linguístico-discursiva (mecanismos de textualização e enunciação) que configuram saberes que dizem respeito a formulações linguísticas e enunciativas dotadas de projeções e subentendidos que eclodem em ações de ironia, escárnio, deboche, paródia e carnavalização. Sendo assim, toda leitura de texto, envolve a mobilização das seguintes capacidades: capacidade de ação (CA)capacidade discursiva (CD) e capacidade linguístico-discursiva (CLD).

> A análise das capacidades de linguagem dos aprendizes, assim como o estudo dos processos subjacentes implicados constituem referências que podem ajudar a compreender as transformações que se produzem ao longo da aprendizagem e contribuem para fixar os contornos das intervenções dos professores. A observação das capacidades de linguagem, antes e depois da realização da sequência didática, destina-se a delimitar um espaço de trabalho possível de ser adotado nas intervenções didáticas (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004a, p.52).

Assim sendo, como já descrevemos, trabalhamos o ambiente de leitura para conjugar essas duas bases, embora a nossa pesquisa lance um olhar especial sobre a infraestrutura no que tange ao que é visível no nível N5 no quadro 2 mostrado por Adam (2019).

Diante desse propósito, a escolha das crônicas de Luís Fernando Veríssimo enquadra-se perfeitamente. Podemos, neste caso, destacar dois pontos: uma diversidade de formas, característica das crônicas, como já apontamos aqui e também pela importância da infraestrutura, para a produção de sentido bastante visível nas crônicas do livro escolhido.

Já o segundo ponto a ser destacado é o propósito de reconhecer estratégias discursivas do agente produtor das crônicas para promover o humor por meio de críticas veladas, reveladas pelo gerenciamento de vozes que se posicionam na interação verbal e nas descrições dos fatos narrados. Por meio dessas estratégias, é possível observar como o agente produtor da crônica constrói o seu discurso a partir da interseção do mundo do EXPOR e do mundo do NARRAR.

O nosso foco na análise é justamente demonstrar os procedimentos linguístico-discursivos que configuram a construção de enunciados que promovem ações linguageiras humorísticas no quadro das crônicas escritas por Luís Fernando Veríssimo.

# 4. ANÁLISE DAS CRÔNICAS ESCOLHIDAS

## 4.1Crônica *A Verdade*

A narrativa gira em torno da perda de um anel pela personagem *A donzela*. Para se safar do castigo do pai, ela conta uma mentira, provocando a reação dele que aciona seus homens em busca do anel perdido. A cada captura frustrada *A donzela* reformula a sua mentira, até o desfecho em que finalmente o que se busca é encontrado. Todavia, em uma reviravolta surpreendente *A donzela* passa de acusadora a acusada por meio também de uma mentira, mas agora proveniente da ação do homem que age em sua defesa e, com isso, leva o leitor a conclusão de que ambos mentem. Desse modo, a mentira passa a ser o fio condutor da seguinte questão: será que realmente as pessoas querem ouvir a verdade, ou preferem ouvir uma mentira que seja mais conveniente.  A partir da presente moral, levando em conta a forma inusitada como a situação-problema é organizada no plano de texto, o leitor é convocado a refletir.

Quadro 13: Crônica *A Verdade*

Uma donzela estava sentada à beira de um riacho deixando a água do riacho passar por entre os seus dedos muito brancos, quando sentiu o seu anel de diamante ser levado pelas águas. Temendo o castigo do pai, a donzela contou em casa que fora assaltada por um homem no bosque e que ele arrancara o anel de diamante do seu dedo e a deixara desfalecida sobre um canteiro de margarida.

O pai e os irmãos da donzela foram atrás do assaltante e encontraram um homem dormindo no bosque, e o mataram, mas não encontraram o anel de diamante. E a donzela disse:

— Agora me lembro, não era um homem, eram dois.

E o pai e os irmãos da donzela saíram atrás do segundo homem e o encontraram, e o mataram, mas ele também não tinha o anel. E a donzela disse:

— Então está com o terceiro!

Pois se lembrava que havia um terceiro assaltante. E o pai e os irmãos da donzela saíram no encalço do terceiro assaltante, e o encontraram no bosque. Mas não o mataram, pois estavam fartos de sangue. E trouxeram o homem para a aldeia, e o revistaram e encontraram no seu bolso o anel de diamante da donzela, para espanto dela.

— "Foi ele que assaltou a donzela, e arrancou o anel de seu dedo e a deixou desfalecida" - gritaram os aldeões, "Matem-no!"

— "Esperem!", gritou o homem, no momento em que passavam a corda da forca pelo seu pescoço. "Eu não roubei o anel. Foi ela que me deu!"

E apontou para a donzela, diante do escândalo de todos.

O homem contou que estava sentado à beira do riacho, pescando, quando a donzela se aproximou dele e pediu um beijo. Ele deu o beijo. Depois a donzela tirara a roupa e pedira que ele a possuísse, pois queria saber o que era o amor. Mas como era um homem honrado, ele resistira, e dissera que a donzela devia ter paciência, pois conheceria o amor do marido no seu leito de núpcias. Então a donzela lhe oferecera o anel, dizendo “Já que meus encantos não o seduzem, este anel comprará o seu amor”. E ele sucumbira, pois era pobre, e a necessidade é o algoz da honra.

Todos se viraram contra a donzela e gritaram: "Rameira! Impura! Diaba!", e exigiram seu sacrifício. E o próprio pai da donzela passou a forca para o seu pescoço.

Antes de morrer, a donzela disse para o pescador:

— A sua mentira era maior que a minha. Eles mataram pela minha mentira e vão matar pela sua. Onde está, afinal, a verdade?

O pescador deu de ombros e disse:

— A verdade é que eu achei o anel na barriga de um peixe. Mas quem acreditaria nisso? O pessoal quer violência e sexo, não histórias de pescador.

Fonte: Veríssimo (2000, p. 81-82)

A presente leitura é guiada pela infraestrutura do texto. A sistematização do gênero, conforme Bronckart (2007), não acontece de forma mecânica, mas ancorada ou não a um

contexto físico e sociossubjetivo, segundo critérios dispostos no quadro1. Concernente ao espaço físico, a crônica analisada foi publicada no ano 2000, no livro *As mentiras que os homens contam.* O público-alvo originário do livro é majoritariamente composto por indivíduos frequentadores de livrarias e bibliotecas.

As coordenadas gerais situam os mundos discursivos em relação aos atos de produção. No caso da crônica analisada, o agente produtor ocupa espaço e tempo diferentes do mundo posto em cena, ocupando a posição de narrador. O posicionamento do agente produtor como expositor ou narrador é característico da crônica porque é da essência deste gênero tomar posição de forma crítica acerca do que é posto em cena.

Os tipos psicológicos são importantes para a compreensão por parte do leitor pela possibilidade de observar como os agentes implicados atuam no texto. Como aqui já foi destacado na seção 2, trata-se de quatro tipos: dois ocupam a ordem do EXPOR e dois a do NARRAR e são eles o discurso teórico, discurso interativo, ambos inerentes a ordem do expor. Há também o relato interativo e o tipo narração pertencentes à ordem do narrar. A crônica *A Verdade* está enquadrada nos parâmetros da ordem do narrar pela predominância do tipo narração e os agentes do mundo virtual posto em cena ocupam uma posição disjunta do mundo ordinário do agente produtor. O discurso interativo e o discurso interativo relatado também exercem função importante na constituição da finalidade discursiva da crônica *A verdade*. Por meio do tipo psicológico é possível identificar como se posicionam os agentes implicados.

A crônica *A verdade* é enquadrada no tipo psicológico narração e organizada naturalmente por um plano de texto com predominância da sequência narrativa, que orienta a compreensão leitora pelo aspecto linear dessa estrutura. Para isso leva-se em conta o esquema de Adam (2019), constituído pelas marcas de temporalidade “t”, situação inicial presente na abertura, além da presença dos verbos no pretérito perfeito, demarcando certa agilidade na passagem dos acontecimentos em direção a uma situação final “t+n”. É o que é possível constatar no fragmento, a seguir, que aponta para a “reação” MPn3 decorrente da “tensão” MPn2, desencadeada pela perda do anel. Essa organização linear do texto, no caso da crônica *A verdade*, é responsável pela inserção de uma história de ficção alicerçada em uma intriga desencadeadora de ações. O desenrolar dessas ações, da forma como são postas, passam a ser geradoras de humor, pois geram quebra de expectativa. De acordo com Bronckart (2007), a detecção de intriga é o que caracteriza um texto como uma narração e a presente crônica apresenta de forma clara essa característica.

**Uma donzela estava sentada à beira de um riacho deixando a água do riacho passar por entre os seus dedos muito brancos, quando sentiu o seu anel de diamante ser levado pelas águas. (Grifo nosso)** Temendo o castigo do pai, a donzela contou em casa que fora assaltada por um homem no bosque e que ele arrancara o anel de diamante do seu dedo e a deixara desfalecida sobre um canteiro de margarida. (VERÍSSIMO (2000, p. 82)

A problemática apresentada exerce uma função importante na geração de humor a partir dos acontecimentos observados na sequência e esse processo é consolidado a partir da reformulação dessa intriga. Sendo assim, a reformulação contribui com o humor por surpreender o leitor. E, dessa forma, a esperada iminência do desfecho é interrompida por uma nova tensão. O quadro, a seguir, exemplifica bem esse processo de reformulação tão importante para captura da atenção de quem está implicado na leitura.

"-Agora me lembro, não era um homem, eram dois (Reformulação da tensão-MPn2) 'E o pai e os irmãos da donzela saíram atrás do segundo homem, e o encontraram, e o mataram. (VERÍSSIMO (2000, p. 82)

As ações ancoradas em proposições com verbos no pretérito perfeito, como é comum em sequências narrativas ditam o ritmo dinâmico da crônica e abre espaço para uma segunda reformulação, mais uma vez frustrando a expectativa do leitor. A repetição dessa situação constrói uma personagem que se mostra cada vez mais desacreditada no universo discursivo posto em cena. Neste caso, de acordo com o que *A donzela* expressa na interação, agora não seria nem mais o primeiro nem o segundo homem, mas um terceiro como aparece no próximo fragmento.

— Então está com o terceiro!

Pois se lembrava que havia um terceiro assaltante. (VERÍSSIMO (2000, p. 82)

Chega-se nesse momento da narrativa a um desfecho, ou seja, encontra-se o anel, mas o leitor é surpreendido pela troca de posição dos papéis, pois *A Donzela* passa da posição de acusadora para ser acusada e nesse movimento o leitor é novamente surpreendido.

> — "Foi ele que assaltou a donzela, e arrancou o anel de seu dedo e a deixou desfalecida" - gritaram os aldeões, **"Matem-no!"**
>
> — "Esperem!", gritou o homem, no momento em que passavam a corda da forca pelo seu pescoço. "Eu não roubei o anel. Foi ela que me deu!" (VERÍSSIMO (2000, p. 82)

Essa reviravolta, situação trágica para a personagem, é justificada pelo homem a partir do relato a seguir: no relato o homem aparece como um indivíduo honrado e a mulher, *A donzela*, supostamente seria alguém que desestabiliza o seu caráter. Diante disso, o presente trecho contribui para o humor, instigando o senso crítico, visto que o leitor não encontra legitimidade no que supostamente é tratado como verdadeiro no texto. Se por um lado a mulher mente por medo do pai, o homem mente com o intuito de justificar o flagrante e livrar-se da culpa. A voz do agente relata, sob a sua ótica, o que aconteceu. Esse momento é importante por estimular o questionamento do leitor, implicando-o na atividade de compreensão.

> O homem contou que estava sentado à beira do riacho, pescando, quando a donzela se aproximou dele e pediu um beijo. Ele deu o beijo. Depois a donzela tirara a roupa e pedira que ele a possuísse, pois queria saber o que era o amor. **Mas como era um homem honrado, ele resistira**, e dissera que a donzela devia ter paciência, pois conheceria o amor do marido no seu leito de núpcias. Então a donzela lhe oferecera o anel, dizendo "Já que meus encantos não o seduzem, este anel comprará o seu amor". E ele sucumbira, pois **era pobre**, e a necessidade é o algoz da honra. (VERÍSSIMO (2000, p. 82)

A falta de nexo concernente ao que é dito pelo personagem é facilmente identificado pelo leitor porque não condiz com estereótipo de homem legitimado pela sociedade. O agente posiciona-se diante da controversa questão posta em cena demarcada linguisticamente por proposições avaliativas como: “Mas como era um homem honrado, ele resistira [...]”. “Era pobre [...]”. É possível observar, desse modo, que o humor emerge da incoerência. A forma como o homem está implicado na mentira em sua defesa desperta riso e questionamentos, uma vez que ele a difama com argumentos bastante incoerentes.

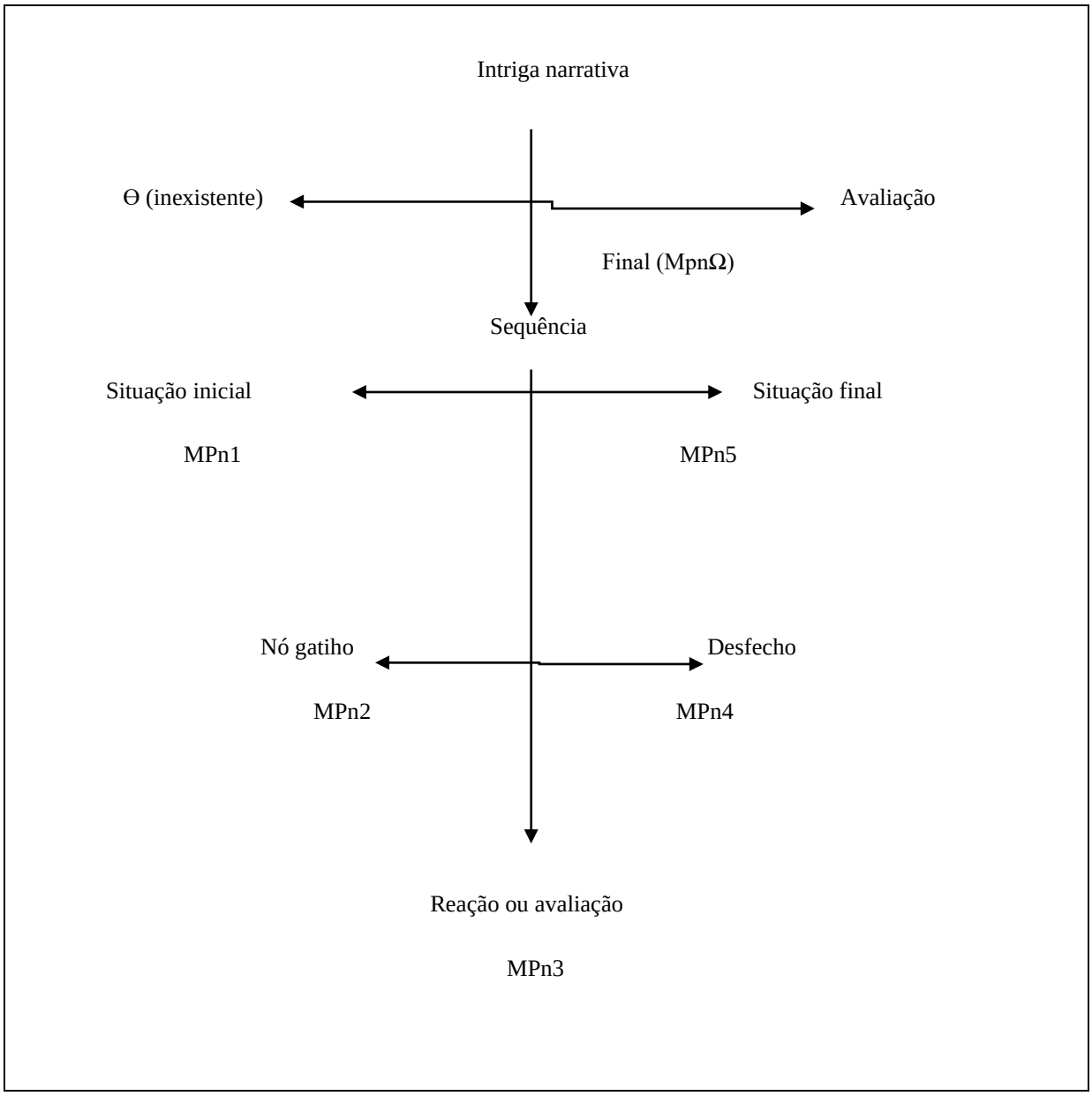
> A verdade é que eu achei o anel na barriga de um peixe. Mas quem acreditaria nisso? O pessoal quer violência e sexo, não histórias de pescador". (VERÍSSIMO (2000, p. 82)

Diante do fato de que ambos mentem, o leitor engajado observa que o homem escapou da morte não por ter falado a verdade, mas por ter contado uma mentira, esta, legitimada no universo dos personagens, contudo, sem legitimidade no mundo ordinário onde estão implicados o agente produtor e o leitor. Há então uma percepção possível por parte do leitor, esta responsável pela geração de humor, de que a verdade está muito mais atrelada a uma conveniência relativa à convivência do que a realidade. "A verdade é que eu achei o anel na barriga de um peixe. Mas quem acreditaria nisso?". Enfim, o agente produtor lança mão de um mundo virtual para refletir sobre o fato de que no cotidiano uma mentira leva a outra e no final todos mentem em nome de uma suposta boa convivência.

Assim sendo, há uma contribuição para o humor quando o leitor reconhece a legitimidade do assunto que é alvo de crítica no texto ao compará-la, por meio de seu conhecimento de mundo, ao que é reconhecido no mundo ordinário onde está situada a instância de agentividade do mundo físico. O humor acontece no cruzamento entre o mundo real e esse inusitado mundo virtual proveniente da imaginação do agente do discurso.

Em síntese, temos uma personagem diante de um problema, a perda de um anel, e por isso mente por medo do pai. Há frequentes quebras de expectativa e a mentira é reformulada mais de uma vez até que se chega a um desfecho, o encontro do anel. Há uma reviravolta e *A donzela* passa de acusadora a acusada, mas os argumentos do homem são contraditórios e isso desperta riso no leitor. Há uma moral que convida o leitor a pensar acerca do estatuto da verdade diante do contexto explicitado na crônica que se mostra bastante inusitada, mas verdadeira, despertando, a partir da compreensão da moral a reação de riso no leitor. A ilustração, a seguir, mostra, em forma de esquema como está organizada a infraestrutura.

Quadro 14: Esquema da crônica *A Verdade*




Fonte: Adaptado de (Adam, 2019, p. 136)

O presente esquema apresenta a estrutura da crônica de forma global e destaca a importância da estrutura narrativa em todas as suas fases para o alcance da finalidade do agente do discurso. Tais elementos mostram-se importantes para a organização das ideias como um todo e, no geral, contribuem para o envolvimento do leitor na construção dos sentidos que culminarão na adesão do que almeja atingir o autor.

### 4.2 O trapezista

Plugado no telefone, o homem interage com a sua mulher, mobilizando o discurso interativo inserido em um *script*. A ênfase na interação permite implicar os personagens que atuam em um movimento de troca característico da sequência dialogal. Para isso, o propósito comunicativo da crônica depende muito dos argumentos encaixados na sequência dialogal, esta, ancorada na premissa de que não é plausível haver desconfiança, dado que todo casamento para dar certo deve ser alicerçado na confiança assim como acontece com um casal de trapezistas. Essa premissa, que se mostra falsa diante do contexto da crônica, da forma como é organizada pelo agente produtor contribui para a finalidade discursiva crônica para a geração de humor.

Quadro 15: Crônica *O trapezista*

Querida, eu juro que não era eu. Que coisa ridícula! Se você estivesse aqui - Alô? Alô? - olha, se você estivesse aqui ia ver a minha cara, inocente como o Diabo. O quê?

Mas como, ironia? "Como o Diabo" é força de expressão, que diabo. Você acha que eu ia brincar numa hora desta? Alô! Eu juro, pelo que há de mais sagrado, pelo túmulo de minha mãe, pela nossa conta no banco, pela cabeça dos nossos filhos que não era eu naquela foto de carnaval no Cascalho que saiu na Folha da Manhã. O quê? Alô! Alô!

Como é que eu sei qual é a foto? Mas você não acaba de dizer... Ah, você não chegou a dizer... ah, você não chegou a dizer qual era o jornal. Bom, bem. Você não vai acreditar, mas acontece que eu também vi a foto. Não desliga! Eu também vi a foto e tive a mesma reação. Que sujeito parecido comigo, pensei. Podia ser gêmeo.

Agora, querida, nunca, em nenhum momento, está ouvindo? Em nenhum momento me passou pela cabeça a idéia de que você fosse pensar - querida, eu estou até começando a achar graça -, que você fosse pensar que aquele era eu. Por amor de Deus**.** Pra começo de conversa você pode me imaginar de pareô vermelho e colar havaiano, pulando no Cascalho com uma bandida em cada braço? Não, faça-me o favor. E a cara das bandidas! Francamente, já que você não confia na minha fidelidade, que confiasse no meu bom gosto, poxa! O quê?

Querida, eu não disse "pareô vermelho". Tenho a mais absoluta, a mais tranquila, a

mais inabalável certeza que eu disse apenas "pareô". Como é que eu podia saber que era vermelho se a fotografia não era em cores, certo? Alô? Alô? Não desliga! Não...

Olha, se você desligar está tudo acabado. Tudo acabado. Você não precisa nem voltar da praia.

Fica aí com as crianças e funda uma colônia de pescadores. Não, estou falando sério. Perdi a paciência. Afinal, se você não confia em mim não adianta nada a gente continuar.

Um casamento deve se... se... como é mesmo a palavra?... se alicerçar na confiança mútua.O casamento é como um número de trapézio, um precisa confiar no outro até de olhos fechados. É isso mesmo. E sabe de outra coisa? Eu não precisava ficar na cidade durante o carnaval. Foi tudo mentira. Eu não tinha trabalho acumulado no escritório coisíssima nenhuma. Eu fiquei sabe para quê? Para testar você. Ficar na cidade foi como dar um salto mortal, sem rede, só para saber se você me pegaria no ar. Um teste do nosso amor. E você falhou. Você me decepcionou. Não vou nem gritar por socorro. Não, não me interrompa. Desculpas não adiantam mais.

O próximo som que você ouvir será do meu corpo se estatelando, com o baque surdo da desilusão, no duro chão da realidade. Alô? Eu disse que o próximo som... que... O quê? Você não estava ouvindo nada? Qual foi a última coisa que você ouviu, coração? Pois sim, eu não falei – tenho certeza absoluta que não falei - em "pareô vermelho". Sei lá que cor era o pareô daquele cretino na foto. Você precisa acreditar em mim, querida. O casamento é como um número de... Sim. Não. Claro.

Não. Certo. Quando você voltar pode perguntar para o... Você quer que eu jure? De novo? Pois eu juro. Passei sábado, domingo, segunda e terça no escritório. Não vi carnaval nem pela janela. Só vim em casa tomar um banho e comer um sanduíche e vou logo voltar para lá. Como? Você telefonou para o escritório. Meu bem, é claro que a telefonista não estava trabalhando, não é, bem. Ha, ha, você é demais. Olha, querida? Alô? Sábado eu estou aí. beijo nas crianças. Socorro. Eu disse, um beijo.

Fonte: Veríssimo (2000, p.11)

A crônica *O trapezista* é uma publicação do ano 2000. O texto é parte constituinte do livro de crônicas *As Mentiras que os homens contam* de Luís Fernando Veríssimo *que* ocupa a posição de emissor. O público-alvo são os leitores do livro.

Os tipos psicológicos são importantes para a compreensão do leitor, pois sinalizam os agentes implicados no texto. O tipo que estrutura as ações na crônica é o discurso interativo encaixado no *script*. Os personagens implicados na interação ocupam uma posição disjunta a do mundo ordinário onde está situado o agente produtor.

O plano de texto da crônica *O trapezista* consiste na disposição de um *script* em que está encaixada uma sequência dialogal, ocupando uma posição de destaque na construção de sentido dos tipos psicológicos implicados na interação. É justamente no movimento de troca entre os agentes implicados no discurso que o leitor é convocado a refletir sobre o que está sendo dialogado.

A sequência dialogal, na crônica, está organizada por uma estrutura argumentativa encaixada que é predominante do ponto de vista global da compreensão. O próprio título, como elemento paratextual, exerce uma função importante para a compreensão do texto como um todo. Assim sendo, o agente do discurso ancora no diálogo uma argumentação organizada em MPs que ajudam a defender a tese de que o relacionamento deve ser apoiado na confiança mútua, o que na estrutura argumentativa corresponde a (MP. Arg.0). A forma como um dos actantes defende essa tese, em total desconexão com a realidade é um elemento propulsor do humor na crônica, uma vez que as ações dos agentes implicados não são condizentes com a realidade.

> “Um casamento deve se... se... como é mesmo a palavra?... se alicerçar na confiança mútua.O casamento é como um número de trapézio, um precisa confiar no outro até de olhos fechados”. (VERÍSSIMO (2000, p. 11)

A defesa da premissa em destaque leva o agente do discurso a estruturar o seu discurso em um jogo argumentativo centrado em falácias facilmente detectadas pelo leitor que pode enxergar a hipocrisia contida em sua fala. Com isso o agente produtor incita a reflexão e o riso. Ou seja, a presença de um “eu” que aposta em um modelo de casamento alicerçado na confiança mútua, mas que o tempo inteiro entra em contradição pelas próprias ações reveladas no diálogo. Esse movimento pautado na contradição se estende por toda troca ao longo da crônica e é o grande responsável pelo humor e pela reflexão. O conhecimento de mundo do leitor já detecta o caráter falacioso da fala do agente diante do que se convencionou no universo feminino ser o estereótipo de homem. Ou seja, estabelece-se a confiança mútua como parâmetro, não cumpre, mas exige do outro. O homem implicado na interação repassa

toda a responsabilidade quanto aos deveres de uma relação para ser bem-sucedida ao seu par, ou seja, exige uma postura alicerçada na confiança e não no equilíbrio, mas mostra o oposto. A observação crítica dessa situação atende aos parâmetros discursivos da crônica e faz o leitor implicado rir diante da contradição.

> Um teste do nosso amor. E você falhou. Você me decepcionou. Não vou nem gritar por socorro. Não, não me interrompa. Desculpas não adianta mais. (VERÍSSIMO (2000, p. 11)

No presente exemplo, é possível notar como o interlocutor é apelativo e intimidador, inserindo até mesmo uma postura imperativa em sua fala como em "não me interrompa". Essa proposição, além de mostrar o caráter autoritário do homem na crônica, revela a fala da mulher que persiste na contra argumentação, posicionando-se como contestadora, mesmo sob o risco da interrupção por arroubos provenientes do interlocutor. A forma como o homem se coloca ao proferir o discurso com o tom imperativo contribui ainda mais para o tom humorístico, pois o convencimento não parece sustentável por via apenas da argumentação. O leitor percebe a fragilidade e corrobora de imediato com a mensagem passada pelo agente. A crônica aposta nessa inconsistência para engajar o receptor na atividade de compreensão.

Neste caso, o homem não mostra nem mesmo algum cuidado com a sua exposição, assumindo uma postura de risco, análoga a de um trapezista, que convive com situações arriscadas, mas insiste na responsabilidade do outro, como se observa no excerto abaixo:

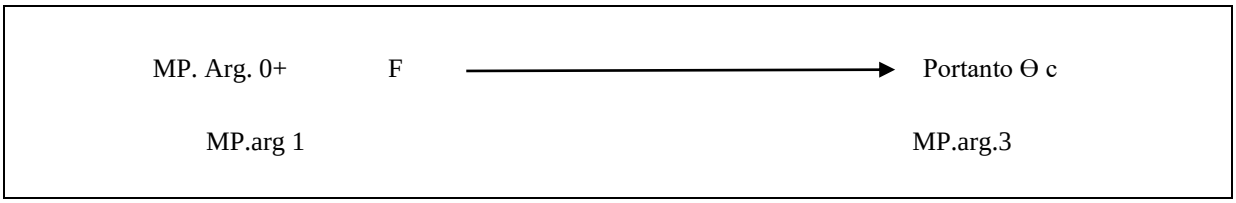
> **O próximo som que você ouvir será do meu corpo se estatelando, com o baque surdo da desilusão, no duro chão da realidade.** (grifo nosso). Alô? Eu disse que o próximo som... que... O quê? Você não estava ouvindo nada? Qual foi a última coisa que você ouviu, coração? Pois sim, eu não falei – tenho certeza absoluta que não falei - **em "pareô vermelho**". Sei lá que cor era o pareô daquele cretino na foto. Você precisa acreditar em mim, querida. **O casamento é como um número de... Sim. Não. Claro** (VERÍSSIMO (2000, p. 11)

Nesse exemplo, o actante submerge mais uma vez diante das contradições ao inserir a descrição do que estava vestindo, explicitando até mesmo a sua propriedade mais visível, a cor, ao mesmo tempo em que jura que não sabe de nada. Além disso, continua insistindo na tese da confiança mútua, que o ridiculariza ainda mais diante do leitor, gerando riso, pois este assume claramente uma postura de risco, desleixada e pouco comprometida com o respeito

mútuo. É o que se vê na última proposição, esta, com indicativo de interrupção representada no texto pelo uso de reticências.

De modo geral, a crônica *O trapezista* está inserida no *script*, conforme Bronckart (2007) e está sustentada por meio de trocas que perfazem toda a estrutura do diálogo em um movimento de argumentação e contra argumentação. Esse movimento é representado por Adam (2019) no Quadro 37.

Quadro 16: Representação do movimento argumentativo




Fonte: (ADAM, 2019, p.164)

Em suma, as persistentes contradições presentes na fala do homem durante toda a crônica mostram um personagem mentiroso que exige confiança do parceiro, mas deixa explícito o pouco zelo pelo respeito e pelo equilíbrio das próprias atitudes. Desse modo, a defesa dos argumentos pode ser contestada pelo leitor que pode apontar a atitude hipócrita do homem facilmente detectável durante o transcorrer do diálogo por causa da postura exagerada e absurda durante o momento que interage com o seu interlocutor.

### 4.3 Análise da crônica o encontro

O texto intercala no *script*, sob o comando do agente produtor, uma interação entre dois personagens que foram casados, mas depois de um tempo houve um reencontro. Na sequência dialogal ambos interagem entre si e também consigo e é nesse movimento revelado pelo narrador onisciente que o leitor descobre que ambos não falam a verdade e no fundo escondem um sentimento que ainda persiste, mas que foi suplantado pelo orgulho. Essa forma de organização do texto envolve o leitor, gerando humor tanto pela escolha linguística quanto pela relação com a vida cotidiana.

Quadro 17: Crônica *O Encontro*

Ela o encontrou pensativo em frente aos vinhos importados. Quis virar, mas era tarde, o carrinho dela parou junto ao pé dele. Ele a encarou, primeiro sem expressão, depois com surpresa, depois com embaraço, e no fim os dois sorriram.

Tinham estado casados seis anos e separados, um. E aquela era a primeira vez que se encontravam depois da separação. Sorriram e ele falou antes dela; quase falaram ao mesmo tempo.

- Você está morando por aqui?

- Na casa do papai.

Na casa do papai! Ele sacudiu a cabeça, fingiu que arrumava alguma coisa dentro do seu carrinho - enlatados, bolachas, muitas garrafas -, tudo para ela não ver que ele estava muito emocionado. Soubera da morte do ex-sogro, mas não se animara a ir ao enterro. Fora logo depois da separação, ele não tivera coragem de ir dar condolências formais à mulher que, uma semana antes, ele chamara de vaca. Como era mesmo que ele tinha dito?

"Tu és uma vaca sem coração!" Ela não tinha nada de vaca, era uma mulher esbelta, mas não lhe ocorrera outro insulto. Fora a última palavra que lhe dissera. E ela o chamara de farsante. Achou melhor não perguntar pela mãe dela.

- E você?

Continuava bonita.

- Tenho um apartamento aqui perto.

Fizera bem em não ir ao enterro do velho. Melhor que o primeiro reencontro fosse assim, informal, num supermercado, à noite. O que é que ela estaria fazendo ali àquela hora?

- Você sempre faz compras de madrugada?

Meu Deus, pensou, será que ela vai tomar a pergunta como ironia?

Esse tinha sido um dos problemas do casamento, ele nunca sabia como ela ia interpretar o que ele dizia. Por isso, ele a chamara de vaca no fim. Vaca não deixava dúvidas de que ele a desprezava.

- Não, não. É que estou com uns amigos lá em casa, resolvemos fazer alguma coisa para comer e não tinha nada em casa.

- Curioso, eu também tenho gente lá em casa e vim comprar bebidas, patê, essas coisas.

- Gozado.

Ela dissera uns amigos. Seria alguém do seu tempo? A velha turma? Ele nunca mais vira os antigos amigos do casal. Ela sempre fora mais social do que ele. Quem sabe era um amigo? Ela era uma mulher bonita, esbelta, claro que podia ter namorados, a vaca. Há uma opinião que sempre permeia. Obviamente estimulada pelo ódio.

E ela estava pensando: ele odiava festas, odiava ter gente em casa. Programa, para ele, era ir para a casa do papai jogar buraco. Agora tem amigos em casa. Ou será uma amiga? Afinal ele ainda era moço... deixara a amiga no apartamento e viera fazer compras. E comprava vinhos importados, o farsante.

Ele pensou: ela não sente minha falta. Tem a casa cheia de amigos. E na certa **viu** que eu fiquei engasgado ao vê-la, **pensa que eu sinto falta dela.** Mas não vai ter essa satisfação, não senhora, não senhora. Se dirigir.

- Meu estoque de bebidas não dura muito. Tem sempre gente lá em casa – disse ele.

- Lá em casa também é uma festa atrás da outra.

- Você sempre gostou de festas.

- E você, não.

- A gente muda, né? Muda de hábitos...

- Tou vendo.

- Você não me reconheceria se viesse viver comigo outra vez.

Ela, ainda sorrindo:

- Que Deus me livre.

Os dois riram. Durante seis anos tinham se amado muito. Não podiam viver um sem o

outro. Os amigos diziam: esses dois, se um morrer o outro se suicida. Os amigos não sabiam que havia sempre uma ameaça de mal-entendido com eles. Eles se amavam, mas não se entendiam. Era como se o amor fosse mais forte porque substituía o entendimento, tinha função acumulada. Ela interpretava o que ele dizia, ele não queria dizer nada.

Passaram juntos pela caixa, ele não se ofereceu para pagar, afinal era com a pensão que ele Ihe pagava que ela dava festas para uns amigos. Ele pensou em perguntar pela mãe dela, ela pensou em perguntar se ele estava bem, se aquele problema do ácido úrico não voltara, começaram os dois a falar ao mesmo tempo, riram, depois se despediram sem dizer mais nada.

Quando ela chegou em casa ainda ouviu a mãe resmungar, da cama, que ela precisava acabar com aquela história de fazer as compras de madrugada. Que ela precisava ter amigos, fazer alguma coisa, em vez de ficar lamentando o marido perdido.

Ela não disse nada. Guardou as compras antes de ir dormir.

Quando ele chegou ao apartamento, abriu uma lata de patê, o pacote de bolachas, abriu o vinho português, ficou bebendo e comendo sozinho, até ter sono e aí foi dormir. Aquele farsante, pensou ela, antes de dormir.

Aquela vaca, pensou ele, antes de dormir.

Fonte: Veríssimo (2000, p.74)

A crônica *O encontro* foi publicada no ano 2000 como parte do livro *As mentiras que os homens contam.* O público-alvo do livro é composto pelos possíveis leitores, geralmente indivíduos letrados e de classe média.

Os tipos psicológicos são importantes para a compreensão por parte do leitor de como os agentes implicados atuam no texto. A presente crônica está estruturada em um *script* com o encaixamento do discurso interativo.

Quanto ao plano de texto, predomina-se a sequência dialogal que ocupa papel importante para a geração de humor na presente crônica. Assim sendo, a estrutura composicional da sequência é composta primordialmente por trocas transacionais que constituem, conforme Adam (2019), o corpo da interação. No caso da crônica em destaque, há sequências transacionais sustentadas por argumentação e descrição em seu interior, que dão base ao diálogo destrinchado ao longo da história, e está encaixado no relato do agente do

discurso que alterna o discurso direto demarcado pela fala dos personagens e o indireto que demarca a atuação do narrador. Essa alternância exerce função crucial para o estabelecimento da finalidade discursiva da crônica.

> Ele a encarou, primeiro sem expressão, depois com surpresa, depois com embaraço, e no fim os dois sorriram.
>
> Tinham estado casados seis anos e separados, um. E aquela era a primeira vez que se encontravam depois da separação. Sorriram e ele falou antes dela; quase falaram ao mesmo tempo.
>
> [A]- Você está morando por aqui?
>
> [B]- Na casa do papai. (VERÍSSIMO, 2000, p. 74)

Observa-se que, nesse diálogo de abertura, o autor introduz as duas vozes constituintes da sequência, mas não a partir de uma troca fática. O que não quer dizer que, neste caso, esse procedimento hierárquico não seja respeitado. É possível observar que esse estágio é suprimido da fala, mas depreendido do contexto.

A estrutura a seguir no pretérito perfeito substitui provavelmente trocas de base fática, como se pode notar a seguir:

> Ele a encarou, primeiro sem expressão, depois com surpresa, depois com embaraço e no fim os dois sorriram. (VERÍSSIMO (2000, p. 74)

A inexistência da função fática de forma explícita como procedimento de abertura do diálogo é alvo das discussões de Adam (2019) que a compreende como sequência fática elíptica. O autor explica que questões estilísticas do gênero podem ser determinantes para a omissão de uma estrutura fática de abertura: “A ausência das sequências fáticas de abertura e de fechamento com cumprimentos explica-se muito bem pelo gênero entrevista televisiva” (ADAM, 2019, p. 226). No caso do gênero crônica, o propósito de uma leitura leve, dinâmica pode ser apontada como um dos motivos para o uso de uma estrutura elíptica.

Outro recurso importante no plano de texto dessa crônica é a narração onisciente do agente do discurso. O autor onisciente revela ao leitor o que se passa no pensamento dos interlocutores. Essa organização das sequências contribui para o tom humorístico da crônica

por revelar as falas que dão ao leitor as informações necessárias para a compreensão global do texto.

> [ A**]"Tu és uma vaca sem coração!"** Ela não tinha nada de vaca, era uma mulher esbelta, mas não lhe ocorrera outro insulto. Fora a última palavra que lhe dissera. E ela o chamara de farsante. Achou melhor não perguntar pela mãe dela. (VERÍSSIMO (2000, p. 74)

Nesse trecho, a intervenção avaliativa demarcada pelo verbo no presente do indicativo **"Tu és uma vaca sem coração!"** traz um juízo de valor e aparece entre aspas. Neste caso, a atuação do agente implicado para geração de humor na crônica acontece quando fica visível para o leitor que nenhum dos actantes implicados na interação estão sendo sinceros quanto ao que verbaliza sobre o outro.

> [B]- E você?
>
> Continuava bonita.
>
> [A]- Tenho um apartamento aqui perto. (VERÍSSIMO (2000, p. 74)

"Continuava bonita". Nesse novo movimento de avaliação por parte do mesmo agente, o agente produtor permite ao leitor observar a contradição na fala de um dos agentes implicados na interação, uma vez que aprecia a beleza de quem há pouco denominou ser uma vaca. Esse discurso alicerçado na contradição contribui para o humor da crônica e também para a construção do sentido pretendido na ação discursiva em curso.

> [A] Meu Deus, pensou, será que ela vai tomar a pergunta como ironia?
>
> Esse tinha sido um dos problemas do casamento, ele nunca sabia como ela ia interpretar o que ele dizia. Por isso, ele a chamara de vaca no fim. Vaca não deixava dúvidas de que ele a desprezava. (VERÍSSIMO (2000, p. 74)

Nesse excerto da crônica, a fala do narrador, apresentada por meio de uma sequência descritiva, com verbos no pretérito imperfeito, mostra uma das causas da relação conflitante

do casal quando viviam juntos. O leitor, nesse caso, relaciona a relação de conflito do casal da crônica com o que acontece no cotidiano dos casais de modo geral.

> [B]- Não, não. É que estou com uns amigos lá em casa, resolvemos fazer alguma coisa para comer e não tinha nada em casa.
>
> [A]- Curioso, eu também tenho gente lá em casa e vim comprar bebidas, patê, essas coisas.
>
> Ela dissera uns amigos. Seria alguém do seu tempo? A velha turma? Ele nunca mais vira os antigos amigos do casal. Ela sempre fora mais social do que ele. (VERÍSSIMO (2000, p. 74)

Nessa última transação de falas, as intervenções reforçam e apontam a semelhança do discurso de ambos, uma vez que vivenciam situações semelhantes, ou seja, os dois gozam da solteirice.

Por fim, o diálogo que fecha a crônica reforça duplamente o que um sente pelo outro e, como é comum nas crônicas de Luís Fernando Veríssimo, o leitor é convidado a tirar as suas conclusões. Neste caso, a compreensão é premiada pela reação bem-humorada do leitor ao perceber o quanto as pessoas podem sem solitárias e insatisfeitas, mas em nome do orgulho buscam passar uma sensação de que tudo está ótimo. Diante disso, ambos persistem na mentira mesmo sendo essa incoerente diante do que é posto ao leitor por meio dos agentes implicados no discurso.

Assim sendo, a crônica "*O Encontro*" é fechada com um relato que revela o que está acontecendo. Os interlocutores sob a voz do narrador confirmam o que as pistas, ao longo da crônica já apontavam.

> Quando ele chegou ao apartamento, abriu uma lata de patê, o pacote de bolachas, abriu o vinho português, ficou bebendo e comendo sozinho, até ter sono e aí foi dormir. [B] Aquele farsante, pensou ela, antes de dormir.
>
> [A] Aquela vaca, pensou ele, antes de dormir. (VERISSIMO, 2000, p. 74)

Enfim, cada um dialoga consigo e reforça as intervenções avaliativas que um actante faz do outro. Assim, do ponto de vista global, a presente crônica apresenta uma estrutura dialogal dentro de um *script* cuja narração onisciente apresenta ao leitor uma situação inusitada que reflete os problemas da vida moderna em que, muitas vezes, a verdadeira condição está sendo ocultada por uma mentira que se faz necessária quando se tem a necessidade de viver de aparências.

### 4.4 A aliança

A história gira em torno da perda de uma aliança que acontece de forma inusitada, gerando um problema: como contar para a esposa sobre o acontecido. Há resistência da mulher em acreditar na versão do homem que argumenta em sua defesa. As ações tomam um desfecho surpreendente, provocando o leitor a refletir sobre o estatuto da verdade no contexto social.

Quadro 18: Fragmento da crônica *A aliança.*

Esta é uma história exemplar, só não está muito claro qual é o exemplo. De qualquer jeito, mantenha-a longe das crianças. Também não tem nada a ver com a crise brasileira, o apartheid, a situação na América Central ou no Oriente Médio ou a grande aventura do homem sobre a Terra. Situa-se no terreno mais baixo das pequenas aflições da classe média. Enfim. Aconteceu com um amigo meu. Fictício, claro.

Ele estava voltando para casa como fazia, com fidelidade rotineira, todos os dias à mesma hora. Um homem dos seus 40 anos, naquela idade em que já sabe que nunca será o dono de um cassino em Samarkand, com diamantes nos dentes, mas ainda pode esperar algumas surpresas da vida, como ganhar na loto ou furar-lhe um pneu. Furou-lhe um pneu. Com dificuldade ele encostou o carro no meio-fio e preparou-se para a batalha contra o macaco, não um dos grandes macacos que o desafiavam no jangal dos seus sonhos de infância, mas o macaco do seu carro tamanho médio, que provavelmente não funcionaria, resignação e reticências... Conseguiu fazer o macaco funcionar, ergueu o carro, trocou o pneu e já estava fechando o porta-malas quando a sua aliança escorregou pelo dedo sujo de óleo e caiu no chão. Ele deu um passo para pegar a aliança do asfalto, mas sem querer a chutou. A aliança bateu na roda de um carro que passava e voou para um bueiro. Onde desapareceu diante dos seus olhos, nos quais ele custou a acreditar.

Limpou as mãos o melhor que pôde, entrou no carro e seguiu para casa. Começou a pensar no que diria para a mulher. Imaginou a cena. Ele entrando em casa e respondendo às perguntas da mulher antes de ela fazê-las.

- Você não sabe o que me aconteceu!

- O quê?

- Uma coisa incrível.

- O quê?

- Contando ninguém acredita.

- Conta!

- Você não nota nada de diferente em mim? Não está faltando nada?

- Não.

- Olhe. E ele mostraria o dedo da aliança, sem a aliança.

- O que aconteceu? E ele contaria. Tudo, exatamente como acontecera. O macaco. O óleo. A aliança no asfalto. O chute involuntário. E a aliança voando para o bueiro e desaparecendo.

- Que coisa - diria a mulher, calmamente.

- Não é difícil de acreditar?

- Não. É perfeitamente possível.

- Pois é. Eu...

- SEU CRETINO!

- Meu bem...

- Está me achando com cara de boba? De palhaça? Eu sei que aconteceu com essa aliança. Você tirou do dedo para namorar. É ou não é? Para fazer um programa. Chega em casa a esta hora e ainda tem a cara-de-pau de inventar uma história em

que só um imbecil acreditaria.

- Mas, meu bem...

- Eu sei onde está essa aliança. Perdida no tapete felpudo de algum motel. Dentro do ralo de alguma banheira redonda. Seu sem-vergonha!

E ela sairia de casa, com as crianças, sem querer ouvir explicações.

Ele chegou em casa sem dizer nada. Por que o atraso? Muito trânsito. Por que essa

cara? Nada, nada. E, finalmente:

- Que fim levou a sua aliança?

E ele disse:

- Tirei para namorar. Para fazer um programa. E perdi no motel. Pronto. Não tenho desculpas. Se você quiser encerrar nosso casamento agora, eu compreenderei.

Ela fez cara de choro. Depois correu para o quarto e bateu com a porta. Dez minutos depois reapareceu. Disse que aquilo significava uma crise no casamento deles, mas que eles, com bom-senso, a venceriam.

- O mais importante é que você não mentiu pra mim.

E foi tratar do jantar.

Fonte: Veríssimo (2000, p.16)

A crônica *A aliança* foi publicada no ano 2000 no livro *As Mentiras que os homens contam*. O público-alvo é os possíveis leitores.

Na estrutura da crônica há uma posição de disjunção do agente produtor quanto ao mundo posto em cena, mas na apresentação o narrador emite um posicionamento acerca da finalidade discursiva do texto, admitindo a sua intencionalidade de forma proposital. Desse modo, há um narrar implicado.

A crônica *A aliança* está estruturada de acordo com as seguintes coordenadas gerais: é parte dos gêneros do mundo do narrar, o tipo discursivo predominante é a narração com presença do discurso interativo em que estão implicados os personagens envolvidos no ato comunicativo posto em cena. O plano de texto da crônica aliança comporta duas sequências principais. A sequência narrativa por causa da ocorrência de intriga, afastando a hipótese de *script* e a sequência dialogal, dando suporte ao discurso interativo posto em cena assinalado pelo narrador na etapa de apresentação. A junção dessas duas estruturas contribui para a produção de sentido almejado pelo agente produtor que desenvolve a narrativa, dando, já no início, bastante ênfase à apresentação: O narrador opta pela metalinguagem, assumindo a posição de narrador implicado. Essa opção estrutural dá à apresentação da crônica (MPn1) uma importância relevante para o desenvolvimento da história e para o efeito humorístico pretendido.

> **Esta é uma história exemplar**, só não está muito claro qual é o exemplo. De qualquer jeito, mantenha-a longe das crianças. Também não tem nada a ver com a crise brasileira, o apartheid, a situação na América Central ou no Oriente Médio ou a grande aventura do homem sobre a Terra. Situa-se no terreno mais baixo das pequenas aflições da classe média. Enfim. Aconteceu com um amigo meu. Fictício, claro. (VERÍSSIMO (2000, p.16)

Observa-se que o narrador abre a crônica afirmando que se trata de uma história exemplar, porém imprime um tom irônico e contribui para o humor do texto além de gerar expectativa no leitor. Após a introdução, que tem uma relevância discursiva muito grande nesta crônica, o narrador apresenta o nó, que é importante para as fases seguintes da narrativa.

> Conseguiu fazer o macaco funcionar, ergueu o carro, trocou o pneu e já estava fechando o porta-malas quando a sua aliança escorregou pelo dedo sujo de óleo e caiu no chão. Ele deu um passo para pegar a aliança do asfalto, mas sem querer a chutou. A aliança bateu na roda de um carro que passava

e voou para um bueiro. Onde desapareceu diante dos seus olhos, nos quais ele custou a acreditar. (VERÍSSIMO (2000, p.16)

Como é possível notar no trecho extraído da crônica, o uso de pretérito perfeito mostra a dinâmica dos acontecimentos que culminou na perda da aliança, gerando um grande problema para o personagem que de imediato passou a ter uma preocupação, isto é, como justificar o dedo sem a aliança. Para demarcar as ações posteriores à tensão, insere-se o discurso interativo a partir do emprego da sequência dialogal que permite confrontar o casal implicado. O personagem está implicado na defesa de uma tese que é verdadeira, mas que é totalmente refutada pelo seu interlocutor que embasa a sua rejeição no estereótipo de homem como alguém que não é afeito à fidelidade. Diante disso, a resistência da mulher à justificativa do homem desperta o riso já que no cotidiano a figura masculina sempre desperta a desconfiança da mulher. O fato é que o leitor sabe que o homem está falando a verdade, mas a pouca consistência não convence a sua interlocutora e isso é um elemento gerador de humor. É o que é visível no excerto a seguir:

- SEU CRETINO!

- Meu bem...

- Está me achando com cara de boba? De palhaça? Eu sei que aconteceu com essa aliança. Você tirou do dedo para namorar. É ou não é? Para fazer um programa. Chega em casa a esta hora e ainda tem a cara-de-pau de inventar uma história em

que só um imbecil acreditaria.

- Mas, meu bem...

- Eu sei onde está essa aliança. Perdida no tapete felpudo de algum motel. Dentro do ralo de alguma banheira redonda. Seu sem-vergonha! (VERÍSSIMO (2000, p.16)

O encaixamento da sequência dialogal insere o diálogo que fundamenta o desfecho da narrativa, a confissão do homem como reação ao descrédito da mulher à sua versão.

- Que fim levou a sua aliança?

E ele disse:

> - Tirei para namorar. Para fazer um programa. E perdi no motel. Pronto. Não tenho desculpas. Se você quiser encerrar nosso casamento agora, eu compreenderei.
>
> Ela fez cara de choro. Depois correu para o quarto e bateu com a porta. Dez minutos depois reapareceu. Disse que aquilo significava uma crise no casamento deles, mas que eles, com bom-senso, a venceriam.
>
> - O mais importante é que você não mentiu pra mim.
>
> E foi tratar do jantar. (VERÍSSIMO (2000, p.16)

A recusa aos argumentos do interlocutor, dispostos na sequência dialogal deixa nítida a descrença da mulher quanto à fidelidade do homem. O humor neste caso se justifica porque os leitores identificam esse comportamento como não somente dos personagens, mas dos indivíduos do sexo masculino de forma geral. Além disso, outro elemento que contribui para a geração de humor é o desfecho surpreendente em que se explora a quebra de expectativa, uma vez que a reação da mulher não era esperada diante da reação dela ao longo da narrativa. A postura inusitada implica o leitor a refletir acerca da situação e ao mesmo tempo também é garantida a reflexão, dado que o agente produtor insere na crônica o advento da moral MPnΩ.

> Ela fez cara de choro. Depois correu para o quarto e bateu com a porta. Dez minutos depois reapareceu. Disse que aquilo significava uma crise no casamento deles, mas que eles, com bom-senso, a venceriam.
>
> - O mais importante é que você não mentiu pra mim.
>
> E foi tratar do jantar. (VERÍSSIMO (2000, p.16)

Em suma, o autor mostra que a mentira muitas vezes nas relações sociais se mostra pertinente diante da necessidade de uma convivência social harmoniosa. Diante disso, o agente do discurso instiga o senso crítico do leitor quando insere um diálogo em que um dos actantes implicados age diante de um problema. Contudo, a forma como aconteceu foi bastante inusitada, mas mesmo assim o homem decide contar a verdade. O leitor sabendo que ele não mentiu é levado a rir com a situação, mas ao mesmo tempo a leitura desperta a seguinte moral: será que as pessoas querem realmente ouvir a verdade? Não seria melhor para o agente implicado no diálogo ter trocado a verdade que não convence por uma mentira convincente que seja validada pela sociedade?

# 5 A LEITURA DAS CRÔNICAS

## 5.1 Leitura da crônica “A verdade”

Para ler a crônica *A verdade*, centramos no conhecimento prévio que o aluno trazia de sua vivência. Iniciamos a atividade de leitura pela exploração do título, provocando o debate ea participação. O debate foi norteado com os possíveis assuntos relativos às verdades humanas. Solicitamos que os alunos explanassem as suas hipóteses sobre o que é verdade e como elas são produzidas. Existem verdades diferentes no universo feminino e no universo masculino? A nossa estratégia de ensino de leitura deu atenção especial à discussão da temática a partir do título, servindo como ponto de partida. Alguns alunos responderam sobre a noção de verdade**:**

**Trecho 1**

“[Aluno1] —verdades que são verdades, mas que não vieram à tona não é não?

[Aluno 2]—Verdades do dia a dia, verdades escondidas”.

[Aluno 3] —coisas do dia a dia que são escondidas dos dois universos.

[Aluno 4] —vai aparecer a relação que o homem tem pela mulher só que não conta a verdade, cada um conta a verdade, cada um conta uma mentira e vai acabar sendo exposta”.

A participação inicial dos alunos demonstrou que possíveis interpretações sobre o tema abordado na crônica, mesmo antes da leitura do texto, foi possível de ser construída.

Durante a leitura, alguns elementos linguísticos constituidores da sequência foram destacados. Tivemos, sobretudo, uma atenção especial para os verbos como elementos constituidores das sequências, mas outros elementos linguísticos também nortearam a nossa atividade de leitura. Além disso, atentamos para a constituição macroproposicional de cada uma dessas sequências. Ou seja, se estamos narrando, a nossa atenção sobre a intriga ganha ênfase por ser uma fase crucial para a orientação argumentativa da sequência:

**Trecho2**

[Professor]— “Que texto é esse, esse texto é descritivo, argumentativo, narrativo? [alunos interferem voluntariamente] — “narrativo”.

[Professor] —Agora esse texto começa narrando ou descrevendo?

[Alunos] — “Descrevendo”.

Esse pequeno fragmento traz uma amostra da participação inicial durante a leitura. Os alunos percebem que o texto introduz, abre o seu percurso produtivo buscando descrever o que inicialmente estava acontecendo. Percebe-se que eles têm essa percepção porque inicialmente cria-se a imagem da moça descansando, porém os posicionamentos dos alunos não foram embasados nas marcas linguísticas, mas na percepção.

Eles não demonstravam certeza, mas um dos alunos relatou que o uso do verbo "estava no pretérito imperfeito" e apontava para essa característica inerente à sequência. Provavelmente¸ o seu posicionamento ancorava-se no fato de que o pretérito imperfeito tem uma dinâmica diferente do perfeito e em uma sequência descreve o que está acontecendo.

**Trecho 3**

"[Professor]— Ele quer fazer a narração, mas para isso quer fazer o que?

[Uma aluna] — Ele quer fazer antes um detalhamento.

[Professor] — Ele quer detalhar, ele quer esclarecer porque quanto mais o texto for esclarecido, mais vamos ter capacidade para entender". (grifo nosso)

"[Professor] —E vocês lembram que a narração ela é muito...?

[Aluno] —Dinâmica.

[Professor] —Muito dinâmica, NÉ... então no início já sabemos o que está acontecendo com a donzela: ela perdeu um anel [alunos confirmam]

[Professor]—Para ser narração mesmo tem que ter uma tensão, uma problemática a ser descoberta no texto, não é? Vamos ver se a gente encontra essa..., vejam só."(grifo nosso)

Nesse segundo trecho, despertamos o aluno para a localização da tensão, do nó, uma vez que, de acordo com Bronckart (2007) e Adam (2019), é a intriga o principal aspecto constituidor da orientação argumentativa da sequência de uma narrativa, assim, não havendo esse nó, não podemos considerá-lo parte de uma narrativa, mas apenas um *script*. Seguindo esse percurso na atividade de leitura, pretendemos identificar juntamente com o aluno a macroproposição que, porventura, se caracterize como tensão. Este nó contribuiria para a ocorrência de uma sequência com macroproposições encadeadas até o desfecho da história. Desse modo, percorremos por esses dois caminhos, como aponta esse pequeno trecho da aula de leitura:

**Trecho 4**

[Professor] —Qual foi o problema então? [aluna] temendo o castigo.

“[Professor]— Então isso quer dizer que se trata de quê?

[Alunos] —Se trata então de um texto narrativo.

[Professor] —Para ser um texto narrativo realmente...

[Aluno]— Tem que ter uma consequência.

Na crônica, a identificação da macroproposição MPm2 referente à intriga, desencadeia uma sequência de ações reformuladas e reiniciadas várias vezes. Essa arquitetura da crônica estruturada pelo agente produtor tornou-se responsável pelo dinamismo da interação com o leitor e pelo forte caráter dialógico, dado que a cada reformulação o leitor era surpreendido. O efeito de surpresa prende a atenção e colabora para a intenção da leitura que, no caso da crônica em discussão, é a reflexão e o humor uma consequência disso.

Como já destacado, daríamos ênfase às marcas linguísticas que configuram cada uma das sequências. Nesse trecho, mostramos o momento em que saímos de uma sequência narrativa com estruturas descritivas encaixadas para um provável encaixamento de uma estrutura argumentativa demarcada pela presença da conjunção adversativa, “mas”. É o que observaremos no Trecho 5 da leitura, a seguir**:**

**Trecho 5**

[Professor] — O que foi que apareceu aqui?

[Os alunos] — Um “mas”.

[Professor] — Quando um “mas” aparece temos que ficar de antena ligada, não é? Por quê, para pensarmos em qual sequência?

[Aluno] — Contraste.

[Professor] —Contraste faz parte da qual sequência?

[Alunos] —Sequência argumentativa. (grifo nosso)

A presença da conjunção “mas” na estrutura dessa crônica é muito importante e atenta para a importância do encaixamento da argumentação, que exerce função importante para a compreensão global e para o alcance da finalidade do agente produtor na geração de humor, sendo um subsídio importante**.** É o que apresentamos a seguir:

**Trecho 6**

“[Lendo a crônica] —Agora me lembro não era um homem, eram dois.

[Professor]— Quem foi que disse isso?

[Os alunos respondem] —A donzela.”

Nesse trecho, observamos que os alunos estavam atentos à leitura e, nesse momento, a personagem, no seu papel de agente, reformula o que tinha falado anteriormente e gera o nó a ser desatado que, por consequência, redirecionou as ações. Essa organização das sequências contribui para a orientação argumentativa pretendida no texto, que é a partir do nó, envolver o leitor com as ações em direção a um desfecho.

É possível observar a importância do encadeamento das ações para a produção de humor a partir da observação desse pequeno trecho da aula:

**Trecho 7**

[Leitura] “Eu não roubei o anel, ele disse. Foi ela que me deu.

[Professor] — O que aconteceu agora “leitores surpresos ‘risos’ na sala de aula”.

A sequência de ações desencadeada, após o nó, revela MPs que, encadeadas, orientam o leitor a ponto deste, ao relacioná-la ao seu conhecimento de mundo, rir; a presente crônica cumpre bem esse papel. Foi o que constatamos a partir da reação da turma. Para alcançarmos esse efeito, não descuidamos de uma leitura que valorizasse esses traços linguísticos do texto, visto que em uma leitura silenciosa, por exemplo, esse jogo linguístico organizado pelo agente produtor, pode ser negligenciado pelo alocutor.

No papel de mediador, garantimos a exploração efetiva do potencial do texto. Com a crônica *A Verdade*, tivemos um índice muito pequeno de dispersão dos alunos durante a leitura. Constatamos que a estrutura narrativa é eficiente quanto à obtenção do engajamento do leitor.

Por outro lado, o dinamismo de uma narração em pretérito perfeito sofre a intersecção de argumentação com verbos no presente do indicativo, que ajuda na construção do posicionamento crítico do leitor, como fica nítido na interação a seguir:

**Trecho 8**

[Professor] —Olha a argumentação referente ao homem é dizer o quê?

[Aluno]— Dizer que ele era honrado.

[Professor]— Se o homem é honrado a mulher o que é? [alunos] desonrada. É justo isso? [alunos]— Não.

Ela queria saber o que era o amor. Nesse trecho, contribuindo também com o riso, o agente produtor se utiliza do recurso da ironia para dialogar com o leitor, o que desencadeia em reflexão e riso, e essa reflexão perpassou pela visão de desvantagem que sofre a mulher sempre sob forte pressão da família e da sociedade.

Na crônica, as proposições encaixadas na sequência narrativa estabelecem um movimento argumentativo embasado na premissa do homem como figura honrada e que a mulher ocuparia o lado oposto disso tudo, uma vez que a história, no plano geral, mostra que esse contraste é visível, e isso acontece diante da virada discursiva na crônica, que muda o papel da mulher na história.

No geral, esse jogo linguístico destaca a intenção do locutor, de trazer o alocutor a entender a ironia presente no movimento argumentativo em voga. Neste caso, o encaixamento da sequência argumentativa visível na estrutura da proposição ancorada no presente do indicativo, contribui para o entendimento da crônica de humor, que nasce da intersecção entre a representação linguística e discursiva proveniente do conhecimento de mundo do aluno.

Nesse momento, voltamos aos assuntos discutidos no momento de problematização, ou seja, os alunos resgataram, recorrendo à sua própria realidade e ao que foi debatido. Neste caso, a discussão do momento teria sido a menor pressão sobre as ações dos meninos. As meninas, segundo as conclusões depreendidas durante o debate, são mais cobradas do que os meninos.

Por fim, fechamos a leitura em MPnΩ, ou seja, o cronista fecha a estrutura linear caracterizada pela narrativa, uma avaliação final voltada a dividir com o leitor a responsabilidade sobre a produção de sentido, responsável para a produção de sentido geradora, neste caso, de humor. É o que vemos no trecho a seguir:

Trecho 8

[Leitura] —A verdade é que achei um anel na barriga de um peixe, mas quem acreditaria nisso “Euforia dos alunos”

[Professor] —Ele mais uma vez trouxe uma... [aluno} argumentação.

[Professor] — Aí ele colocou.

[Leitura] — O pessoal quer ver violência e sexo e não história de pescador. Reação de surpresa da turma fechando a leitura com riso e aplausos.

Observamos, de modo geral, que a organização do texto comprovadamente narrativo, com estruturas descritivas e argumentativas encaixadas contribuiu para o engajamento do leitor diante dos acontecimentos, e que o riso decorrente do percurso do leitor pelo itinerário proposto pelas sequências é a consequência da orientação argumentativa dessas sequências, que são organizadas para provocar no leitor sempre um efeito de compreensão.

### 5.2Leitura da crônica “O trapezista”

Sendo obediente a nossa proposta de leitura, iniciamos pela exploração do título. Fomos, neste caso, surpreendidos pelo pouco conhecimento que os alunos tinham acerca da palavra trapezista. Não esperávamos por isso, uma vez que o trapézio é um número circense muito conhecido.

A nossa hipótese inicial para existência desse desconhecimento circunda sobre a perda de prestígio do circo como atividade cultural nos últimos tempos. Tivemos um silêncio inicial da turma, mas a partir de algumas pistas, alguns lembraram o significado e se manifestaram.

A manifestação inicial abriu espaço para a nossa contribuição e, a partir dessa discussão inicial, explicamos a todos o que é um trapezista, o que faz e juntos ampliamos essa discussão à medida que a lembrança de alguns sobre o espetáculo circense foi resgatada, mesmo que timidamente.

O interessante de começar pelo título é o fato de já explorar possíveis interpretações e, no caso da crônica *O trapezista,* funciona bem por causar importância do título para o sentido global do texto. Essa é uma característica das crônicas de Luís Fernando Veríssimo que às vezes mais, às vezes menos, dialoga com o texto, sempre exercendo uma função importante. Para isso atentamos a esse trecho da aula:

**Trecho 1**

[Professor] — A partir desse conceito do que é trapézio o que tem a ver a palavra trapezista com o universo Masculino e Feminino?

[Aluna] —Andar de mãos dadas.

[Professor] —Com referências ao tema que discutimos - o universo masculino e feminino, você faria alguma relação com a expressão *O trapezista*?

[Alunos] —Varia porque ser trapezista é tanto para homem como para mulher.

[Aluno] —Eu acho que entre a mulher e o homem tem os altos e baixos, a altura e o chão.

**Trecho 2**

Até o momento tem uma pessoa falando ao telefone, com ele ou com ela? [Alunos]— com ela. — Com ela porque tem "querida". — Ele conversando com ela.

[Professor] —Até aí eu digo que se trata de um texto narrativo, descritivo, argumentativo.

[Aluno] —Argumentativo porque eles estão argumentando.

[Professor] — E quem é que está puxando essargumentação aí, é ele ou ela?

[Aluno] — Ele.

[Aluno] — Ele estava dizendo quem era ele.

**Trecho 3**

[leitura] podiam ser gêmeos. Agora, querida, nunca em nenhum momento me passou pela cabeça a ideia de que você fosse pensar. Querida, eu estou até começando a achar graça que você fosse pensar que aquele era eu.

[Alunos] — Oh, não era eu. Rsrs.

Nos três trechos do texto, observamos três situações diferentes. No primeiro, observamos uma discussão que introduz a leitura e, a partir dessa discussão permitimos a interação do aluno com o texto.

Já no segundo, observamos que os alunos, apesar de não se tratar de uma estrutura argumentativa clássica, mas de uma argumentação introduzida em uma estrutura dialogal, compreenderam que, na conversa dos agentes, havia uma argumentação, ou seja, um direcionamento voltado ao convencimento.

Quanto ao trecho3, foi possível observar que a opção pela sequência dialogal por parte do agente produtor contribui para a produção do riso, uma vez que se trata de uma interlocução em que um dos actantes o tempo todo suprimiu a fala do outro, muitas vezes até com tom intimidador. O outro ponto gerador de humor é a fácil percepção por parte do alunado envolvido na leitura, em uma situação em que eles perceberam com facilidade a contradição do agente da interlocução, representado pela figura masculina. Em suma, esse movimento argumentativo encaixado, tem toda uma função na geração de humor.

A forte contradição do agente, presente no movimento transacional, encontra reconhecimento quando o leitor ativa o seu conhecimento de mundo. O conhecimento imediato que já o acompanha e aquele despertado quando problematizamos sobre os assuntos de interesse desse grupo.

Esse arranjo estilístico de repetidor da voz feminina ou mesmo de superposição dessa voz pela voz masculina dialoga com o que os jovens participantes da leitura já reconhecem como algo válido e do seu conhecimento. E o riso vem justamente dessa situação inusitada que também é vista no dia a dia dos relacionamentos, porém o texto traz, com certo exagero, utilizando do recurso da caricatura para provocar riso de forma mais fácil e, ao mesmo tempo,chamar a atenção para essa realidade inerente à relação homem e mulher. O trecho seguinte, extraído da aula, reforça o que acabamos de discorrer:

**Trecho 4**

[leitura] Sim, não. Faça-me um favor e a cara das bandidas, francamente, já que você não confia na minha fidelidade que confiasse no meu bom gosto, né? Poxa. O quê, o Quê, querida. Eu não disse pareô vermelho. Tenho a mais absoluta, a mais tranquila, a mais inabalável certeza que eu disse apenas pareô, como é que eu podia saber que era vermelho se a fotografia não era em cores. Alô, não desliga, não desliga.

“Rsrs na turma.”

[Leitura] Não desliga, olha se você desligar está tudo acabado você não precisa nem voltar. Aluno: ele se entregou quando ele disse que o pareô era vermelho, disse que a foto era preto e branco.

“Rsrsr Da turma”.

Observamos nesse quarto trecho da nossa leitura, que a turma depreendeu fácil a intencionalidade do agente produtor e que a organização em diálogo busca justamente simular uma realidade que se dá no mundo real, mas que é colocada de forma caricata para chamar

atenção e produzir riso, contudo, ao mesmo tempo, chamar a atenção por ironizar essa relação desigual de confiança que, nem de longe, se aproxima da que tem o trapezista, que geralmente participa de um espetáculo. Ou seja, o leitor, ao rir da situação, invalida essa comparação. Ao relacionarmos a reflexão sobre o título colocado lá no início e o que realmente o diálogo traz, a única reação louvável, proveniente de quem entendeu foi rir dessa situação extremamente contraditória posta para a turma.

Observamos, fazendo uma avaliação geral, que a opção por ancorar o texto em N5 se dá pela importância da estrutura dialogal e mais ainda pela argumentação encaixada no diálogo para a geração de sentido e atende perfeitamente à finalidade da crônica humorística com argumentos que asseguram o aguçamento do senso crítico e o diálogo caricato com argumentações absurdas para garantir além da crítica e o riso.

O texto atendeu bem ao propósito da aula e todos os alunos riram e ficaram estupefatos com os argumentos absurdos. É um texto relativamente fácil e isso ajudou na interpretação. O que faltou foi entrarem um segundo ponto, talvez mais complexo para os alunos compreenderem que seria a possibilidade relacionar à expressão *O trapezista* a uma atividade de risco. Situação esta que se assemelha ao que o homem faz em um relacionamento, ou seja, pôr em risco o próprio relacionamento.

### 5.3Leitura da crônica *O Encontro*

Agora, o nosso material de análise é de leitura da crônica *O Encontro,* de Luis Fernando Veríssimo. Repetindo o que fizemos na leitura anterior, começamos pela exploração do título do texto. O título despertou de imediato a atenção do alunado, uma vez que a conexão com o assunto problematizado foi imediata. É o que vemos no trecho a seguir.

**Trecho 1**

[Professor] —Vocês achariam que esse título *O Encontro,* seria uma discussão sobre o quê?

[Alunos] — Homem e mulher de novo]

[Professor] —Homem e mulher como, amigos e inimigos, casal?

[Alunos]—Um casal se conhecendo.

Esse primeiro trecho da aula mostra como a conexão foi imediata ao especular sobre o possível assunto. De imediato, os alunos apontaram que se trataria do encontro entre um homem e uma mulher. Na abertura do momento de leitura, os alunos atentaram para a

presença de sequências no pretérito perfeito, apontado para um relato de acontecimentos em formas de *script*, que situa o leitor no acontecimento-chave narrado pelo agente produtor.

**Trecho 2**

[Professor] —Vamos ver os verbos: encontrou é pretérito perfeito ou imperfeito?

[Alunos] perfeito.

[Professor] —Então esse pretérito perfeito passa uma ideia de quê? Narração ou descrição? Houve aí uma sequência de acontecimentos. Quis virar, mas por que ela não virou? O carrinho dela parou, olha o pretérito perfeito novamente.

Após essa fase inicial, a leitura sustentou-se em sequências transacionais; as trocas culminaram em um desfecho inesperado: os alunos descobriram que ambos já tinham convivido juntos. Foi a reação da turma, que interagiu de imediato com esse acontecimento:

**Trecho 3**

[Professor] —Primeira pista que fica aí, esse casal se conhece ou não?

[Aluna]—Acho que se conhecem porque os dois sorriram.

[Professor] Sorriram? [Alunos]—Acho que eles se conheciam

[Professor] Será?

[Aluno]—Foi por causa da surpresa. Ela olhou assim e disse “Josefina’. RSRS “Aluno brinca”

[Aluno] — Se embaraçou quando viu que era ela. Rs.

[Professor] —Vamos descobrir que casal é esse?

[Professor]— Mas pareceu o primeiro encontro?

[Alunos] — Uns afirmam que sim, outros que não.

[Leitura] — Eles tinham estado casados por 6 anos.

[Alunos] “—Todos ficaram surpresos com a descoberta” [Continuação da leitura] E aquela era a primeira vez que se encontraram depois da separação.

Nesse trecho, foi possível observara reação do leitor diante uma estrutura com trechos de narração, mas intercalada de uma estrutura dialogal (transacional) feita justamente para surpreender o leitor, para possibilitar uma interação que, de imediato, provoque riso por ser algo inesperado. Diante disso, temos uma estratégia linguístico-discursiva decorrente da ação do agente produtor para provocar riso.

A sequência dialogal, muito importante no plano de texto da crônica, aparece em muitos trechos apoiada na argumentação. É o que observamos quando detectamos o uso da conjunção no momento em que o agente do discurso faz um juízo de valor sobre a sua interactante que um pouco mais a frete observamos ser uma contradição.

**Trecho 4**

[Professor] — Observe que ele usou aqui o ‘mas’. Esse mas quer dizer que ele está introduzindo aí?

[Aluno]— Uma opinião. [Leitura] [...] fora logo depois da separação, ele não tivera de dar condolências formais à mulher que uma semana antes ela chamara de...

[Alunos complementam] ...vaca.]

[Professor] —Que negócio é esse, uma hora se emociona, outra hora chama de quê? [Alunos] vaca.

A existência de contradição é um elemento gerador de riso, visto que há identificação com a realidade no que concerne a muitos relacionamentos que vivenciam essa situação e a identificação do público leitor diante disso é imediata. Nesse caso, as proposições presentes no movimento argumentativo dos agentes do discurso permitem a geração de falsas premissas, facilmente repelidas pelo público leitor por não condizerem com a realidade, visto que a compreensão global não atesta isso.

Essa reação é corroborada pela leitura das últimas sequências transacionais que fecham a crônica como veremos a seguir:

**Trecho 5**

[Leitura]— “Guardou as compras antes de dormir”.

[Professor] —Já estava onde? [aluna] —Na casa dele. Quando ele chegou ao apartamento abriu uma lata de patê, o pacote de bolachas, abriu o vinho português, ficou bebendo e comendo sozinho até ter sono e aí foi dormir.

[Professor] —Aí quem foi que disse... Aquele farsante, pensou ela antes de dormir, pensou ele, aquela vaca. Rsrsrs na turma.

[Professor] —Percebeu o que houve aqui duas... Alunos... Opiniões.

**Trecho 6**

Tinha sequência descritiva, mas a que mais tinha era o quê?

[Aluno] — argumentativa. [Professor] Só que era uma argumentação, como a argumentação era?

[Aluno] — era sobre uma opinião da pessoa. O que tem no texto o tempo todo? Debatiam eles.

[Alunos]— Conversavam.

[Professor] —Observe que havia uma sequência argumentativa, mas em todo o texto havia uma sequência dialogal. Ou seja, um argumentava de um lado, outro argumentava do outro. Observe. Servia para uma argumentação para prova do Enem.

[Aluna] —Não porque era um texto mais para agradar as pessoas.

Em suma, os alunos perceberam, diante da leitura interativa do texto que o diálogo, tão importante para esse texto, tem o encaixamento da argumentação como um elemento primordial gerador de reflexão e humor, pois dependem justamente de uma argumentação que não faz sentido quando confrontado ao seu conhecimento de mundo do aluno.

### 5.4Leitura da crônica “A aliança”

O título dessa crônica foi bem sugestivo. A primeira palavra proferida na sala de aula foi união. Em seguida, citaram namoro, casamento. De forma fácil, entramos no assunto relacionamento e, a partir desse ponto, ampliamos as nossas discussões.

Assim que iniciamos a leitura, apareceu no texto a palavra *Apartheid*. Para grande parte dos alunos, essa palavra provocou estranheza. Problematizamos e fomos buscar respostas para as interrogações postas no momento.

Ao discutir sobre o significado da palavra, simultaneamente, atentamos para o tipo de construção presente no texto nesse momento em que a palavra *Apartheid* passou a ser objeto de discussão.

**Trecho 1**

[Professor]—Agora veio um conjunto, um bloco de acontecimentos. Vocês sabem o que é isso daqui? Vocês sabem, o que é *Apartheid*.

[Aluno] —Sei, sei, é aquela revolução lá.

[Professor] —Era um regime que havia na África e separavam negros de brancos, por exemplo, escola só para negros, escola só para brancos [aluno] [Professor] —Ainda hoje tem. Bairros só para brancos e para negros.

[Professor] —Então nisso aqui ele usa uma sequência, essa sequência é uma sucessão de fatos, é o relato de algum assunto, é o que? Observe que todos os verbos estão em qual tempo.

[Aluno]— no presente.

O presente trecho comprova que, além de buscarmos a ativação de algum conhecimento prévio sobre o assunto, observamos como um segmento é estruturado para tecer uma explicação e, neste caso, de imediato, constatamos que um aluno observou que o verbo aparece no texto muitas vezes no pretérito, entretanto, neste caso, apareceu no presente do indicativo. Com isso, os alunos perceberam a diferença ocorrida quando se conta algo, seja uma história com intriga, seja quando esquematizado em forma de *script*. Observamos uma diferença no quesito espaço temporal que demarca a diferença entre um mundo conjunto e disjunto como bem discute Bronckart (2007) em nosso marco teórico.

Pouco momento depois que focamos uma discussão no presente do indicativo, a história engrenou uma sequência no pretérito perfeito que deu agilidade ao texto e permitiu-nos sair da discussão teórica para o relato dos fatos. Mostraremos, a seguir, o efeito do relato dos fatos a partir do encadeamento de proposições no pretérito perfeito que engrenou uma

sequência de acontecimentos geradora de uma reação por parte da turma, como vemos no trecho a seguir:

**Trecho 2**

Conseguiu fazer o macaco funcionar, erguer o carro, trocar o pneu e já estava fechando o porta-malas quando a aliança escorregou pelo dedo sujo do óleo e caiu [Surpresa na turma] ele deu passo para pegar a aliança do asfalto, mas sem querer chutou “rsrs da turma”

[Professor] —Perceberam que o texto vinha contando umas coisas, mas quando chegou nesses verbos aqui o que foi que aconteceu com o texto?

[Alunos]— acontecimentos.

[Professor]— percebeu que o texto ficou mais rápido

[Aluno] —ficou.

A sequência de verbos deu uma aceleração no texto. Agora deu para perceberam que ele está narrando algo...

[Aluno] de fatos...

A partir desse ponto, continuamos a leitura e em um determinado momento questionamos acerca da característica da narrativa e nesse momento aproveitamos para tratar do nó. Questionamos o alunado acerca da existência desse nó a ser desatado que, no esquema apresentado por Adam (2019), tratamos como M2 de acordo com o modelo hierárquico vigente em uma estrutura narrativa.

**Trecho 3**

Olha que o verbo continua em qual tempo?

[Alunos] —Pretérito perfeito [leitura] começou a pensar no que diria para a mulher, imaginou a cena.

[Professor]— Lembra que eu disse que toda narrativa deve ter uma...

[Aluno]— Uma tensão. [professor] até agora apareceu aí a tensão, qual é o nó a ser desatado?

[Aluno] “—esclarecer a mulher sobre a perda da aliança”.

Podemos notar que a orientação argumentativa proposta em uma estrutura narrativa foi identificada pelos alunos e que parte desse ponto o conjunto de ações provenientes da tensão, visto que essa sequência de ações quando relacionada ao conhecimento de mundo, unindo-se à competência linguística e discursiva é geradora de humor pela forma cômica como é colocada, dado que se convencionou na visão feminina a pouca confiança que se tem nos homens.

**Trecho 4**

[Leitura]— E a aliança voando para o banheiro,

[Professor]“—Êpa”, bueiro. rsrsr e desapareceu

[Leitura] — Que coisa, que coisa... Não é difícil de acreditar, não. Pois é, seu cretino. [turma] —Rsrsrs na turma.

[Leitura] Seu cretino, aí ele, meu bem, meu bem. Rsrs.

[Leitura] Está me achando com cara de boba, de palhaça. — Eu sei o que aconteceu com essa aliança você tirou do dedo para namorar.

[Alunos]— Rsrs

Nesse momento, o aluno é levado a rir por identificar certa familiaridade acerca da situação apresentada na história, esta vista de forma caricata, porém facilmente relacionável ao cotidiano dos casais, este, geralmente, permeado por cenas de ciúme e desconfiança das mais diversas.

Diante dessa situação de instabilidade, a narrativa de Luís Fernando Veríssimo busca a avaliação do destinatário sobre a história, convocando o leitor a uma reflexão sobre a realidade do casamento, marcado na maioria das vezes pelo clássico recuo das mulheres, quando postas a refletir sobre uma situação de separação. É o que podemos refletir ao observar o seguinte trecho:

**Trecho 5**

[leitura] — E finalmente, que fim levou a sua aliança. E ele disse. Tirei para namorar, para fazer um programa e perdi no motel. Pronto. Não tenho desculpas, se você quiser encerrar nosso casamento agora eu compreenderei.

[Reação da turma] —Risos. Vamos lá, mas ele sabe agora. E ela fez a cara de choro, depois correu para o quarto e bateu com a porta. — PÁ.

[Turma] RSRSRS.

[Leitura] Dez minutos. Ela reapareceu, disse que aquilo significava uma crise no seu casamento, mas que eles com bom senso a venceriam. O mais importante é que você não mentiu para mim e foi cuidar do jantar.

[Aluno} — Ela aceitou mais ele dizendo a verdade do que mentira. Rsrs.

[Professor]— Pessoal. Perguntinha básica. Disse que aquilo que significa uma crise no casamento dele, mas que ele com bom senso a venceriam.

A reação de riso diante da atitude da mulher é uma demonstração de que a turma reconhece tudo o que está acontecendo e ri pela forma que a situação foi posta na história, mas no final, isso se dá por reconhecer questões como desigualdade de gênero e outras situações relativas à relação entre homens e mulheres.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa esteve apoiada na pretensão de elaborar um trabalho didático de ensino de leitura, tendo como base teórica o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD). Contudo, a experiência de sistematização que guiou esse trabalho deu evidência aos recursos linguísticos presentes no nível n5 da estrutura profunda do gênero crônica de humor como estratégia de ensino, ressaltando os aspectos relacionados à orientação argumentativa dessas estruturas quando usadas para a mediação na atividade em uma perspectiva linguístico-discursiva.

O percurso percorrido até o alcance do resultado é alicerçado nas seções cuja ênfase é a abordagem teórica adotada com enfoque no conhecimento acerca do funcionamento do gênero; além disso, abordamos uma metodologia que sistematiza as ações didáticas e de coleta de dados e, por fim, discorremos sobre a análise das crônicas para a sustentação da atividade pedagógica pretendida e o de relato das experiências na sala de aula.

Quanto ao arcabouço teórico apresentado, apresentamos os estudos desenvolvidos no âmbito da ISD, sobretudo, na experiência acerca da eficácia do uso da estrutura linguística das sequências como estratégia do ensino de leitura, uma vez que discorre sobre a eficiência do gênero empírico no processo de ensino, levando em conta o contexto de produção. O ensino embasado na reflexão sobre a língua mune o leitor de ferramentas visíveis, cuja mediação docente guia a compreensão. A proposta de inserção do aprendiz como agente nesse processo de reflexão e operacionalização da linguagem para aprender ajudou-nos a mostrar que contextualizando a experiência e munindo o educando leitor do conhecimento de mundo necessário, diga-se competência discursiva e linguística, a leitura das crônicas de humor mostrou-se efetiva, já que o riso só é possível diante da intersecção desses fatores.

Entretanto, não se trata de riso pelo riso, mas de um humor proveniente da experiência de pré-leitura ao envolver a contextualização do assunto e a leitura dos elementos paratextuais, a exemplo de títulos como *O trapezista* e *A verdade* que guardam estreita relação com a compreensão global do texto, aliado a uma atividade de leitura prévia e da delimitação das coordenadas gerais constitutivas do gênero.

Concernente à metodologia, estivemos alicerçados no princípio da mediação para um uso efetivo da linguagem como elemento de favorecimento do ensino, para isso, embasamo-nos na pesquisa-ação, dada a postura ativa do educando diante da experiência de leitura. Consequentemente, foi possível mediar o processo e organizar o campo de pesquisa para uma

eficiente obtenção dos dados. Por causa disso, conseguimos ter uma percepção, mobilizando as competências necessárias em favor do ensino a partir da leitura do gênero crônica de humor, centrando na organização das competências linguísticas e discursivas necessárias.

No capítulo de análise dos dados, conseguimos verificar que o conhecimento teórico e analítico sobre o gênero objeto de ensino pode ser eficiente como estratégia de ensino quando mediado pelo professor se atendido um critério de sistematização. Ao didatizar o processo, constatamos que tanto o conhecimento acerca das sequências textuais quanto o discursivo, relacionado aos conhecimentos prévios do leitor, são cruciais para a boa interpretação do aluno. O diferencial estaria na permissão estratégica de explorar esses dois pontos em favor da aprendizagem.

Atestamos, no percurso de análise a pertinência do uso das sequências como instrumento de orientação para a compreensão do texto, no entanto, a contextualização presente nos debates que antecederam a leitura permitiram um engajamento mais fácil pela questão motivacional. Por outro lado, limitou a interpretação dos alunos à questão da relação homem e mulher.

Situação semelhante aconteceu nas demais leituras. Diante disso, concluímos haver a necessidade dedar continuidade à pesquisa e acrescentar outras possibilidades de análises. A identificação desses pontos e a contextualização do processo permitiram-nos uma visão mais apurada do percurso e o desejo de compreender melhor esse processo, ampliando horizontes.

Contudo, as conclusões resultantes dessa experiência de intervenção ofereceram respostas bastante plausíveis a ponto de servirem de referência ao trabalho de ensino de leitura de outros professores. Por outro lado, é bom salientar que não se trata de um produto acabado, mas de um ponto de partida que a partir dessa e de outras experiências, podem ser aperfeiçoadas.

## REFERÊNCIAS


ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual**: Introdução à análise textual dos discursos. Revisão técnica: João Gomes da Silva Neto. 2 ed. revista e aumentada. São Paulo, Cortez: 2011.

ADAM, Jean-Michel, 1947- **Textos: tipos e protótipos**/ Jean-Michel Adam: tradução de Mônica Magalhães Cavalcante... [ET AL], -São Paulo: Contexto, 2019.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch / **Estética da criação verbal** prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov: introdução e tradução do Russo Paulo Bezerra. - 5ª- São Paulo: Editora WMF: Martins Pontes, 2010.

BONINI, Adair. **A noção de sequência textual na análise pragmático-textua**l de Jean-Michel Adam. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirrée (org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates.** 2 ed. São Paulo: Parábola, 2007.

BRASIL.**Parâmetros Curriculares Nacionais para séries finais do Ensino Fundamental**: Língua Portuguesa. Brasília/DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** (versão preliminar). 2015. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio Acesso em: 21 set. 2020.

BRONCKART, Jean Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos**: Por um interacionismosociodiscursivo. (trad. Anna Rachel Machado). São Paulo: EDUC, 1999.

BRONCKART, Jean Paul. **O agir nos discursos:** das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores**.** Trad. Anna Rachel Machado, Maria de Lourdes Meirelles Matencio – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

CAPES. Superior – **Programa de Mestrado Profissional** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível em Letras (Profletras). <http://capes.gov.br/educacao-a-distancia/profletras>. Acesso em: 23 jan. 2020.

CHAVES,Jésura Lopes Chaves. **Compreensão leitora e estrutura argumentativa no gênero crônica**.v. 2, n. 1, p. 91 - 104, julho 2009. Revista Eletrônica.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola.** Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

FERREIRA, Simone C.S.**A crônica**: problemática em torno de um gênero 2005f . Dissertação (Mestrado em Linguística) -Programa de Pós-Graduação em Linguísica, Universidade Federal de Uberlândia:Eduf. 2005.

KOCH, IngedoreGrunfield Villaça. **As tramas do texto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LEURQUIN, Eulália Vera Lúcia Fraga. **O espaço da leitura e da escrita em situação de ensino e aprendizagem de português língua estrangeira**. Eutomia. Recife, v. 14 (1), p. 167-186, dez. 2014.

POSSENTI, Sírio. **Os Humores da Língua: análises Liguísticas** de Piada/Sírio Possenti-Campina, SP: Mercado das Letras, 1998.

RAMPAZZO, Sônia Elisete; CORRÊA, Fernanda Zanin Mota. **Desmistificando a Metodologia Científica**: guia prático de produção de trabalhos acadêmicos. Rio Grande doSul: Habilis, 2008.

RODRIGUES, Rosangela Hammes. **Os gêneros do discurso na perspectiva da linguagem**: a abordagem de Bakhtin. In: Gêneros: teorias, debates/J.L. Meurer, Adair Bonini, DésiréeMotta_Roth, Organizadores-São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MACHADO, Ana Rachel. **A perspectiva interacionista de Bronckart**. In: **Gêneros, teorias, debates**/J.L. Meurer, Adair Bonini, DésiréeMotta_Roth, Organizadores-São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MAGALHÃES, Helena Maria Gramiscelli. **Aprendendo com humor**. São Paulo: Mercado de Letras, 2010.

MARQUESI, SueliCristina.**Planos de texto, sequências textuais e orientação argumentativa**. In:POSSENTI, Sírio. O que faz rir, afinal? In:Os humores da língua: análises linguísticas de piadas. 3ª ed. Campinas: Mercado das Letras. 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P. et al. (org.) **Gêneros textuais & ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

SANTANA, CARVALHO. Catiana Santos Correia. **Contribuições do interacionismosociodiscursivo para a leitura de crônicas**.In:Ensino de Língua e literatura: gênero textual e letramento. Jeane de Cássia Nascimento Santos; José Ricardo Carvalho; Marileia Silva dos Reis (Organizadores). Aracaju: Criação; Itabaiana: Profletras, 2017.

VERÍSSIMO, Luiz Fernando. **As mentiras que os homens contam**. RJ: Objetiva, 2000.

VYGOSTSKY, L.S. **A formação Social da Mente**. Livraria Martins Fontes. São Paulo 1991.

# ANEXOS

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PPLP)
Unidade Itabaiana

## ANEXO A - TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

**Título do projeto:** Gênero de texto crônica de humor: estratégias didático-metodológicas para o ensino de leitura em sala de aula.

**Pesquisador responsável:** Emelson José Silva dos Santos

**Orientador:** Prof. Dr. José Ricardo Carvalho

**Instituição/Departamento:** Universidade Federal de Sergipe/ Unidade Itabaiana

**Local da coleta de dados:**

O pesquisador do projeto **gênero de texto crônica de humor: estratégias didático-metodológicas para o ensino de leitura em sala de aula** se compromete a preservar a privacidade dos sujeitos da pesquisa, cujos dados serão coletados através de questionários, gravações ou filmagens. O pesquisador também concorda com a utilização dos dados única e exclusivamente para a execução do presente projeto. A divulgação das informações só será realizada de forma anônima e os dados coletados, bem como os Termos de Consentimento Livre Esclarecido e o Termo de Compromisso de Coleta, serão mantidos sob a guarda do Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede, da Unidade de Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe, por um período de (cinco anos), sob a responsabilidade do professor _____.

Após este período, os dados serão destruídos.

Itabaiana/SE, ____ de _____ de 2020.

_____

Emelson José Silva dos Santos

_____

José Ricardo Carvalho

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PPLP)
Unidade Itabaiana

## ANEXO B - TERMO DE COMPROMISSO PARA COLETA DE DADOS EM ARQUIVOS

**Título do projeto:** Gênero de texto crônica de humor: estratégias didático-metodológicas para o ensino de leitura em sala de aula.

**Pesquisador responsável:** Emelson José Silva dos Santos

**Orientador:** Prof. Dr. José Ricardo Carvalho

**Instituição/Departamento:** Universidade Federal de Sergipe/ Unidade Itabaiana

**Telefone para contato:** (79) 3432-8237

O pesquisador do projeto acima declara estar ciente das normas, resoluções e leis brasileiras que normatizam a utilização de documentos para coleta de dados identificados e, na impossibilidade de obtenção do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), devido a óbitos de informantes, assume o compromisso de:

I. Preservar a privacidade dos sujeitos, cujos dados serão coletados;

II. Assegurar que as informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do projeto em questão;

III. Assegurar que as informações obtidas serão divulgadas de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificar os sujeitos da pesquisa.

Itabaiana/SE, ___ de _____ de 2020.

_____

Emelson José Silva dos Santos

_____

José Ricardo Carvalho

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PPLP)
Unidade Itabaiana

# ANEXO C -TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Eu, _____, aluno(a) do ____ ano do ensino fundamental, do _____ Teixeira localizado no município de _____, autorizo o professor **Emelson José Silva dos Santos**a utilizar minha imagem e minhas produções referentes às atividades relacionadas ao projeto **Gênero de texto crônica de humor: estratégias didático-metodológicas para o ensino de leitura em sala de aula**, desenvolvido pela mesmo, em uma pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, junto à Universidade Federal de Sergipe.

Estou ciente de que as produções serão despersonalizadas e de que minha identidade será mantida em sigilo.

Itabaiana/SE, ____ de _____ de 2020.

_____

Assinatura por extenso